

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO - ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM SOCIOLOGIA.

Maria Regina Ribeiro Reis

*Na Friadagem do Mangal: organizar e tirar caranguejos nos fins
de semana em Bragança (Vila do Acarajó).*

Belém – Pará
2007

Maria Regina Ribeiro Reis

Na Friadagem do Mangal: organizar e tirar caranguejos nos fins de semana em Bragança (Vila do Acarajó).

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará.

Área de concentração: Sociologia

Orientadora: Profa. Dra. Lourdes de Fátima Gonçalves Furtado.

Co-orientadora: Profa. Dra. Maria José da Silva Aquino.

Belém – Pará
2007

Maria Regina Ribeiro Reis

Na Friadagem do Mangal: organizar e tirar caranguejos nos fins de semana em Bragança (Vila do Acarajó).

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará.

Área de concentração: Sociologia

Data da aprovação:

Banca Examinadora

_____ - Orientadora
Profa. Dra. Lourdes de Fátima G. Furtado (Antropóloga).
Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG/ UFPA)

_____ - Co-orientadora
Profa. Dra. Maria José da Silva Aquino (Socióloga)
Universidade Federal do Pará (UFPA/ DESOC)

_____ - Examinadora Interna
Profa. Dra. Denise Machado Cardoso (Antropóloga)
Universidade Federal do Pará (UFPA/ DEAN)

_____ - Examinador Externo
Prof. Dr. Horácio Antunes de Sant'Ana Junior (Sociólogo)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

- Para o meu grande amor José Maria Siqueira Neto, pela demonstração de todo seu amor, respeito, paciência, tolerância e acima de qualquer dúvida a sua cumplicidade. Muito mais através de gestos do que com palavras, porque “palavras o vento leva”.

- Para o meu filho, Carlos Vinícius Reis. Pela atenção, dedicação e perseverança e nunca esqueça que, se não tiver em quem confiar, confie em si mesmo, mas nunca desista dos seus sonhos, por mais difíceis que possam parecer, porque “no meio do caminho tem uma pedra”... tem um caminho e nenhuma pedra.

- Para meu neto, Carlos Eduardo Carrera Reis, que entrou na minha vida sem pedir licença e já me dá uma enorme força para seguir com o barco e enfrentar as turbulências.

São meus três amores e, sem as suas presenças a minha vida seria sem sentido. Por vocês e para vocês é que eu cheguei até aqui.

Dedico este trabalho, muito especialmente também a você, vó Olindina, que com sabedoria me disse certa vez: “A MAIOR RIQUEZA DA VIDA DA GENTE SÃO AS PESSOAS”.

AGRADECIMENTOS

Fazer agradecimentos não é uma tarefa fácil, pois o risco de cometer injustiças é muito grande e simplesmente dizer um “muito obrigado” é muito pouco diante da imensidão do “mar de pessoas” que colaboraram para que este estudo fosse possível.

Primeiramente quero agradecer ao Zé, Vini e Kadú que são a minha família e indiscutivelmente formam o alicerce da minha existência, são responsáveis pela elaboração e conclusão de todo o processo do “navegar” que a vida acadêmica representa. A demonstração de um amor infinito através de pequeninos gestos, além do carinho, paciência e do respeito que nutrem por mim.

Através de letras de músicas como “O Vendedor de Caranguejo” deixado propositadamente na tela do computador, um telefonema, uma xérox, ou simplesmente através da pergunta: Como estão as coisas? Ou: Mãe, cadê você? São vocês que constroem a vontade e a certeza de que “navegar é preciso”. Obrigada, Vini, pela tradução do resumo.

Agradeço à Professora Lourdes Furtado, minha orientadora, que me incentivou e ensinou a descobrir o caminho da pesquisa e das pedras e por acreditar que este trabalho poderia render bons frutos. Ensinou-me a conservar uma postura ética em toda e qualquer situação; ensinou-me também que todo ser humano é ao mesmo tempo tão forte e tão frágil, quando os imponderáveis da vida real nos pegam de surpresa.

Agradeço à professora Maria José Aquino, minha co-orientadora, que acompanhou com muita responsabilidade e respeito a construção deste trabalho, desde a disciplina “Temas Avançados em Sociologia”, no curso de pós-graduação, até ter aceitado, junto comigo, “navegar” por entre rios e “caminhar” entre as raízes dos manguezais de Bragança e me ajudar “Na Friadagem do Mangal”. E espero poder desfrutar de sua companhia sempre.

A todos os professores do departamento de Sociologia da Universidade Federal do Pará, em especial Maria Cristina Maneschky.

A todos os professores do departamento de Antropologia, em especial os professores Angélica Maués, Denise Cardoso, Flávio Leonel e Marilú Campelo, pelas observações, críticas e sugestões, na leitura de parte desta dissertação, que ajudaram no meu amadurecimento teórico e crescimento profissional.

Aos pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi, que, desde 1997, me ensinam a “arte de pesquisar” especialmente, Lourdes Furtado, Isolda Maciel, Ivete Nascimento, Graça Santana e Maria Helena Barata.

Aos colegas Sociólogos, Antropólogos, Historiadores, Geógrafos, Assistentes Sociais, Economistas e Advogados, em especial à colega Eleonora Mendonça Figueira que com muita paciência e carinho, fez a leitura de partes desta Dissertação. O meu muito obrigado a Socorro Reis, Amaral Assunção e Suelene Pavão, pela a força e torcida que eu sei que vem do coração: Leila Melo, que me ensinou os primeiros passos para que me tornasse professora e Íris Porto, pelos ensinamentos, companheirismo e responsabilidade.

Aos colegas do PPGCS (Sociologia e Antropologia) turma de Mestrado e Doutorado/2005.

Agradeço a Socorro Almeida e Aluizio pelas caronas até Bragança e a Rosete Oliveira, colega dos tempos do MADAM, moradora e, portanto, conhecedora do município e responsável pelos primeiros contatos com as lideranças das Vilas do Acarajó e Bacuriteua em Belém.

Agradeço a minha colega Rosa Sobrinho, pela transcrição de parte das fitas, Fábio Oliveira pela força na apresentação com “data show” no exame de qualificação.

A Helena Gatinho, bragantina, filha de migrantes cearenses, minha secretária e assessora para assuntos domésticos.

Ao Mauro Seki, pela “força” na informática, responsável pela inserção de fotografias, mapas, figuras, croquis, apresentação de trabalhos em data show além da atualização da normatização técnica e a formatação deste trabalho.

Aos colegas, amigos e parentes bragantinos pelo apoio, hospedagem e atenção a mim dispensada.

Um agradecimento especial a todos os moradores da Vila do Acarajó, que me ensinaram a respeitá-los e valorizar o “saber fazer” sejam crianças, homens e mulheres, dos quais destaco: Mundica, João Gama, Iracy Gama, Adão, João Cavalo, Paulinho Coelho, Chica, Paulo Tobias, Vadico, Domingas, Wilson, D. Deusa, Roca, Arlindo Eupídio, Rosana, Nazica, Alfredo, Pajoão, Regina, Fátima, Ana, Daniele, Michele, Lúcia, Dona Maria e as crianças Verena, Fabiane e Lixal, porque sem eles este estudo jamais se concretizaria.

Um agradecimento especial a Dona Inezila e Senhor Domingos moradores da Vila de Bacuriteua, pelas conversas sobre as modificações que os manguezais e os tiradores vêm sofrendo desde a década de 80.

Um agradecimento especialíssimo ao querido Professor Jean Hébette que me ajudou a tornar o projeto mais interessante.

Agradeço a gentileza e atenção do Prof^o Heraldo Maués, coordenador do PPGCS.

A vocês, Rosângela e Paulo, antropólogos natos que sem sombra de dúvidas, sabem lidar com a diferença, recebem todos com muito carinho, respeito e dedicação. As relações sociais que vocês tecem ultrapassam a simples formalidade que um trabalho burocrático estabelece.

A pesquisa desenvolvida foi possível graças à bolsa CAPES, que recebi durante 18 meses.

- O namoro é quando o caranguejo cruza com a condurua, é no tempo do passeio deles, que eles chamam passeio, e então a gente queria que não mexesse nesse passeio, porque o buraco, o mangal ele ficava com mais capacidade de ter mais buraco pra frente, era isso o que a gente queria, mas, até agora, ainda não foi resolvido e as pessoas tão em cima, e cada vez tá fracassando o caranguejo, o tamanho, e fracassando a porcentagem do buraco também no mangal.

Tirador de Caranguejo, Vila do Acarajó

- Pedimos às autoridades que dê valor a essa profissão, pois a maior dificuldade é com o caminhão para explorar a produção. Eles só pensam nesse sonho realizar para a sua vida poder melhorar.

Iracy Gama, moradora da Vila do Acarajó

SUMÁRIO

RESUMO	10
ABSTRACT	11
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	12
LISTA DE QUADROS	13
LISTA DE FOTOGRAFIAS	14
LISTA DE GRÁFICOS	17
LISTA DE FLUXOGRAMAS	18
LISTA DE SIGLAS	19
1 INTRODUÇÃO	20
2 “NAVEGAR” É PRECISO	23
2.1 POR QUE ESTUDAR OS <i>TIRADORES DA VILA DO ACARAJÓ</i> ?	23
2.2 “LOURA, A MULHER DA PESQUISA” - UMA TRAJETÓRIA DA PESQUISA DE CAMPO	29
2.3 O CAMINHO TEÓRICO QUE ORIENTOU ESTE ESTUDO	35
3 MANGUEZAIS, PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES	40
3.1 OS MANGUEZAIS (<i>MANGAL, MANGUE</i>) DO BRASIL, PARÁ E BRAGANÇA.	40
3.2 A VILA DO ACARAJÓ	42
3.2.1 <i>O Mangal de Bragança e da Vila do Acarajó</i>	47
3.2.2 <i>Caracterização Socioeconômica da Vila</i>	49
3.3 O USO SOCIAL DO MANGUEZAL: OUTRAS LEITURAS	55
3.4 O CONHECIMENTO CONDUZ NÓS: APROPRIAÇÃO DOS SABERES DOS TIRADORES	61
3.5 ENCANTADOS: O (RE) ENCANTO DOS ENCANTADOS.....	67
3.6 UM “OLHAR” SOBRE A RESERVA EXTRATIVISTA – CAETÉ -TAPERAÇU ...	71
4 VIVER, MORAR E TIRAR CARANGUEJO	74
4.1 O COTIDIANO DOS TIRADORES DE CARANGUEJOS DA VILA DO ACARAJÓ	74
4.2 AS MORADIAS, OS BENS.....	78
4.3 A ORGANIZAÇÃO DOS TIRADORES NOS FINS-DE-SEMANA.	89
4.4 NOS FINS DE SEMANA É PRINCIPAL	94
4.5 AQUI É SÓ UMA PARENTAGEM: PARENTES: VIZINHOS E COMPADRES.	101
5 TIRAR CARANGUEJO NOS FINS DE SEMANA	104
5.1 O PULO DO “GATO” – O ORGANIZADOR DA TURMA	104
5.2 A DESPESINHA - OS RECURSOS PARA A VIAGEM.....	110
5.3 A VIAGEM PARA O MANGAL.....	112

5.4 A ESCOLHA É PELA GRAUDEZA DO CARANGUEJO – OS PONTOS DE TIRAÇÃO	117
5.5 A CHEGADA EM SILÊNCIO E “VÁ COM DEUS”	127
5.6 A CHEGADA NO PONTO DO CARECA OU CANETA	132
5.7 SAI CARANGUEJO PRA TUDO QUANTO É CANTO	143
5.8 NOVAS CATEGORIAS DE TRABALHADORES – O TIRADOR/VENDEDOR E O VENDEDOR/NÃO TIRADOR	146
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA	158
GLOSSÁRIO	168

RESUMO

O trabalho aqui apresentado trata da organização dos tiradores de caranguejos da Vila do Acarajó nos fins de semana, a Vila pertence ao município de Bragança//PA, nordeste do estado. A inspiração parte dos estudos dos bóias-frias. Os tiradores de caranguejos são organizados em turma, por um comerciante local que, em parceria com comerciantes moradores na cidade, facilitam a viagem dos tiradores de caranguejos em caminhões, para que possam tirar o máximo possível de crustáceos, denotando uma captura intensiva, com conseqüências negativas do ponto de vista biológico da espécie e social, dos grupos humanos que vivem no entorno dependentes do ecossistema. Este estudo foi norteado pela hipótese de que pela falta de condições materiais para desenvolver a pesca e a agricultura, devido à escassez de terra, restavam aos tiradores somente os manguezais, para alocar sua força de trabalho. Os resultados da investigação demonstram uma acelerada mudança no contexto da captura e venda dos caranguejos, produto considerado rápido e fácil para vender. Verificou-se que a corrida aos manguezais é feita pelos moradores da Vila, mesmo aqueles que possuem terrenos, que indiscriminadamente retiram caranguejos que ainda não atingiram a fase adulta. Esses caranguejos pequenos são vendidos sem que o tamanho e a quantidade sejam questionados pelos comerciantes. Tudo é vendido.

Palavras-chave: Bragança. Tiração intensiva de caranguejos. Ecossistema manguezal.

ABSTRACT

The work here presented discusses the crab extractors organization at Vila do Acarajó in weekends, the place is located in Bragança/PA, in Northeast of the State. The source is from the cold grubs. The crab extractors are organized in groups by a local merchant, that in partnership with the merchants from the town, facilitate the crab extractors' journey in trucks, as a way to extract as many crustaceans as possible, indicating an intensive capture with negatives consequences from the biological point of view of the specie and social of the human groups that live around there and are dependents of the ecosystem. This research was guided by the hypothesis that the lack of material conditions to develop the fishing and agriculture, due to the scarceness of land, forcefully led the extractors to the mangroves, to allocate their work force. The investigation results show a rapid change in the context of capture and sale of the crabs, which are considered an easy and fast product to sell. Was verified that the mangrove rush is done by the Vila's residents, even those who have terrains that indiscriminately extract crabs that didn't reach the adult stage. These small crabs are sold without a rule about their size and the quantity by the traders. The whole is sold.

Keywords: Bragança, intensive crabs extraction, mangrove ecosystem.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Ibama apreende 1,8 mil caranguejos	149
Ilustração 2 - Ibama debate defeso do caranguejo em Belém.....	149

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Conhecimento dos tiradores sobre as visagens que habitam o manguezal	70
Quadro 2 - Principal atividade, tempo, atividade semanal e venda dos caranguejos.	86
Quadro 3 - Categorias Sociais da Organização dos Tiradores de Caranguejos nos fins de semana.....	94
Quadro 4 - Tiradores de caranguejos antes/depois da construção da estrada: por que tira caranguejos, se gosta da atividade, se o preço pago é justo e o que compra com o dinheiro.	98
Quadro 5 - Cambadas capturadas pelo tirador de caranguejos durante duas semanas de fev/2006.....	99
Quadro 6 - Cambadas capturadas pelo tirador de caranguejos durante duas semanas de fev/2006.....	99
Quadro 7 - Cambadas capturadas pelo tirador de caranguejos durante duas semanas de fev/2006.....	99
Quadro 8 - Cronograma de atividades no manguezal as sextas e sábados durante todo o ano.....	100
Quadro 9 - Relação de Parentes do Organizador da Turma.	102
Quadro 10 - Sobre a escolha dos pontos e o conhecimento do tirador.....	122
Quadro 11 - Tipos de peixes, à venda, no Ponto do Careca.	143
Quadro 12 - Simulação de compra e venda do caranguejo na região de Bragança	147
Quadro 13 - Comparação entre volante ou bóias-frias na agricultura e a organização dos tiradores de caranguejo	157

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Interior do ônibus que faz a linha Bragança – Ajuruteua	26
Fotografia 2 - Interior do ônibus que faz a linha Bragança – Ajuruteua	27
Fotografia 3 - Rainhas do festival de caranguejo da Vila do Acarajó	35
Fotografia 4- Vegetação do ecossistema manguezal de Bragança.....	41
Fotografia 5 - Vegetação do ecossistema manguezal de Bragança.....	41
Fotografia 6 - Casa antes da construção de alvenaria	46
Fotografia 7 - Casa após a construção. Construída em sistema de mutirão	46
Fotografia 8 - Lago que surgiu com a construção da estrada.....	52
Fotografia 9 - Caranguejos à venda na feira livre de Bragança.....	65
Fotografia 10 - Caranguejos à venda na feira livre de Bragança.....	65
Fotografia 11 - Ataíde desenhado por professores de Bragança	68
Fotografia 12 - Por ocasião da assinatura do decreto que cria a Resex	72
Fotografia 13 - Catação de piolhos.....	75
Fotografia 14 - Rancho, local que os tiradores descansam e guardam as bicicletas no cadeado.....	79
Fotografia 15 - Alguns tiradores de caranguejos guardam a bicicleta no mato	79
Fotografia 16 - Casa de tirador de caranguejo que não possui geladeira	80
Fotografia 17 - Interior da casa de tirador de caranguejo	81
Fotografia 18- Casa de barro construída pelos moradores da Vila do Acarajó	82
Fotografia 19- Tipo de casa dos moradores da Vila do Acarajó	83
Fotografia 20 - Tipo de casa dos moradores da Vila do Acarajó	83
Fotografia 21- Madeira a venda na Vila do Acarajó (procedentes do município de Piriá).....	105
Fotografia 22 - Madeira a venda na Vila do Acarajó (procedentes do Município de Piriá).	105

Fotografia 23 - Estaleiro localizado às proximidades da feira livre de Bragança, construção, reforma e pinturas de canoas e barcos.....	106
Fotografia 24 - Confeção de rede para a pesca no Estaleiro em Bragança	107
Fotografia 25 - Estaleiro localizado às proximidades da feira livre de Bragança, construção, reforma e pinturas de canoas e barcos.....	107
Fotografia 26 - Estaleiro localizado às proximidades da feira livre de Bragança, construção, reforma e pinturas de canoas e barcos.....	107
Fotografia 27 - Construção de canoas e barcos no estaleiro às proximidades da feira.	107
Fotografia 28 - Tiradores de caranguejos no caminhão	113
Fotografia 29 - Casa construída sobre o manguezal.....	117
Fotografia 30 - Canoas a espera dos tiradores de caranguejos	117
Fotografia 31 - Ritual de preparação para adentrar o manguezal	118
Fotografia 32 - Ritual de preparação para adentrar o manguezal	118
Fotografia 33 - Deslocamento dos tiradores em canoa para os pontos de tiração.	119
Fotografia 34 - Na passagem das canoas a presença de Guarás.....	120
Fotografia 35 - Tirador de caranguejo com os remos, no Furo do Meio.....	121
Fotografia 36 - Embarque da pesquisadora para os pontos no manguezal	123
Fotografia 37 - Ponto de tiração denominado de Lonjão	124
Fotografia 38 - Ponto de tiração denominado de Lonjão	124
Fotografia 39 - Lixo jogado no manguezal à beira da rodovia PA 458	125
Fotografia 40 - Lixo jogado no manguezal às proximidades da rodovia PA 458	125
Fotografia 41 - Desembarque de caranguejos, das canoas, na Ponte Grande	128
Fotografia 42 - A chegada dos tiradores de caranguejos na Ponte do Furo Grande	128
Fotografia 43 - Tiradores e caranguejos a espera da conferência	130
Fotografia 44 - Embarque dos caranguejos nos caminhões na ponte do Furo grande	130

Fotografia 45 - Embarque dos caranguejos nos caminhões na Ponte do Furo Grande	131
Fotografia 46 - Embarque dos caranguejos nos “Mercedes”, Ponto do Careca	132
Fotografia 47 - Peixe Gò salgada à venda, na Vila do Acarajó	142
Fotografia 48 - Peixe Gò salgada à venda, na Vila do Acarajó	142
Fotografia 49 - Embarque dos caranguejos nos caminhões Mercedes no Ponto do Careca.....	144

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Idade dos Entrevistados	49
Gráfico 2 - Migração dos moradores da Vila do Acarajó	51
Gráfico 3 - Quem acredita em visagem?	70
Gráfico 4 - Tipos de construção das casas.....	82
Gráfico 5 - Bens duráveis por residência dos entrevistados.....	84

LISTA DE FLUXOGRAMAS

Fluxograma 1 - Distribuição dos caranguejos pelos comerciantes do caminhão. ... 136

Fluxograma 2 - Distribuição dos caranguejos pelos comerciantes do caminhão. ... 138

LISTA DE SIGLAS

ADEPARA	Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Pará
APP	Arquivo Público do Pará
ASSUREMACATA	Associação dos Usuários da Reserva Extrativista Marinha Caeté – Taperaçú
AUCA	Associação dos Moradores da Vila do Acarajó
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
IBAMA	Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFNOPAP	Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense
MADAM	Mangrove Dynamics and Management
MPEG	Museu Paraense Emílio Goeldi
PPGCS	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
RESEX	Reserva Extrativista
UFPA	Universidade Federal do Pará

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é descrever e analisar a organização social dos tiradores de caranguejo¹ de fim de semana, moradores da Vila do Acarajó, localizada no município de Bragança, na região nordeste do estado do Pará, distante 210 km de Belém.

Os tiradores de caranguejos organizados em turma viajam em caminhões pela rodovia PA 458 que liga Bragança – Praia de Ajuruteua até os furos dos rios Caeté e Taperaçu às sextas e sábados, para tirar o maior número possível de caranguejos, prática que se constitui em uma intensa captura, com grandes quantidades de caranguejos embarcados em caminhões. Essa prática é marcada pelo desrespeito e desequilíbrio ao ciclo biológico da espécie, e social de milhares de pessoas que vivem em seu entorno e dependem diretamente do ecossistema.

Concebo a hipótese de que a falta de condições materiais impossibilita ao tirador de caranguejo desenvolver a pesca e roça, práticas que exigem a aquisição de instrumentos específicos e a tiração de caranguejo que necessita de investimento mínimo. Por isso um grande contingente de tiradores em consequência de uma política pecuária que impede a aquisição de terras para plantio, migram para a tiração de caranguejos.

Dessa forma, trabalho com a hipótese de que a tiração de caranguejos na Vila do Acarajó poderia ser uma das poucas opções que resta a um grupo de pessoas dependentes dos recursos do mar e da terra para sua sobrevivência. Essa contingência facilitaria a *organização em turmas de tiradores de caranguejos*, que de certa forma poderiam ser comparados ao trabalhador *volante ou bóia-fria*, a partir de estudo analisado por D’Incao (1976).

Os resultados desta pesquisa deram origem a esta Dissertação, que está sistematizada em quatro capítulos da seguinte forma:

No primeiro capítulo, justifico porque estudar os tiradores de caranguejos da Vila do Acarajó e a abordagem teórico - metodológica utilizada. Nesse capítulo, apresento a trajetória da pesquisa, a construção do assunto contextualizado histórica e socialmente sobre a tiração de caranguejo na região bragantina e particularmente na Vila do Acarajó.

¹ A categoria refere-se neste estudo à linguagem local utilizada neste trabalho como sinônimo de coleta e extração, utilizada também por pesquisadores.

No segundo capítulo, apresento uma discussão teórica acerca do uso social dos manguezais de Bragança/PA, destacando a Vila do Acarajó, a caracterização socioeconômica dos tiradores e o destaque da Vila na tiração de caranguejos de maneira intensiva, após a construção da rodovia PA 458², que liga Bragança à praia de Ajuruteua. Chamo atenção de que a Vila é parte de uma área de reserva extrativista. Analiso o conhecimento que envolve os tiradores no exercício da atividade, bem como as visagens que habitam os manguezais.

No terceiro capítulo, busco descrever os tipos de moradias e as características dos tiradores de caranguejos que desenvolvem atividade de uso dos manguezais de segunda a quinta-feira e a organização dos tiradores que são intermediados por um comerciante local, as sextas e sábados, as atividades do cotidiano dos moradores da Vila, e a viagem dos tiradores no caminhão.

No quarto capítulo, faço a descrição dos materiais fornecidos pelo comerciante responsável pela organização da turma de tiradores. Como são distribuídas estas *despesas*, as formas de acesso aos pontos de tiração de caranguejo, além das razões para a escolha dos pontos. A *tessitura* da relação de compra e venda entre os *tiradores de caranguejo* que viajam nos caminhões e os comerciantes que destinam os caranguejos para outros municípios do estado do Pará e algumas cidades do nordeste do País.

Ainda neste capítulo mostro a quantidade e os tamanhos dos caranguejos capturados e embarcados em apenas um caminhão, além de informar através de fluxograma o destino da produção, os mercados consumidores, bem como as formas como são transportados em cada caminhão e outros tipos de serviços que surgem, em consequência da intensa captura, com finalidade mercadológica.

Nas Considerações Finais respondo os questionamentos acerca das indagações feitas no início: Os tiradores de caranguejos têm algumas semelhanças e diferenças entre os bóias-frias? Os tiradores exercem atividade exclusiva nos manguezais de Bragança, somente nos fins de semana? E finalmente, apresento as contribuições deste estudo, os objetivos alcançados, questões que poderão encaminhar novos estudos são igualmente apresentadas.

² Esta estrada construída na década de 80 (1983), possui 7 pontes localizada nos furos dos rios Caeté e Taperaçu. Um desses furos denominado de “Furo Grande” serve de porto de embarque de tiradores e de desembarque de caranguejos.

Chamo atenção de você leitor para o fato de que os termos e citações encontrados italizado são parte de diálogos que mostram a fala dos tiradores moradores da Vila e comerciantes, priorizando a voz do campo ou o “ponto de vista nativo”. Para isso utilizo as categorias “tirador” e “tiração” para referir-me respectivamente ao profissional e à atividade extrativa de capturar caranguejos, termos, utilizados com bastante freqüência pelas pessoas do lugar. Outros referem-se aos tiradores de caranguejos como “coletores” e “extratores”.

2 “NAVEGAR” É PRECISO

2.1 POR QUE ESTUDAR OS TIRADORES DA VILA DO ACARAJÓ?

Este estudo é uma análise socioantropológica, fruto de experiências quando estava cursando Ciências Sociais na UFPA, nos anos de 1990 a 1994. Na ocasião optei por cursar duas disciplinas (Cultura Brasileira e Folclore Brasileiro), respectivamente com os professores Dedival Brandão e Anaíza Virgolino. Essas disciplinas incentivaram-me e oportunizaram-me conhecer a cidade de Bragança com outro “olhar”, para fazer pesquisa de campo sobre a dança da marujada, que resultaria no Trabalho de Conclusão de Curso no ano de 1994 - TCC, com o tema “Devoção ou Alienação: um estudo sóciopolítico da dança da marujada de Bragança”.

Nos anos de 1997 e 1998, fui estagiária do MPEG e posteriormente bolsista de Aperfeiçoamento do CNPq, que em parceria com o Programa MADAM e UFPA, desenvolveram pesquisa nos manguezais de Bragança. Nesse período apresentei uma proposta de estudo, cujo tema foi do “Uso Social dos Manguezais no Litoral Nordeste do Pará, no Período Colonial em Bragança”, ocasião em que foi feita a transcrição de 83 documentos (cartas da Coleção de Correspondência “Diversos com o Governo”), no APP, em Belém, conforme Relatório Final do Projeto de 1998, disponível no MPEG. Tais documentos contêm informações sobre o uso dos manguezais das “Vilas” do nordeste do estado do Pará a exemplo de Colares, São Caetano de Odivelas, Curuçá, Maracanã antiga, Cintra, entre outras que compõem o cenário litorâneo do estado.

Entretanto, na documentação consultada referente ao período de 1750 – 1808 sobre os manguezais especificamente da região de Bragança, não foi encontrada remessa de caranguejo (*Ucides cordatus* ou *caranguejo uçá*). Os temas versavam sobre fuga de índios para o Maranhão, remessas de peixe e farinha. Nenhuma referência havia ali sobre os manguezais, talvez em outros documentos haja dados sobre o assunto.

Tais experiências contribuíram para o interesse na escolha da temática desta Dissertação de Mestrado, reforçado por viagens de reconhecimento às áreas de estudo. Desta forma foram possibilitados os primeiros contatos, através de conversas informais com os tiradores de caranguejos que trabalham intensivamente

na “tiração” e seus familiares, nas Vilas de Caratateua, Tamatateua, Taperaçu - Porto e Ajuruteua.

Em agosto de 2003, retornei à região bragantina, em visita às Vilas de Tamatateua, Bacuriteua e Acarajó. Escolhi a Vila do Acarajó, devido à facilidade de acesso por via terrestre para coleta de dados primários, tendo em vista a elaboração do Projeto de Pesquisa para pleitear uma vaga no PPGCS da UFPA, com ênfase em Sociologia. Permaneci na região por seis dias.

Em setembro de 2005, como aluna do curso de PPGCS da UFPA, participei do Workshop de encerramento das atividades de pesquisa, de dez anos, do programa MADAM, no Hotel Beira-Rio em Belém, ocasião em que fui apresentada por Rosete Oliveira, integrante deste projeto, a duas lideranças: a Senhora Inezila, da Vila de Bacuriteua e o Senhor Lourival, da Vila do Acarajó, presentes naquele evento.

Naquela ocasião, demonstrei o interesse em desenvolver pesquisa na região bragantina. Conversamos sobre a atividade de tiração de caranguejo, em geral, sem demonstrar ainda claramente o que pretendia investigar. Ficou acertado que o Senhor Lourival faria contatos com outras lideranças da Vila do Acarajó.

Em novembro de 2005, com a desculpa de que tinha ido à Bragança para assistir ao Círio, visitei seu Lourival e juntos fomos até a residência da Dona Raimunda (*Mundica*), Vice-diretora da Escola de Ensino Fundamental “Tarsila Gama”, uma das lideranças locais. Na ocasião, conversamos amigavelmente sobre vários assuntos e principalmente de minha presença na Vila a partir de janeiro de 2006, visto que a minha ausência até aquele momento foi justificada pelas tarefas das disciplinas do curso em Belém. Deixei claro o que pretendia pesquisar, prometi que levaria o projeto para ser lido por eles e desta forma acordei a primeira inserção no campo, como pesquisadora.

Em janeiro de 2006, procurei Dona Raimunda em sua residência onde fui recebida com muita gentileza. Conversamos bastante sobre pesquisa, professores, Universidade e principalmente sobre a minha escolha da Vila do Acarajó para desenvolver a pesquisa. Sua preocupação era de que nenhum morador me tratasse com indiferença. Ficou acordado que ela chamaria outros líderes para que me conhecessem. Combinou o encontro para três dias depois, na escola.

Reunimos-nos com a liderança representada por ela, o Presidente da AUCA, João Gama, Nazaré (*Nazica*) moradora da Vila, Adão, *ex-tirador* aposentado,

que eventualmente *tira* caranguejo e Rubens o vigia da escola. Conversamos sobre assuntos diversos, mas, sobretudo, sobre meu trabalho de pesquisa cujo Projeto, entreguei na ocasião, para que todos os presentes pudessem ler. O Projeto passou de mão em mão, o que para mim foi uma forma de ritual para inserção no campo. Durante uma conversa informal, deu-se o momento decisivo, para que fosse aceita por eles, que, após a “leitura”, demonstraram interesse em ajudar no que fosse possível. Vários tiradores trabalharam no Programa Madam e mantiveram contato por dez anos com pesquisadores alemães e brasileiros e estão acostumados com a presença de pesquisadores na Vila.

Nesta noite dormi na casa da Dona Raimunda e pela manhã passeamos eu e Nazica pela Vila, para que fosse apresentada aos moradores. Na ocasião, apresentou-me seu filho, por nome Alfredo.

A escolha do Acarajó como base de pesquisa deveu-se ao fato de envolver um contingente populacional bastante acentuado de “tiradores”, pois Santos (1996) afirma que somente na Vila do Acarajó moram 300 tiradores de caranguejos.

Os tiradores da Vila do Acarajó exploram os recursos dos manguezais e a “tiração” nos fins de semana é vendida para os comerciantes que destinam os caranguejos à venda, para outros municípios. Atividade que representa para alguns atividade complementar, para outros a certeza de ganho rápido e fácil “*vai lá e já traz*”, e outros, ainda, meio de vida, para conseguir o caranguejo que representa um dos bens comuns disponíveis e uma das escassas formas de ganhar dinheiro.

Os outros motivos que me levaram à escolha da Vila foram: a sua localização geográfica, muito próxima aos manguezais e o fato de alguns *tiradores* estarem em terrenos bastante reduzidos e indisponíveis para cultivo e boa parte não possuir os apetrechos necessários para a prática da pesca. Além disso, aqueles que possuem materiais para carpintaria, por exemplo, preferem a *tiração* de caranguejo, mesmo que seja uma atividade desgastante fisicamente, pois para alguns o *mangal* é o meio mais rápido de ganhar dinheiro.

Desta forma, nos fins de semana, os tiradores de caranguejo desenvolvem atividades exclusivamente no manguezal. Organizam suas vidas em função das atividades de sextas e sábados, dias que demandam uma intensa captura para atender o mercado consumidor de Belém e outras cidades do estado do Pará e cidades do nordeste do Brasil.

Planejei que trabalharia durante o dia, retornando nos fins de tarde para Bragança, hospedada em casa de parentes e conhecidos, mas algumas vezes permaneci na Vila para atender algum convite, ou para alguma atividade à noite, ou pela manhã bem cedo. Desta vez fiquei em campo por dez dias. Destaco aqui a contribuição de Alfredo, que me apresentou aos tiradores da Vila em visita a suas casas e na aplicação de um 'questionário teste'.

Destaco também a contribuição do tirador conhecido por João Cavallo, habilidoso desenhista que reconstruiu a Vila, a estrada e suas respectivas pontes, furos de rios utilizados como pontos de embarque para tiração de caranguejos freqüentado por ele e seus irmãos, onde identifica rios aterrados, igarapés e pontos de tiração, através de desenhos e croquis.

O transporte de ônibus circular, para a Vila, é precário e muitas vezes o serviço é suspenso sem nenhuma explicação, durante boa parte do mês. Sua regularidade acontece somente nos fins de cada mês, por ocasião do recebimento de aposentadorias, benefícios e Bolsa Família. Assim, utilizei as linhas que circulam para as Vilas de Bacuriteua e Ajuruteua que são regulares. Caminhava dois quilômetros, todos os dias, de ida e volta até o ponto de parada dos ônibus que seguem para Bragança.



Fotografia 1 - Interior do ônibus que faz a linha Bragança – Ajuruteua
Fonte: Regina Reis, em setembro de 2006.



Fotografia 2 - Interior do ônibus que faz a linha Bragança – Ajuruteua
 Fonte: Regina Reis, em setembro de 2006.

Em fevereiro de 2006, por ocasião da segunda ida a campo, que teve duração de 15 dias, entrevistei um *tirador* aposentado, um *tirador* da ativa, uma esposa de *tirador*, o diretor da Resex e presidente da Assuremacata e o comerciante da Vila do Acarajó que *organiza em turma* os tiradores de caranguejos nos fins de semana. Este já foi tirador e faz a intermediação de venda dos caranguejos entre os tiradores, na maioria seus parentes, e os *comerciantes do caminhão*.

Na oportunidade, fiz observações diretas e participações em viagens no caminhão até as pontes próximas aos furos dos rios, para levar e buscar os *tiradores*, para assistir ao embarque, desembarque, pagamento e às *transações* que fazem parte do processo de compra e venda dos caranguejos. Conversei informalmente com os *tiradores de caranguejo*, para obter informações além do que o questionário e a entrevista pudessem registrar. Informações que só foram possíveis na própria Vila do Acarajó, em suas residências, pois os tiradores e seus familiares só falaram com desenvoltura depois que tiveram a certeza de que a pesquisadora não era *pavulagem*³ e que as informações eram realmente para um trabalho de pesquisa na Universidade, através da seguinte pergunta: *Você está fazendo Mestrado ou Doutorado?*

As observações participativas em viagens de caminhão para buscar os *tiradores*, depois de mais um longo dia de *serviço*, permitiram-me conhecer o

³ *Pavulagem* é aquele indivíduo que não aceita o que os moradores oferecem e que pouco conversa com os mesmos.

comerciante do caminhão chamado Cabo Velho⁴. Na ocasião conversamos sobre a quantidade de caranguejos comprados por ele e, em linhas gerais, informou sobre as transações comerciais nos fins de semana, tendo a promessa de informações mais detalhadas sobre seu trabalho nas viagens seguintes ao campo de pesquisa. Verifico que esses comerciantes só estão presentes no desembarque dos caranguejos das canoas e no embarque nos caminhões, raramente participando do cotidiano dos tiradores na Vila.

Os dados obtidos na primeira fase de campo tiveram como objetivo integrar o projeto de pesquisa submetido ao exame de Qualificação, em abril de 2006. Neste momento minha preocupação era quantificar os tiradores e selecionar os entrevistados. Mas estranhava a afirmativa de que eles só tiravam caranguejos graúdos e somente porque precisava para comprar a despesa, essa homogeneidade incomodava-me e precisava “mergulhar” melhor no cotidiano do grupo. Sem questionário, caderno nas mãos, ou gravador, mas com a máquina fotográfica.

Nos meses de maio (15 dias), junho (13 dias) já conhecia vários moradores e visitava-os em suas casas em dias alternados. Permanecia na Vila para fazer somente observações do cotidiano, “visitar” os moradores, comer peixe assado com farinha, chibé⁵ com camarão, “galinha de quintal” e atender convites para participações em eventos e principalmente para aprender e apreender, através da explicação oral e dos desenhos rabiscados no papel, a prática dos tiradores e o conhecimento que envolve a organização da atividade às sextas e sábados. Ou seja, viver realmente entre os “nativos” como propõe GEERTZ (1998), para compreender e melhor descrever as atividades e para afinar as informações.

O interesse era compartilhar o cotidiano com o grupo de *tiradores de caranguejos* sugerido por Certeau (1996:31), pois cotidiano, afirma o autor, é aquilo que assumimos, é o peso da vida, a dificuldade de viver e viver nesta ou na outra condição. É um mundo que amamos porque expressa memória da infância, do corpo e dos prazeres, ou seja, de uma “cotidianidade concreta”. Eram momentos em que os tiradores se sentiam a vontade para falar do dia a dia, explicar com detalhes sobre seus afazeres.

⁴ Sargento reformado do Exército é um homem respeitado no contexto da captura e compra do caranguejo em toda a região de Bragança, por comprar a quantidade de caranguejos que lhe for oferecida, pois ele é considerado o *homem forte no negócio do caranguejo* e “domina” a compra no trecho Bragança - Ajuruteua.

⁵ Chibé é uma mistura de água com farinha, que ainda hoje faz parte da alimentação dos tiradores, acompanhado de camarão salgado e peixe assado na brasa.

Foi nos momentos de maior descontração que percebi que tirar caranguejos nos fins de semana envolve vários aspectos e finalidades. E não somente a necessidade para comprar a despesa.

Em agosto (7 dias) e setembro (6 dias) de 2005 visitei a Vila do Acarajó para entregar as fotografias tiradas por ocasião do carnaval e festa junina realizada na escola e continuar as “visitas” aos tiradores. Na ocasião participei do X IFNOPAP em Bragança e apresentei através de fotografias, parte da minha Dissertação para professores do município, ministrei uma oficina sobre as visagens em uma área de Resex. Posteriormente participei do Festival do Caranguejo e de todo o processo que antecede. Uma espécie de contradição do trabalho de pesquisa que eu estava desenvolvendo na Vila, já que diretamente não poderia interferir na tiragem intensiva, mas que a população pudesse olhar o problema de outra forma, já que caminhão, caranguejo, comerciante do caminhão e marreteiros fazem parte do cotidiano das pessoas que moram na região.

Somei um total de 68 dias navegando na pesquisa, entre a Vila do Acarajó, praia de Ajuruteua e Bragança a sede do município. Utilizo a metáfora de “NAVEGAR” para referir-me ao aprendizado (ensino/pesquisa) acadêmico, difícil, prazeroso, assustador, alegre, triste, desafiador e contraditório como o ato de navegar.

2.2 “LOURA, A MULHER DA PESQUISA” - UMA TRAJETÓRIA DA PESQUISA DE CAMPO

O caminho metodológico teve como base a etnografia tradicional, pois permite o pesquisador de campo viva entre os “nativos”, entenda a linguagem local e permaneça um tempo suficiente como lembra Clifford (1998), para uma descrição e observação da vida cotidiana dos tiradores: para saber “que diabos” eles estão fazendo, como sugere Geertz (1998, p.89), para observar e descrever as atividades desenvolvidas por eles, de segunda a quinta-feira, enfatizando as atividades de sextas e sábados, além da participação em suas rotinas diárias.

Um trabalho etnográfico só terá valor científico irrefutável se nos permitir distinguir claramente, de um lado, os resultados da observação direta, das declarações e interpretações nativas e, de outro, as inferências do autor observa Malinowski (1978, p.18). E, ainda, como afirma Peirano (1995) a prática etnográfica

é artesanal, microscópica e detalhista – traduz particularmente o reconhecimento do aspecto temporal das explicações, para que possa apreender o maior número possível de informações, através de técnicas de coleta de dados variada. Se, por um lado, cada técnica de pesquisa tem limites de apreensão dos dados, por outro lidamos com aquilo que o indivíduo deseja revelar, o que deseja ocultar e a imagem que quer projetar de si mesmo e de outros (GOLDENBERG, 2004).

No contexto estudado, percebo que no início da pesquisa a preocupação dos *tiradores de caranguejo* foi sempre de saber se a minha presença ali tinha alguma ligação com o IBAMA. No caso de dúvidas, procuravam demonstrar para a *Loura, a mulher da pesquisa* que a *tiração* nos fins de semana era somente para comprar a *despesa*⁶ ou a *refeição do domingo*⁷, e que tiravam somente os caranguejos graúdos e nunca as fêmeas, ocultando a *tiração* dos caranguejos pequenos, ou afirmando que somente os tiradores das Vilas do Patalino e de Caratateua é que tiravam caranguejos *miudinhos*. Com o tempo, percebi que o temor, quanto ao Ibama, por ocasião das fiscalizações na área, pelo fato de ser um órgão repressivo e punir aqueles que burlam as proibições e os que cometem abusos. Fica assim evidente a consciência de que usam os manguezais de forma predatória. Com o argumento de que o caranguejo nunca acaba.

Para a coleta de dados, primeiramente optei por aplicar um questionário para caracterização de 25 tiradores de caranguejos. Ao mesmo tempo em que obteria as informações, utilizei como estratégia de pesquisa de campo a conversa informal, geralmente no almoço, ou através do “bate papo” durante a semana, em suas residências. Também por ocasião de festas na Vila ou quando os tiradores que se mostravam mais dispostos a falar da organização da atividade, sem marcar dia e hora.

Nas viagens de caminhão, decidi não fazer qualquer tipo de abordagem e nenhuma pergunta, pois notei certo constrangimento por parte de alguns tiradores e preferi não conversar e nem marcar entrevista, somente observar de longe. A entrevista com o uso do gravador foi marcada nas residências dos tiradores, para que pudesse verificar assim a riqueza de dados que esta técnica permite alcançar situação analisada por Queiroz (1983), quando se refere à entrevista gravada:

⁶ A despesa a que aqui referimos é constituída basicamente de farinha e peixe.

⁷ Neste caso, os tiradores e suas esposas se referem a uma refeição especial como “galinha de quintal ou da granja”, macarrão e arroz.

Além de colher aquilo que se encontra explícito no discurso do informante, ela abre portas (a entrevista gravada) para o implícito, seja este o subjetivo, ou o inconsciente coletivo, ou o arquetipal. Em qualquer desses casos, são novos os rumos que a investigação pode tomar [...], mas nas condições em que devem ser efetuados os registros, isto é, com as exigências de uma boa aplicação. E a primeira exigência é a diminuição ao máximo de toda interferência por parte do pesquisador (Queiroz, 1983 p. 67).

Por isso as entrevistas gravadas eram feitas em ambiente propício embaixo de mangueira ou ameixeira, sempre ao ar livre, sob o cantar dos passarinhos e latidos de cachorros com o mínimo de interferência da pesquisadora. Outra técnica utilizada foi o questionário para obtenção de dados, como mecanismo de aproximação com as esposas dos tiradores. Procurei neutralizar qualquer possibilidade de desconfiança e ciúmes em relação aos maridos e demonstrar a seriedade de minhas intenções na obtenção dos dados que me obrigava a permanecer na Vila por alguns meses, de forma alternada. Em garantia foram mostradas fotos da família (filho e marido), além de levar o marido para conhecer os tiradores e a Vila do Acarajó, como forma de garantir essa permanência.

A apresentação do marido para os *tiradores*, aconteceu por ocasião da viagem de canoa para o manguezal, pois como os manguezais “distantes”⁸ são considerados lugares masculinos, não ficaria bem uma mulher sozinha frequentá-los. Mesmo assim o tirador que nos acompanhou não retirou nenhum caranguejo nesse dia, o deslocamento foi somente para mostrar alguns pontos de tiração, principalmente o *Ponto do Lixão*.

Essa estratégia de pesquisa foi fundamental para desfazer alguma dúvida moral que viesse a ocorrer, por parte das esposas e para inverter a hierarquia de credibilidade, pois para Goldenberg (2004) o pesquisador não deve apenas ouvir aqueles que parecem saber mais sobre o assunto e, neste caso, as esposas foram fundamentais como fontes de informação, principalmente quando se estabeleceu uma relação de confiança. Desde então, elas se sentiram mais à vontade para falar da *lida* (tudo que está relacionado às atividades) dos maridos no *mangal*, dos filhos e vizinhos.

Entre idas e vindas, a coleta de dados foi combinada com a observação direta das atividades desenvolvidas pelos *tiradores* de segunda a quinta-feira com o

⁸ Os tiradores de caranguejo que moram na Vila do Acarajó referem-se aos manguezais como antes porque se deslocam de ônibus, caminhão e bicicleta nos fins de semana.

conhecimento que dirige a conduta na vida diária, pois, para entendermos a realidade da vida cotidiana, é preciso levar em conta seu caráter intrínseco, já que o cotidiano apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles, na medida em que forma um mundo coerente, concepção reiterada por Berger (1985).

Para entender a organização dos tiradores de caranguejos, a observação direta e participativa oportunizou-me viajar, no caminhão, com os tiradores até os furos do rio Caeté, para assistir às formas de acesso: se o embarque é em canoas, botes, ou se caminham a pé sobre as raízes e/ou outras formas de acesso aos manguezais.

Foi possível igualmente observar o desembarque dos caranguejos, a quantidade capturada, as formas de pagamento e o retorno dos tiradores para a Vila. Estando lá em frente ao sujeito, concepção reiterada por Clifford (1998), para tentar perceber também através do silêncio e da linguagem gestual situações que muitas vezes não têm tradução escrita.

Uma canção popular⁹, escutada no momento em que estava na Ponte Grande, observando o desembarque de caranguejos e tiradores pareceu-me traduzirem, em parte, aquele momento, impossível de ser linearmente captado, porque o trabalho de campo é significativamente composto de eventos de linguagem que sempre está atravessada por intenções o que Bakhtin (denomina “concreta concepção heteroglota do mundo”. Assim, situação como esta, procurei traduzir através de descrição de gestos e atitudes combinado com a canção que tocava no momento às proximidades, em um dos bares que servem de apoio aos *comerciantes do caminhão*. Ressalto que a participação nas viagens, com os “tiradores”, nos caminhões oportunizou uma maior aproximação com esses *comerciantes*.

Observei embarque dos caranguejos nos caminhões, o pagamento feito aos *tiradores*, para em seguida acompanhar o retorno para o *ponto do Careca*, lugar para onde os caranguejos são levados, para troca de caminhão e para compra de mais caranguejos dos tiradores que chegam de bicicleta, ou de ônibus.

A empresa de transporte “Viação Ajuruteua” disponibiliza uma linha de ônibus Bragança - Ajuruteua exclusivamente para levar e buscar os tiradores de

⁹ O título da canção “Vá com Deus” de Roberta Miranda (vide capítulo IV).

caranguejos. Inclusive alguns deles deixam fiada a passagem de ônibus, para pagar no retorno, com o dinheiro da venda de caranguejos.

Foi feita também uma etnografia das viagens até o manguezal, para verificar o conhecimento dos *tiradores de caranguejos* em relação ao ecossistema. Visto que na particularidade do manguezal habita uma visagem chamada *Ataíde*¹⁰, verifiquei se a quantidade de caranguejos tirados tem alguma ligação com a punição de entidades sobrenaturais (visagens). Descrevo e identifico as relações sociais de parentesco que se estabelecem entre os tiradores da Vila e o *organizador da turma*, estabelecida há muito tempo.

Conversas informais com um dos *comerciantes do caminhão* foram muito importantes para obter informações sobre a quantidade de caranguejos que compram em um único dia. Informações que, aliás, um deles fez questão de deixar bem claras. Mas as informações sobre o preço pago individualmente pela cambada¹¹, por quanto vendem, para quem vendem foram obtidas com os *tiradores de caranguejo*, pois quando perguntei para um dos *comerciantes do caminhão* por quanto comprava a cambada de caranguejo, ele foi objetivo na sua resposta: *Não interessa!* Já sobre a quantidade de caranguejos que é retirada dos manguezais, ele fez questão de responder em detalhes.

A entrevista gravada com o comerciante local que organiza os tiradores foi no estabelecimento comercial de sua propriedade, uma taberna anexa à residência, local em que, em outras ocasiões, estive presente, para “comprar” e conversar informalmente com as mulheres, consideradas por mim importantes mecanismos de intermediação entre pesquisador/colaborador de campo (pesquisado).

Como lembra Tavares dos Santos (1993), na aventura sociológica alguns passos são fundamentais na investigação, tais como: a construção do objeto científico; a relação entre o investigador e o investigado; o questionamento dos métodos e técnicas de investigação; a perspectiva da descontinuidade do pensamento sociológico no momento da elaboração interpretativa. Interessante referir-me também nesse processo de investigação a concepção de DaMatta (1987). Pois para ele a Antropologia Social autêntica só pode acontecer quando estamos

¹⁰ Sobre os encantados e os manguezais ver também (CARDOSO, 2000); (ALVES, 2003).

¹¹ A *cambada* agrega 14 caranguejos, amarrados pelos tiradores de caranguejos com fio de *nylon*, denominado de atilho.

plenamente convencidos da nossa ignorância, ou seja, relativizar o olhar, não ter uma postura etnocêntrica para que possa fazer do desconhecimento e simplicidade caminhos fundamentais para poder se conduzir no campo para a obtenção dos dados. A concepção do autor é reiterada da seguinte forma:

È evidente que devemos chamar atenção e denunciar as injustiças contra as nossas populações. Mas isso não deve ser feito em nome de uma atitude condescendente, superior, como se eles fossem uma espécie de humanidade em extinção, liquidada por seu próprio atraso cultural. Como se eles fossem animais de estimação como o bisão ou o elefante, que nós temos a obrigação estética de defender e proteger. Nada disso. Nosso estudo e nossa atenção para com as sociedades devem estar fundados na troca igualitária de experiências humanas (DaMatta, 1987 p. 13).

As trocas de experiências foram através de conversas informais aparentemente descomprometidas, ricas em detalhes, com tiradores e suas esposas, filhas, esposas de comerciantes e professoras residentes na Vila, de grande importância, complementadas com o “olhar” e o “ouvir” disciplinados, tomam como referência Cardoso de Oliveira (1996), cujos ensinamentos são fundamentais, para observações sistemáticas capazes de fornecer elementos importantes para a compreensão do fenômeno estudado, ou seja, as relações sociais que se estabeleceram, não livres de tensões, entre a pesquisadora, *tiradores de caranguejo, organizador da turma e comerciantes do caminhão* na tiração de caranguejos nos fins de semana. Essas tensões foram em certas ocasiões amortecidas pela máquina fotográfica.

A máquina fotográfica foi utilizada de duas formas: primeiramente como instrumento de registro de informações, importante na construção de um olhar socioantropológico, para compor todo o processo da pesquisa e como moeda de troca¹² na relação com os *tiradores de caranguejos* e com aqueles moradores que se mostraram a princípio “mais distantes”, principalmente durante certos eventos como no carnaval, festa Junina e o Festival do Caranguejo que acontece no segundo fim de semana do mês de setembro.

¹² Travassos (1995: 105) faz referência a Peixoto (1993: 110) que em alusão a Mauss, afirma que a cessão da própria imagem e sua devolução fixada no papel, a foto, constitui por assim dizer, as obrigações de dom e contra dom presentes nas relações que estabelecemos.



Fotografia 3 - Rainhas do festival de caranguejo da Vila do Acarajó
Fonte: Regina Reis, em setembro de 2006

Nesta “altura do campeonato” já poderia ser considerada a fotógrafa “oficial” da Vila, pois a fotografia, como ressalta Travassos (1995), ocupa um importante papel para o pesquisador, no decorrer de todo o trabalho de campo, seja como estratégia de aproximação, ou conquista dos informantes.

Ressalto aqui a importância da rica conversa com os professores e colegas na UFPA em Belém fora da situação de campo, pois ressalta Cardoso de Oliveira (1996) que o “estando aqui” cumpre sua mais alta função cognitiva, pois os fatos observados (vistos e ouvidos) “estando lá” para o plano do discurso, seja no processo de comunicação interpares, quanto no de conhecimento propriamente dito.

2.3 O CAMINHO TEÓRICO QUE ORIENTOU ESTE ESTUDO

Para tal discussão, a princípio, inspiro-me em D’Incao (1976), que analisa as condições do trabalhador temporário denominado “volante” compreendido como a representação máxima de exploração do homem que serve ao sistema capitalista, bastando que apenas sobreviva. É aquele que está sempre disponível e “voa” de fazenda em fazenda, nos períodos de safra.

Segundo a autora, a categoria volante foi construída historicamente, fruto de uma política latifundiária que permite massas de homens empregados (atividade complementar), ou desempregados, contratados nos períodos de safra, para trabalhar na agricultura como diaristas. São *volantes*¹³ ou bóias-frias¹⁴, homens formalmente livres, porém sem direitos trabalhistas, deslocam-se para qualquer frente de serviço, em busca de garantir a sobrevivência.

No contexto da agricultura paulista, a relação social desigual que se estabelece entre o volante e o empresário capitalista são facilitados pela interposição de intermediário conhecido por “gato” ou “turmeiro”, que arregimenta os trabalhadores em turmas, transportados diariamente em caminhões, para a colheita de grãos, cortes de cana e coleta de frutos. Tais atividades, segundo a autora, são desenvolvidas sem a mínima segurança e qualquer tipo de assistência, a sobrevivência fazendo-se em condições subumanas de trabalho.

Os bóias-frias/volantes são predominantemente migrantes rurais que vivem nas periferias da cidade, em casebres, ou favelas (DAWSEY, 1997). O conceito de *volante* norteia o tema desta Dissertação, através da seguinte indagação: A categoria de *tiradores de caranguejos* da qual me ocupo neste estudo pode ser considerada *volante*? - Quais as semelhanças e diferenças entre os bóias-frias estudados por D’Incao (1976) e os *tiradores de caranguejos* que exercem atividade exclusiva nos manguezais de Bragança, nos fins de semana?

Para analisar a organização dos tiradores de caranguejos da Vila do Acarajó nos fins de semanas, utilizo o conceito de economia definido por Godelier (1974) enquanto processo que inclui elementos imateriais de troca, pois, segundo ele, um processo produtivo não se restringe apenas à visão economicista da atividade econômica, é um ato múltiplo, portanto não está separada das relações sociais, políticas, religiosas e de parentesco.

Para o autor, esse sistema não pode ser confundido pelos seus aspectos visíveis, fato sobre que reflito, objetivando neste estudo a descrição e análise da organização dos *tiradores de caranguejos* tendo em conta que as relações sociais não estão somente pautadas numa objetiva prática econômica de exploração e sim na estrutura social invisível, que tem como base o parentesco evidenciado na Vila,

¹³ No dicionário da língua portuguesa, volante significa: *voador, flutuante, ondulante, que muda facilmente, transitório, efêmero.*

¹⁴ Em outras regiões são conhecidos por “*pau-de-arara*” e “*clandestino*” (GONZALES & BASTOS, 1975), mas o sentido é o mesmo: voador, flutuante, um cidadão sem direitos.

que de certa forma, “amortece” as relações sociais de exploração e contribui para a retirada de milhares de unidades de caranguejos. A política, enquanto relação social que envolve poder, subordinação e obrigação e o envolvimento religioso dos tiradores de caranguejos também é considerado, pois nos manguezais habitam encantados (*visagens*) que podem se colocar como desafios para os tiradores, ou seja, não é possível separar as relações econômicas, da organização social e outras relações sociais.

Godelier afirma que o importante é analisar funções e as relações sociais que lhes correspondem e não objetos, pois é preciso ser capaz de descobrir aquilo que numa sociedade determinada funciona como relações de produção e por que é assim. Desse modo podemos deduzir que econômico apresenta-se como um campo particular de relações sociais, ao mesmo tempo exterior e interior às outras partes.

Proponho-me analisar ao mesmo tempo o exterior e o interior da organização dos tiradores de caranguejo, pois o homem continua o autor, é levado à ação não apenas pelo anseio de maximização, isto é, de utilizar os meios disponíveis apenas para satisfazer seus desejos de acumulação, mas é levado também pelos valores socialmente estabelecidos, no grupo em que vive. Para Furtado (1987), um dos exemplos desses valores morais é a solidariedade, elemento bastante evidenciado na Vila, embora em alguns *tiradores de caranguejos* o desejo de acumulação seja explícito, na verdade somente poucos têm sucesso como o *organizador da turma*, um ex tirador que vendeu uma bicicleta, começou *devagar na marreta* (compra e venda) de produtos e hoje é comerciante “de tudo” (caranguejo, peixe, madeira, gado, camarão e outros) bastante respeitado na Vila do Acarajó.

Para a discussão sobre a troca de bens, utilizo o conceito de reciprocidade de Mauss (1974), enquanto lei que regula a vida. Esses elementos materiais e imateriais são estudados enquanto fatos sociais totais, pois as relações sociais de troca são voluntárias, porém escondem um caráter de obrigação recíproca. Portanto as relações sociais que se estabelecem entre os *tiradores de caranguejos*, *organizador da turma* e *comerciantes do caminhão* têm duplo caráter, envolvendo exploração/sujeição e obrigação.

Os *comerciantes do caminhão* no contexto do manguezal, interessados na compra de grande quantidade de caranguejos e alguns tiradores preocupados com a venda garantida do caranguejo, para que possam utilizar o dinheiro recebido da melhor maneira possível. Esta “obrigação” era anteriormente sustentada numa

exploração equilibrada racionalmente com a natureza, responsável pela produção social material e imaterial, que para Sahlins (1979) é expressa em um modo de vida integrativo, ou adaptativo, na relação social.

Referente a este estudo, o modo de vida dos tiradores refletido na organização demonstra que são relações humanas integrativas, porém bastante afetadas, na atualidade, por fatores de interferência que são interiores e exteriores. Teóricos me deram base para análise deste estudo. Pois os tiradores de caranguejos utilizam os manguezais como fonte de exploração intensiva.



Mapa 1 - Localização geográfica do município de Bragança
Fonte: CD-ROM: Guia Turístico de Bragança-Pará, A Pérola do Caeté



Mapa 2 - Como chegar a Bragança por via terrestre
Fonte: CD-ROM: Guia Turístico de Bragança-Pará, A Pérola do Caeté

3 MANGUEZAIS, PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES

3.1 OS MANGUEZAIS (*MANGAL*, MANGUE) DO BRASIL, PARÁ E BRAGANÇA.

A captura do caranguejo como uso social dos recursos naturais remonta aos tempos pré-históricos, comprovada através dos estudos arqueológicos (sambaquis¹⁵) que, para Simões (1981) testemunham as principais fontes de subsistência das populações nativas.

As maiores extensões de manguezal do mundo cobrem cerca de 172.000 km quadrados das costas tropicais. Aproximadamente um quarto desse total encontra-se no Brasil, que apresenta a mais extensa área de manguezais com 26.000 km quadrados que representam mais de 15% dos manguezais do mundo inteiro, seguido pela Indonésia, com 21.000 km quadrados.

O Brasil é, portanto, o país que tem a maior extensão de manguezal no mundo, que se estende do extremo litoral norte brasileiro (Oiapoque AP), até Laguna /SC formando uma verdadeira barreira entre o mar, os campos alagados e a terra firme. Do sudeste do Maranhão até o Espírito Santo, os manguezais são mais reduzidos, localizando-se ao longo dos rios e associados a lagunas, baías e estuários e voltam a ser extensos na Baía da Guanabara, apesar do intenso processo de degradação que estão sofrendo. O complexo de Iguape-Cananéia (SP) e Paranaguá (PR) representa uma das reservas de manguezais mais importante do país (DIEGUES, 2002), passíveis de serem explorados ao máximo por grupos humanos.

Os estados do Pará e Maranhão possuem quase a metade da área total de manguezais brasileiros estruturalmente os mais complexos do país (LACERDA, 2002); (MANESCHY, 2003). Somente no estado do Pará, os manguezais ocupam uma área de 4.500 km quadrados, correspondendo a cerca de 1/5 dos manguezais brasileiros.

¹⁵ Sambaquis – Antigos depósitos, situados na costa ou em lagos e rios do litoral, formados de conchas, restos de cozinha e de esqueletos amontoados por tribos que habitaram o litoral americano em épocas remotas (Dicionário da Língua Portuguesa).



Fotografia 4- Vegetação do ecossistema manguezal de Bragança
Fonte: Regina Reis, em junho de 2006



Fotografia 5 - Vegetação do ecossistema manguezal de Bragança
Fonte: Regina Reis, em junho de 2006

No uso social dos manguezais, verificam-se importantes mudanças que se acentuaram nas três últimas décadas do século XX, sobretudo em razão de implantação de transportes rodoviários que proporcionaram a intensificação da *tiração* do caranguejo, modificando a base econômica dos tiradores e provocaram investimentos de algumas famílias na captura e beneficiamento dos caranguejos. Segundo Maneschy (2003), as restrições na oferta de trabalho e empregos nas cidades têm fornecido um contingente suplementar nas atividades de extrativismo do caranguejo. São homens e mulheres que desenvolvem formas de ajustamento ao

ecossistema para extrair os meios de vida dos manguezais, que no estado do Pará constituem-se em grandes áreas.

São áreas de transição entre terra e mar, formando um complexo ecossistema, típico de regiões tropicais e subtropicais. Abrigam multiplicidade de espécies animais e vegetais e permitem inúmeras condições de exploração dos recursos (NOVELLI, 1995). Suas raízes funcionam como filtros na retenção de sedimentos, constituindo importante banco genético para a recuperação de áreas degradadas.

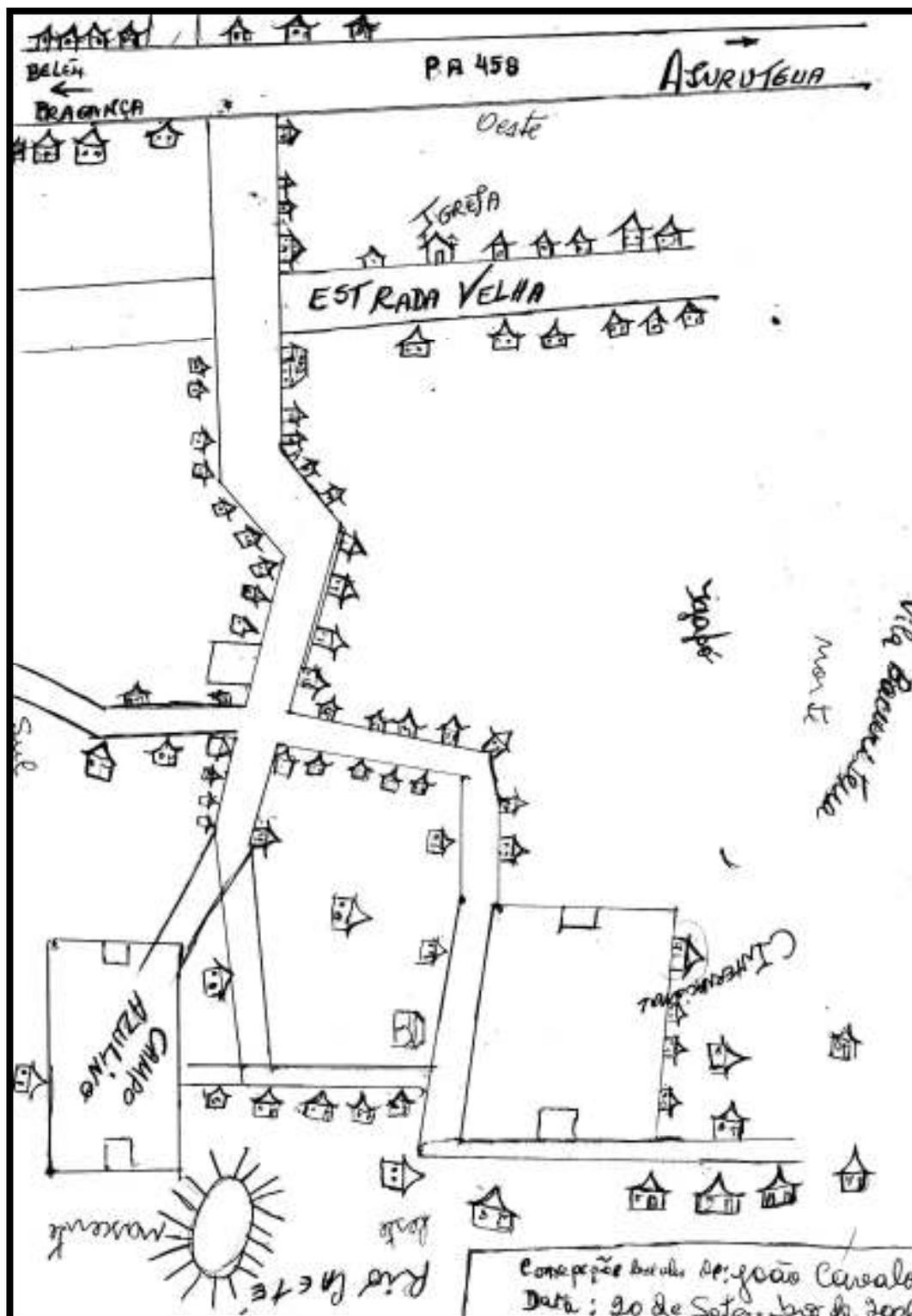
Os manguezais desempenham também importante papel como exportadores de matéria orgânica para o estuário, contribuindo para produtividade primária na zona costeira. É no manguezal que peixes, moluscos e crustáceos encontram as condições ideais para reprodução e criadouro para várias espécies, com considerável valor econômico e sociocultural. Os manguezais do estuário do rio Caeté são responsáveis, segundo Glaser (2005), pela produção de 95% de alimento que os seres humanos retiram do mar, vital para sua subsistência.

Devido à riqueza de sua vegetação e dos animais, os manguezais brasileiros são explorados desde o período colonial o que naquele momento já era objeto de preocupação por parte de D. José, Rei de Portugal, que proibiu o corte de árvores de manguezal, fonte do tanino¹⁶, utilizado para coloração de velas das embarcações e da roupa em geral, quando a atividade de tiração de caranguejo era complemento alimentar da dieta dos índios neste período (LOUREIRO, 1985); (LACERDA, 2002).

3.2 A VILA DO ACARAJÓ

A Vila do Acarajó destaca-se com a construção da rodovia Pa 458 que atravessa uma considerável área de manguezal. Paralelamente temos a estrada sem asfalto, denominado pelos moradores de piçarreira ou estrada velha, que segue até a Vila de Bacuriteua.

¹⁶ Corante muito utilizado em coloração de velas para embarcações e roupas de modo geral.



Desenho 1 - Representação da Vila do Acarajó
 Fonte: João Moraes, em setembro de 2006

A Vila está localizada a uma distância de 6 km da sede do município de Bragança. Limita-se ao norte com a Vila de Bacuriteua, ao sul com a Vila de

Abacateiro, a leste com o rio Caeté e a oeste com as Vilas de Maçarico e Taperaçu – Campo (IBGE, 1996).

Em 2002 a população¹⁷ da Vila era estimada em torno de 2.138 habitantes, com 428 casas; desses, 76% são naturais do lugar e 24% vindos da própria região. O acesso feito por via terrestre, facilitado pela rodovia Bragança - Ajuruteua, mas antigamente o acesso era feito a pé, ou de canoa. Atualmente a Vila possui em torno de 2.400 habitantes,¹⁸ com um grande número de tiradores de caranguejo, em torno de 300 homens adultos (SANTOS, 1996); (DRUDE, 2003).

Os moradores estabeleceram uma divisão espacial local. Hoje a Vila do Acarajó se divide em Acarajozinho, Acarajó Grande e Área de invasão. Segundo alguns tiradores, antigamente a Vila tinha somente 10 casas, todas com forno de farinha, existia muita facilidade para a caça de macaco, jabuti, preguiça e hoje a terra, que seria para plantar vai dando lugar às casas dos filhos. Naquele tempo havia muita visagem¹⁹ e a maioria dos moradores evitava sair à noite, devido às casas serem distantes umas das outras, e haver, afirmam, muita *Matinta-perera*, *Lobisomem*. Os moradores só saíam se fosse por uma necessidade incontornável. Por exemplo, uma mulher sentir as dores do parto.

Assim, depreende-se que a construção de casas próximas umas das outras provoca o desaparecimento das visagens. Relembra seu Adão:

[...] Aqui a gente contava as casa que tinha [risos], a estrada sempre do Acarajó é essa mesma aqui, é essa aí. Foi quando mesmo eu me *intindi*, que vinha pra ir, já era essa estrada, essa estrada que é passada em Bacuriteua e ia pra Taperaçu [...]. Eu morava da Creche pra lá, bem perto do Chiquinho Gama, eu morava lá, desse lado, pra banda daqui assim e então era a estrada mais de lá aqui. Nesse, tempo tinha visagem, aparecia visagem aqui nessa estrada, não era *toda as pessoa* que andava aí de noite aqui. As casa eram longe, distante uma da outra, aquela vila de casa alí pra dentro não tinha, só tinha era a casa do Paulo, do Tubia, que era do pai dele, do velho Tubia, e tirando de lá tinha a casa do tio Luís e bem aonde é a sédia [sede dançante] alí. Tirando de lá, tinha outra a casa da Maria, que era a casa da tia Clara, sempre *tive* lá mesmo; tirando de lá tinha uma aqui bem *aonde* a casa do Mundico Gama, era a casa do tio Félix, tirando de lá ia ter a casa do Taurino, lá no começo da ladeira, daqui tinha uma casa do Manuel alí, daqui ia ter de novo no Bacuriteua, era assim, agora não. [...] tinha muita visagem, diz que aparecia *Matinta-Perera*, era *Lobisôme*, era essas coisas. A gente ia nesse tempo assim mesmo, porque era uma

¹⁷ Cadastro realizado pelos agentes comunitários de saúde (DRUDE, 2003).

¹⁸ Dados do ano de 2005, obtidos através de agentes comunitários da Vila do Acarajó.

¹⁹ Segundo Galvão (1955), as visagens são seres sobrenaturais que habitam o interior da floresta, moram nos fundos dos rios e gostam de lugares pouco habitados. São crenças que derivam de tradições européias conservadas e transmitidas pelos colonos, outras trazidas pelos escravos africanos e aquelas herdadas pelas populações indígenas.

precisão, se fosse por outra coisa ninguém ia não, eu não ia não com medo da visagem [risos]. Mas agora sumiu tudo, agora a gente já tem medo é dos vivos, não é mais de visagem [risos] (Adão, Fev/2006).

E com o sumiço das visagens vêm as afirmativas de que o Acarajó mudou para melhor e a Vila virou *cidade*.

[...] Agora não, passou duma casa tá na outra, passa duma tá na outra. Melhorou muito o Acarajó [...] eu tenho um primo que mora em Marabá e aí ele foi, ele foi daqui criança, criancinha mesmo que ele foi novinho, rapaz com seus quinze anos, agora ele tá, ele é mais velho do que eu (mais de 65 anos), ele tava pegando quase uns setenta anos, aí ele foi e disse “*Eí! Adão como é que tá nosso Acarajó?*” Eu disse: *Rapá! Acarajó não é mais Acarajó, E o que é? Acarajó é cidade*, tu chega lá tem tudo, hoje em dia tem telefone, naquele tempo nem sabia o que era telefonar [risos], num se falava nisso, agora tem telefone, tem tudo, *ah! Rapaz tem muita coisa, só tu indo lá pra ver, quando que se sonhava de ter água encanada aqui?* Hoje em dia tudo tem, tem luz, quando que a gente esperava isso, e é assim [...], mas melhora por uma parte, piora por outra [risos]), hoje tá muito violento não tá mais num caso de se brincar (Idem).

As residências são, na maioria, próximas uma das outras, com terrenos, ou quintais que variam em extensão. O número de moradores por residência fica entre três a nove pessoas. As famílias são numerosas e quando os filhos arrumam família, continuam a morar com os pais ou constroem casas no mesmo terreno, devido ao *mato*, no entorno da Vila, estar ocupado por fazendas de gado. Outros possuem extensões de terra e dedicam-se ao cultivo da roça durante a semana e para dispor de um dinheiro extra, tiram a maior quantidade possível de caranguejos as sextas e sábados.

A casa de seu João²⁰, por exemplo, foi construída de alvenaria em fevereiro de 2006, no sistema de mutirão²¹. Tal prática presente na Vila, segundo alguns moradores, somente se o morador não tiver condições de pagar alguém para construir. Os estudos de Drude (2003) demonstram que em alguns casos ocorre de o dono contratar serviços de terceiros, que podem ser pessoas da própria Vila, ou de outras.

Em outros casos, percebe-se que são os proprietários que fazem suas casas, ou convidam os parentes, vizinhos e amigos, para ajudá-los na construção,

²⁰ Seu João desenvolve a atividade há 43 anos no manguezal e hoje em dia ele afirma que *se acabou no mangal*, mas conseguiu criar dez filhos que se tornaram tiradores de caranguejo, inclusive um filho teve a perna amputada quando se machucou no exercício da atividade e atualmente é comerciante, montou uma venda na sua casa que fica no terreno do pai.

²¹ Sistema de mutirão: Forma antiga de solidariedade e de cooperação segundo Queiroz (1974).

no ritmo do tradicional mutirão tal prática, segundo os tiradores, *vira uma festa*, pois são homens, mulheres e crianças que ajudam como podem: carregam água, fazem a massa de cimento, outros fazem a comida para ser distribuída a todos que participam, sem faltar aos homens a cachacinha para *esquentar o corpo*.



Fotografia 6 - Casa antes da construção de alvenaria
Fonte: Regina Reis, em janeiro de 2006



Fotografia 7 - Casa após a construção. Construída em sistema de mutirão
Fonte: Regina Reis, em fevereiro de 2006

Na Vila do Acarajó, a parte denominada de Acarajó Grande é considerada o lugar mais importante, lugar onde se concentram casas de lideranças, como os professores, comerciantes, também como igrejas, campos de futebol, sedes dançantes, vice-diretor de escola que lembra a divisão das ruas de Gurupá, Galvão ,1955) que se constituía em “gente de primeira” e “gente de segunda”.

O lugar que gera muita desconfiança por parte de alguns moradores é a *área de invasão*,²². Esses moradores são sempre acusados de roubos, pelo fato de suas residências ficarem as proximidades do presídio de Bragança.

Quanto ao número de filhos por família, a tiração de caranguejo parece ser combinada com a vontade de ter filhos, ou vice-versa, pois ter filhos relaciona-se indissociavelmente do *mangal*. Os tiradores têm uma relação íntima com a natureza e uma história contada por eles sobre um morador e companheiro na tiração reflete bem essa relação. Este possui dez filhos e em conversas com parentes e vizinhos sempre afirma que enquanto tiver caranguejos no *mangal* sua mulher vai ter filhos.

Os tiradores sempre contam esta história, quando são questionados sobre a quantidade de caranguejos retirados dos manguezais nos fins de semana e se isso prejudica, ou não a sobrevivência deles em longo prazo, caso a intensa captura acabe com o caranguejo, ou se torne insuficiente para os tiradores.

Procurei a esposa daquele tirador de caranguejo, para uma conversa informal. Uma mulher de 38 anos de idade que argumenta que tem muito medo de operar para não ter mais filhos, embora haja médico cirurgião na Vila de Bacuriteua²³ que já operou e opera muitas mulheres das Vilas próximas e do Acarajó. Esta mulher está grávida do 11º filho, mas ela afirma que desta vez vai *criar coragem e operar para não ter mais filhos*.

A quantidade de filhos por casal é no mínimo de três e máximo de quatorze filhos. Quando esses chegam à adolescência, inserem-se na tiração do caranguejo, alguns com estudo, trabalham como cobradores de ônibus, em lojas de Bragança, nas fábricas de gelo em Bacuriteua, ou migram para Belém e Nordeste, para casas de parentes ou conhecidos. Mas grande parte permanece na Vila e afirmam que o meio de ganhar dinheiro é tirar caranguejos.

3.2.1 O Mangal de Bragança e da Vila do Acarajó.

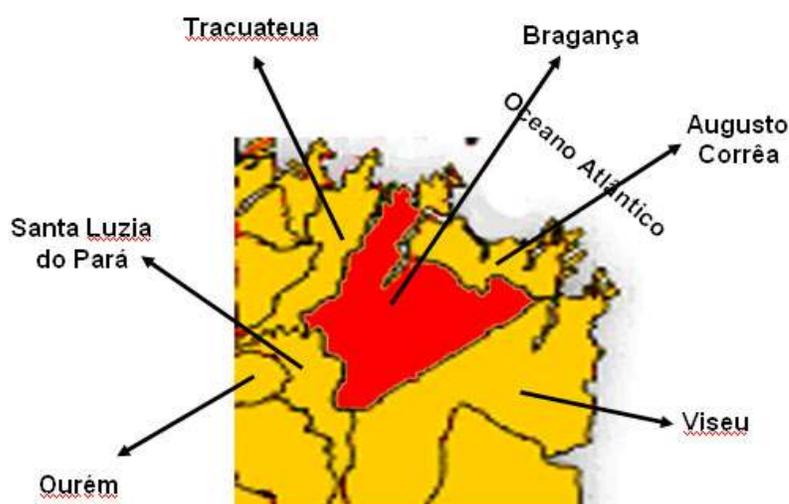
A cidade de Bragança está localizada à margem esquerda do rio Caeté²⁴, limitando-se ao norte com o Oceano Atlântico, a leste com os municípios de Augusto

²² Assim denominada pelos tiradores de caranguejos que moram no Acarajó Grande por ficar às proximidades do presídio de Bragança.

²³ Segundo Drude (2005) a Vila do Acarajó não possui Posto de Saúde e seus moradores recorrem à vizinha Bacuriteua, Bragança ou Belém.

²⁴ Caeté em língua tupi – guarani significa “Mato Bom”.

Corrêa e Vizeu, ao sul com o município de Ourém e a oeste com o município de Traquateua. Sua população atualmente é estimada em 93.779 habitantes, sendo as principais áreas de manguezais as Vilas de Ajuruteua, Acarajó, Bacuriteua, Caratateua, Tamatateua, Treme e Patalino, parte que integra a microrregião bragantina (IBGE, 2000). Com sua diversidade ecológica, configuram uma das mais ricas regiões do País em recursos naturais, proporcionando a sua população diferentes formas de exploração e aproveitamento dos recursos existentes.



Mapa 4 - Fronteiras da cidade de Bragança

Os manguezais de Bragança têm sido locais de sustentação econômica e sociocultural de várias populações situadas em Vilas próximas, que vivem da *tiração de caranguejo* para a venda. O caranguejo é um dos produtos mais importantes para a economia regional e sobrevivência das populações, que se reproduzem socialmente com base econômica ancorada nesse recurso.

A extensão dos manguezais de Bragança, somente no estuário do rio Caeté, corresponde a uma área de aproximadamente 180 km quadrados somente em área de estudo do programa MADAM. Esse ecossistema proporciona meios de vida material e imaterial (sociocultural) para as populações que vivem em seu

entorno, além de abrigarem uma grande variedade de plantas²⁵, animais²⁶ e microorganismos adaptados a condições ambientais instáveis, ligadas à mudança constante das marés, afirma Glaser (2005). Esta área inclui a Vila do Acarajó com 1.005.500 metros quadrados, situada no Nordeste da região bragantina (DRUDE, 2003).

3. 2. 2 Caracterização Socioeconômica da Vila

A idade dos tiradores de caranguejos que viajam de caminhão entrevistados da Vila do Acarajó varia entre vinte e setenta e um anos: de vinte a cinquenta anos (68%) e os restantes (32%) com idades que variam entre cinquenta e um e setenta e um anos, conforme tabela em seguida.



Gráfico 1 - Idade dos Entrevistados
Fonte: Pesquisa de campo realizada em janeiro de 2006

A escolaridade dos tiradores entrevistados não ultrapassa o ensino fundamental incompleto, mas somente alguns declaram-se analfabetos. Na realidade, a maioria informa que estudou, mas não sabe assinar o nome, não tem documentos, ou estes são insuficientes para obtenção de aposentadoria, quando atingem a idade de 60 anos. É o caso do seu Biroba, tirador de caranguejo com sessenta e cinco anos de idade, que já deveria estar aposentado, porém faltam-lhe os documentos necessários.

²⁵ Segundo Bastos (1995) as plantas do manguezal são utilizadas na medicina caseira, por exemplo, o mangue vermelho (*Rhizophoraceae*) é utilizado como chá no combate a diarreia e o mangue bolota (*Combretaceae*) utilizado no banho para combater a hemorróida.

²⁶ Para a autora os animais são de grande valor protéico e monetário para o homem que consome e vende caranguejos, camarões, ostras, turus e peixes.

O estado civil predominante entre os tiradores entrevistados é o de casado, ou amigado, que corresponde a vinte e um tiradores (84%); são solteiros quatro tiradores (16%). São homens adultos que trabalham na atividade de tiração de caranguejo, que aprendida desde criança, devido ao processo adaptativo representado pelos costumes.

A integração dos homens é feita através da transmissão do aprendizado, pelas mães que levam seus filhos ainda crianças para os manguezais e igarapés próximos às residências, onde aprendem a pesca de linha, pesca de camarão, chamada *mariscar* e *tiração de caranguejo* para consumo doméstico, ou *defesa da bóia*. Nesse processo, o papel da mulher é central, orientado para a satisfação das necessidades do grupo doméstico (DRUDE, 2005:143).

O filho de tirador de caranguejo da Vila do Acarajó que constitui família, em muitos casos, insere-se na atividade no manguezal voltada para venda, como uma das poucas opções para viver, pelo fato de que, mesmo que a tiração seja *um serviço danado*, atende as necessidades imediatas porque muitos afirmam que nenhum homem da Vila quer passar o dia inteiro capinando, ou em algum conserto de cerca, ou *mandado* para no final do dia ganhar R\$ 10,00 ou R\$ 15,00 reais e muitos recusam o serviço de capina nos terrenos aos arredores da Vila, ou em Bragança. Caso o preço oferecido não seja satisfatório, por exemplo, um terreno que tenha uma área de 1.800 metros quadrados, é roçado e capinado por R\$ 200,00 reais. Caso o interessado ofereça um preço abaixo desse valor, eles recusam o serviço imediatamente.

Assim, muitos preferem a tiração de caranguejo, por ser um serviço mais lucrativo e com pagamento feito na hora. Na atividade do manguezal, o *ganho* (dinheiro pago pelo serviço executado) pode chegar a R\$ 25,00 reais às sextas e igualmente aos sábados, considerado por eles um bom *ganho*, em vista do que é pago em outro tipo de serviço, na região, durante toda a semana.

Em Bragança, em relação os pescadores, os tiradores afirmam que a maioria é de origem nordestina principalmente cearense, migram em busca de melhores condições materiais na região e, *“hoje pescador são os cearenses, os daqui viraram tudo tirador e hoje nós compra o peixe”*, confessa um tirador de caranguejo aposentado, da Vila do Acarajó. Por outro lado muitos cearenses casam com as moças da Vila: O exemplo é a filha de Seu Adão que inclusive por ocasião da entrevista estava no estado do Ceará, pois segundo ele no Acarajó já moram

quatro cearenses. Casam com as moças do lugar e constituem famílias. Por outro lado, alguns acarajoenses viajam para o estado do Ceará e Maranhão, outros moradores possuem parentes que moram em Vilas próximas, principalmente em Caratateua e Bacuriteua onde, segundo dona Inezila, *a cada dois passos encontra um cearense*, outros migram para Belém, Marituba, Castanhal, Cafezal e Cachoeira do Piriá no Pará.

Neste sentido é interessante a análise que Durhan (1973) faz sobre a migração, pois segundo a autora o migrante não vive mais em um universo relativamente fechado; as atividades se dissociam. Mas, no contexto estudado a migração não acontece apenas por motivos de crise no meio rural, nem a migração faz parte de um processo de destruição do modo de vida tradicional, ponto de vista analisado pela a autora. Pelo o contrário, da análise da autora, o retorno ao modo de vida “tradicional” acontece por uma desilusão amorosa: a exemplo de uma filha de tirador de caranguejo que durante os meses de campo retornou do município do Piriá pelo menos quatro vezes. Portanto há de se considerar o cotidiano dinâmico que está em constante mudança e tornar flexível o gráfico a seguir.

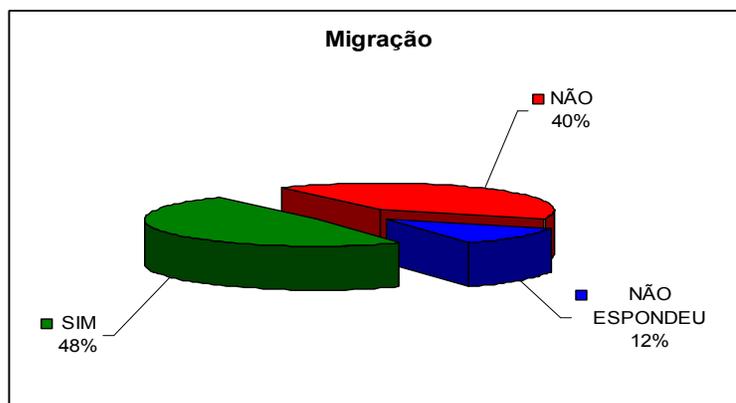


Gráfico 2 - Migração dos moradores da Vila do Acarajó
Fonte: Pesquisa de campo realizada em fevereiro de 2006

Das 25 casas visitadas, doze casas (48%) informaram que possuem parentes que moram em outra cidade. Dez casas (40%) informaram que nenhum parente migrou, permanecem na Vila do Acarajó, três casas (12%) não informaram.

Na Vila do Acarajó, há quase total ausência de terrenos para cultivo devido à Vila estar cercada de fazendas de gado, portanto o *mato tem dono* e se

transformou em pastagem, inclusive este campo alagado abaixo, localizado na estrada Bragança – Ajuruteua.



Fotografia 8 - Lago que surgiu com a construção da estrada

Fonte: Regina Reis, em fevereiro de 2006

E para ampliar as dificuldades de alguns moradores, uma das famílias (Gama), possuidora de grandes extensões de terra, vendeu parte do terreno (uma ilha) para um morador de Bragança. Era um terreno onde os moradores que enfrentam escassez de terra plantavam, mas quando foi vendido o dono mandou cercar, passar o trator e derrubar tudo para ser transformado em pasto, impossibilitando aos moradores a plantação e conseqüentemente a colheita. Assim, segundo seu Adão, esta situação também vai acontecer com o *mangal*, em conseqüência da construção da estrada²⁷, se os tiradores continuarem derrubando das árvores e destruindo a vegetação. A este respeito, Seu Adão diz o seguinte:

[...] e assim eu disse pra ela [comadre] “Olha! é assim que vai acontecer no mangal daqui com mais uns tempo, Deus num *premite* que eu minta, que não dê, mas a esperança é essa uma, a pessoa chega num mangal e mete o pau, *derroba* mangueiro, *derroba* aqueles pau que ele bem entende de *derrobar* e aí aquele pedaço que *derroba*, aquele pedaço o caranguejo não vai mais fazer buraco ali, não vai fazer porque o caranguejo, o sustento dele é a folha do mangal, folha daqueles pau do *mangal*, do tinteiro, da siribeira, mas se não tiver árvore que caia folha, ele não vai fazer o buraco lá, ele vai fazer aonde tem árvore, pra poder fazer a casa dele que a folha cai pra ele pode pegar. É o sustento dele e antão o que vai acontecer é isso. Pra se ver nessa estrada do Ajuruteua, nessa *perca* de mangal que teve da estrada, não tem buraco, é só um campo, *pode correr que é tudo seco*, não tem buraco de caranguejo, por causa de que, porque caiu o manguero, não tem siribeira, não tem nada, o que é que eles vão comer de lá? Não tem

²⁷ O tirador se refere à estrada PA 458 construída, em 1983, sobre extensa faixa de manguezal.

folha [...] o aterro endureceu o tijuco e pronto, eles não faz a casa de jeito nenhum, *percura* aonde o mangal tá mais mole e que tenha folha pra eles poderem comer, é isso daqui pra frente o que vai acontecer Deus num *premita* que não, que não aconteça, mas a esperança é só uma (Adão, fev/2006).

Para os tiradores mais experientes o tempo passado era de fartura, o tempo era outro, sem estrada, pouco tirador e pouco consumidor de caranguejo, até porque tinha roça e pesca, relembra Seu Adão de sessenta e cinco anos, aposentado como agricultor. Naquele tempo tinha fartura de peixe era o tempo em que poucas pessoas tiravam caranguejo e poucos eram os consumidores, tempo em que a terra não tinha dono. Hoje a terra tem dono e muita coisa eles (os donos da terra) fazem, argumenta Seu Adão da seguinte forma:

[...] me criei num tempo mais de fartura e hoje em dia como eu tenho dito pro meus filhos “meus filhos eu cansei de pegar peixe nesse rio Caeté aqui, acuar Gurijuba aqui, hoje em dia feliz quando vai pra lá que pega uma Uritinguinha deste tamanhinho no espinhel” [...] no meu tempo era muito bom, a gente butava aqueles curralzinho de beira, butava espinhel, quando ia puxar de manhã era Bragalhão, era Pescada, eita! Tinha às veze que a gente vinha debaixo de carga de peixe. [...] naquele tempo não tinha nada de estrada, era só em canoa mesmo, nesse tempo não tinha nada e tinha pouca gente que tirava caranguejo aqui, pouco, pouco mesmo, não tinha muito consumidor e mesmo aqui é como eu tive lhe dizendo, os donos da terra eles mesmo fizeram muita coisa, porque nesse tempo, logo quando eu casei, eu trabalhava [...] sempre a minha vida foi maré mesmo, mas eu tinha a minha roça, aqui eu roçava, eu roçava, às vez duas, três tarefa, quatro tarefa e aí a gente capinava, mas tinha os mato era maior e tinha mais mato, mas também tinha mais pouca gente, hoje em dia não é como naquele tempo (Adão, fev/ 2006).

Esses dramas foram compartilhados e evidenciados na fala de Paulo Tobias, aposentado como agricultor, durante uma conversa informal, enquanto confeccionava paneiros²⁸ para a pesca do amoré²⁹. Nesse momento com saudosismo lembra de seu pai, do tempo em que tinha terra para cultivo e quando o *mangal* era praticamente inexplorado. Ele relembra o passado enquanto trança a tala que aos poucos vai dando forma a um cesto artefato de sua cultura material, um dos objetos que fazem e usam para sua sobrevivência. Lembremos Herskovits (1963) a tecnologia é essencial para a compreensão da base material da vida social. Por outro lado o imaterial da cultura é um produto das escolhas arbitrárias

²⁸ Paneiro - Cesto vazado confeccionado com tala de guarumã (*Ischnosiphon ovatus*).

²⁹ Amoré é um peixe característico do ecossistema manguezal bastante consumido pelos tiradores. Para pescá-lo é necessária a confecção de cestos apropriados.

proporcionadas pelo conhecimento do grupo e as limitações do meio ambiente (LEMONNIER, 1992).

Para alguns tiradores, a confecção de artefatos é uma prática que ultrapassa a simples *luta* pela sobrevivência. São momentos melancólicos, entristecidos. É o passado que “bate na porta das lembranças” e recorda o tempo em que se tinha terra para plantar. Nesses momentos, ao mesmo tempo tristes e prazerosos, na medida em que trança a tala de guarumã diz o seguinte:

Foi meu pai que me ensinou a fazer esse paneiro, primeiro ele fazia e mandava eu prestar atenção, certa vez eu fui fazer o paneiro eu errei e o meu pai me deu uma surra e desde esse dia não errei mais [...] antigamente no tempo que tinha terra para se cultivar eu trabalhei na lavoura com o meu pai, na roça, no plantio de tabaco, plantava feijão, nesse plantava maniva, feijão, nesse tempo plantava também couve e viajava para comprar a despesa, a tiração era só para uma defesa, hoje em dia é profissão, porque não tem terra suficiente para trabalhar, foi toda legalizada. Ninguém tem mais terra pra trabalhar o jeito foi ir pro mangal e o caranguejo quase não tem mais, mas tem razão, todo dia tirando assim acaba [...] foi no tempo do José Maria Cardoso [Prefeito na época], ele projetou a estrada, o pessoal que tirava caranguejo ajudou a abrir o pico da estrada, o caranguejo era grande e o buraco era raso demais e com a estrada o caranguejo ficou mais *vasqueiro* [escasso], porque passaram tirar, a tirar e o caranguejo ficou mais longe [...] e uma parte do mangal próximo daqui [Acarajó] foi aterrada e morreu muito caranguejo, e agora tem caranguejo mais não é gostoso a gordura é travosa porque o caranguejo se alimenta da folha do mangal e se tirar as árvores eles podem até sobreviver mas não são gostosos (Paulo Tobias, janeiro/2006).

Outro diz que *se acabou no mangal, mas criou dez filhos* e hoje recebe ajuda dos irmãos que migraram para Belém.

O depoimento mostra claramente que pode existir correspondência entre o conhecimento das populações “tradicionais” e o conhecimento especializado/científico, pois os tiradores que vivem as proximidades dos manguezais percebem as relações entre a captura intensa de caranguejos e a possibilidade de desequilíbrio do ecossistema, se houver escassez de caranguejos. Diele (2000) faz a mesma observação sobre os caranguejos que vivem em tocas na floresta do manguezal. E como se alimenta principalmente de folhas, o animal provavelmente desempenha um papel importante na dinâmica de nutrientes do ecossistema, concepção que é reiterada por Souza Filho (2001), quando afirma que a vegetação do manguezal de Bragança foi removida por causa da construção da estrada e as conseqüentes exposições aos raios solares provocaram modificações no solo e danos à atividade biológica e social.

3.3 O USO SOCIAL DO MANGUEZAL: OUTRAS LEITURAS

Para análise da organização dos tiradores de caranguejos da Vila do Acarajó, faz-se importante a produção acadêmica sobre o pequeno produtor amazônico, que desenvolve uma economia plural, polivalente, como sendo a atividade plural condição básica da vida humana, para fixação do homem no campo, com a pressão mercadológica e o avanço do capitalismo na região amazônica o pequeno produtor especializa-se em agricultor, pescador, ou tirador de caranguejo, tornando-se um “profissional”; categoria que surge em consequência de uma estrutura social desigual, que desapropria, ao penetrar nas bases de ocupação humana, ponto de análise de vários estudiosos (QUEIROZ, 1976); (MALDONADO, 1986); (MELLO, 1985); (LOUREIRO, 1985); (FURTADO, 1987; 1993; 2001); (MANESCHY, 1988). Os autores enfatizam as múltiplas atividades desenvolvidas pelos pequenos produtores que estabelecem uma relação de dependência direta com os recursos da natureza.

Na região de Bragança surgem atividades exclusivas como a do *tirador de caranguejos* que desenvolve atividade nos fins de semana, fato do qual me ocupo nesta Dissertação, mas que no passado desenvolviam uma multiplicidade de atividades, fato evidenciado na fala de Seu Adão, aposentado como agricultor, morador da Vila do Acarajó, em Bragança, quando se reporta ao passado: Pois segundo ele seu *negócio* (atividade) *sempre foi a maré* (pescador) e atualmente *tira* caranguejo nos fins de semana que, segundo ele, é feito somente para uma *defesa*.

Antigamente era em paneiro, a gente fazia às vez quinze paneiros, vinte paneiros e ia na maré da noite a gente subia pra Bragança, chegava lá vendia, vendia e nesse tempo não tinha quase marreteiro, era bem pouco marreteiro, aí passava um meio dia lá por Bragança, às vez vinha chegar por aqui uma hora, aí vendia, aí a gente chegava, a gente ia fazer paneiro de novo, tirar guarumã pra fazer paneiro, pra descer na outra semana de novo, era assim cada semana era uma viagem que a gente fazia [...] fazia tudo o que tinha que fazer, chegar de lá tinha de cortar o guarumã, fazer o paneiro, pra descer na outra semana de novo, cada semana era uma viagem que a gente fazia, a viagem era dois dias. A gente saia vamo dizer na segunda feira, aí tirava caranguejo terça e quarta. Quando era na quinta-feira a gente tava na cidade vendendo, aí tirava o guarumã sexta, sábado a gente fazia o paneiro, quando fosse a outra segunda a gente tornava descer de novo. Era assim que era (Adão, fevereiro/2006).

Na concepção de Mello (1985), em uma economia voltada para a subsistência, o produto é valorizado pelo uso, aliado ao fato de existir em abundância, à disposição da população com necessidades bastante reduzidas antes da “invasão urbana”, que modifica a estrutura social, econômica e cultural. Na realidade estudada, podemos constatar esta mudança com grupos de *tiradores de caranguejos* e em consequência as relações desses com os recursos dos manguezais, pois existe a retirada de milhares de caranguejos nos fins de semana levados para fora do município de Bragança. Fatos facilitados pela organização capitalista que subordina, individualiza, especializa e influencia neste aspecto, assunto analisado por vários autores, destacando (LOUREIRO, 1985); (FURTADO, 1987; 1994, 1997, 2001), (MANESCHY, 1993, 2001, 2003)

As mudanças nas relações sociais incentivam a propriedade privada, o trabalho remunerado que facilita a aquisição de bens materiais³⁰ através de sistema de crédito, ao mesmo tempo em que dificulta a exploração racional e equilibrada dos manguezais.

O *mangal* é visto como bem comum, onde as pessoas podem alocar sua força de trabalho disponível e possibilitar a tiração intensiva dos caranguejos, para atender demandas de uma economia de mercado, pois o dinheiro tornou-se um elo importante nas relações para a maioria dos tiradores da Vila do Acarajó. O dinheiro é ao mesmo tempo, símbolo e performador da relação, afirma Simmel, citado por Frédéric Vandenberghe (2005).

A *tiração de caranguejo*, no período colonial, aparece na literatura como atividade sazonal e complemento alimentar dos índios pescadores e agricultores. Neste período os caranguejos eram acondicionados em *cofos*³¹ e capturados somente com o *braço*³² (LOUREIRO, 1985); (OLIVEIRA, 1989); (MANESCHY, 1995); (REIS, 1998); (FURTADO, 2001); (ALVES, 2003). Informações importantes para análise da organização dos tiradores de caranguejos para tiração intensiva com fins mercadológicos, pois a venda dos caranguejos feita pelos tiradores da Vila nos

³⁰ Consideramos bens materiais aparelhos eletroeletrônicos, tais como televisão, antena parabólica, geladeira, bicicleta, DVD, som, além de roupas, calçados e etc.

³¹ Espécie de cesto, confeccionado pelos tiradores, com folhas de Inajá (*Atallea maripa*) verde, para dar maior flexibilidade no momento do trançado. Ainda hoje é utilizado na Vila do Acarajó e em outras localidades.

³² Maneschy (1993) descreve a tiração de caranguejo em São Caetano de Odiveiras. No contexto desta pesquisa a utilização do braço enquanto técnica depende do tipo de *mangal* em que o tirador desenvolver sua atividade.

fins de semana é em cambadas que de certa forma facilita a conferência para o tirador e comerciante, no momento da venda.

O caranguejo tinha “valor de uso” para satisfação das necessidades materiais dos grupos humanos que vivem no entorno do manguezal e um sentido simbólico. Contudo, há vinte anos, os estudos de Furtado (1987) apresentavam preocupação quanto à pressão mercadológica na atividade pesqueira, provocando mudanças socioeconômicas. Naquele momento a *tiração* (coleta, captura) de moluscos e caranguejos em Marapanim já deixava de ser uma atividade destinada exclusivamente ao consumo doméstico, para, sobretudo, atender aos interesses de comercialização destes mariscos. A abertura de rodovias, expansão dos meios de comunicação e a intensa migração, em busca de melhores condições de vida, facilitaram em grande medida tal mudança.

Essas mudanças são verificadas também nos estudos de Cardoso (2000) quando descreve e analisa o envolvimento das mulheres de Guarajubal (Marapanim) no processo de beneficiamento (catação) da massa de caranguejo. A autora constata que a catação é predominantemente feita por mulheres, atividade que ressalta os saberes e conhecimentos envolvendo aspectos da cultura em geral, pois a atividade das mulheres, no manguezal, não se restringe ao beneficiamento do caranguejo, mas envolve aprendizado (educação, cultura) associado ao processo produtivo familiar.

Mas, analisa a autora que a *tiração de caranguejo* e o beneficiamento não é simplesmente uma atividade extrativa destinada à venda; a razão de tirar caranguejos não está pautada somente em uma prática cotidiana tem uma importância particular para as populações que exploram os recursos manguezais, por oportunizar às mulheres a transmissão de saberes às crianças, prática que simboliza o desenvolvimento de uma rica e dinâmica rede de interações com o meio ambiente e com eles mesmos, através de estilos particulares de adaptação à natureza (QUARESMA, 2000). Os tiradores de caranguejos dos fins de semana devem ser exímios conhecedores do manguezal e ágeis na retirada dos caranguejos, bagagem cultural apreendida desde a infância.

No contexto da atividade, a prática de *tirar* caranguejos é feita somente por homens adultos, atividade exclusiva que exige do tirador excelente vigor físico, para uma longa permanência no manguezal. O tirador usa proteção para o corpo, sapato confeccionado com pneu de bicicleta, botas, luvas e o porronca, cigarro feito

de tabaco, para espantar tanto os mosquitos, quanto as visagens que, segundo os tiradores, *moram* no interior do *mangal* e geralmente aparecem nesses momentos.

Os equipamentos de proteção para o corpo são confeccionados pelos próprios tiradores. A descrição dos materiais de proteção foi feito também por (MANESCHY, 1988); (SANTOS, 1996); (DRUDE, 2003:57); (ALVES, 2003:97) recorrentes em outras áreas.

Os *tiradores de caranguejos* da Vila do Acarajó preparam-se ainda na estrada para adentrarem no manguezal. Eles são necessários porque os *tiradores* desenvolvem atividades em ambiente hostil, lodoso, escorregadio, em “caminhos” de difícil acesso; desenvolvem variadas formas e habilidades que envolvem conhecimento de tirar o caranguejo. Segundo Mauss (1974), de fato os homens de diferentes sociedades possuem uma maneira tradicional e eficaz de servir-se de seus corpos, são hábitos e culturas peculiares: *È o conhecimento que conduz nós, afirma um tirador.*

Conhecimento adquirido através de anos de convivência com o meio e, mais que isso, observa France (1998) são relações entre os homens que denotam cooperação ou afrontamento, entendidos na fala de um *tirador*: *È divertido porque a gente tá sempre com os companheiro.* Por outro lado o meio serve de mediação para facilitar ou dificultar a ação do homem sobre ele mesmo, pois Seu João afirma que: *Quando nós tira caranguejo pequeno, os companheiro acham graça de nós e quando é eles que tiram caranguejos miudinhos é nós que acha graça deles.*

No contexto manguezal da Vila de Caratateua, os tiradores retiram caranguejos destinados à *catação*, da seguinte forma descrita por Alves (2003, p. 109 -110).

O trajeto no mangue em busca do caranguejo é denominado de *caminhada*. Esse percurso é feito várias vezes; ao fim de cada caminhada o tirador vai depositando o caranguejo nos sacos e sacolas [no caso do tirador da Vila do Acarajó, ele vai fazendo as cambadas] que ficam no bote (canoa) atracado à margem do igarapé. Entre uma caminhada e outra, ele faz um intervalo para a merenda composta de “xibé” [farinha com água], quando não adiciona açúcar ou Q-Suco. Complementa com camarão, ou peixe, ou farofa de gordura de caranguejo trazida de casa. Trata-se de um reforço para retornar imediatamente ao mangue. Essa rapidez ocorre em razão do limite de tempo, da maré vazante. O número de caminhadas varia de acordo com a disposição física do tirador e a facilidade (“sorte”) em encontrar um “ponto bom”. A produtividade individual está relacionada a uma série de habilidades, incluindo principalmente o conhecimento dos microambientes do interior do mangue (lavado, teso, apicum), o *habitat*

natural do caranguejo e seu estado ideal de captura. No geral, a experiência dos tiradores mais antigos sobressai em relação aos mais novos.

E a tiração intensiva³³ de caranguejos no contexto da Vila do Acarajó passou a ser desenvolvida de forma regular, sobretudo em razão da crescente demanda de mercado. Drude (2003) mostra como os caranguejos são tirados e mantidos vivos, amarrados em cambadas, para a venda:

Ao tirar o caranguejo de sua toca, o *tirador* desconjunta uma de suas patas, envolve-o com o *tijuco*³⁴ e carrega-o até a próxima toca. Coloca-o ali ao lado e continua a captura. Assim, enquanto puder transportar os caranguejos em suas mãos, vai coletando. Quando atinge certa quantidade, começa a montar a *cambada*. Durante o processo de trabalho, o *tirador* vai acumulando as *cambadas* e, para transportá-las o tempo todo, vai deixando-as penduradas nas árvores. Na volta, retira-as e coloca-as nas extremidades do *gancho*, se ele o levou, ou de uma vara, obtida na floresta do mangue. Se por onde ele andar houver algum fio de água, ele lava os caranguejos para tirar um pouco da lama, o que diminuirá o peso na hora de carregar o *gancho* ou a vara no ombro (Drude, 2003 p. 56).

A amarração dos caranguejos em cambadas, facilita o trabalho do tirador que, segundo o organizador, anda menos, lava os caranguejos em qualquer filete de água e fuma menos cigarro. Já em panela a dificuldade é maior, devido a só poder lavar em igarapé, caminha mais devido cada enchida de panela ser uma viagem e fuma muito, pois cada panela cheia é um cigarro. Já em cambadas o tirador fuma um cigarro e faz até vinte cambadas.

De qualquer forma, a dificuldade em tirar caranguejo através da expressão corporal e o rico conhecimento, expresso de forma significativa no “caminhar” entre as raízes e tudo que envolve a tiração, não é valorizado na hora do pagamento. Assim, a exploração e a apropriação desigual nas relações sociais são da força física do tirador (material), sugando sua energia e inteligência, mas também simbólica isto é, expropria o conhecimento acumulado, ou “capital cultural” dos tiradores, quando no exercício da atividade.

A tiração de caranguejos, enquanto atividade exclusiva foi objeto de estudo de Santos (1996), que o desenvolveu com grupo de tiradores de caranguejos na Vila do Acarajó em Bragança. Seu estudo teve como objetivo sensibilizar e transmitir conceitos e princípios sobre educação ambiental, para proporcionar à

³³ Fazemos referência a grandes quantidades de caranguejos tirados e vendidos vivos em diversas cidades do Pará e Maranhão.

³⁴ Tijuco é a parte mole, lodosa do solo denominada lama que facilita a permanência dos caranguejos nas tocas, mas para o tirador é bastante dificultoso o caminhar nesse terreno.

população alternativa de renda, como forma de diminuir a pressão sobre os manguezais de Bragança.

A afirmativa é de que somente na Vila do Acarajó residem 300 tiradores de caranguejos, que aguardam os caminhões de marreteiros³⁵, que os levam até a Ponte do Furo Grande, para a tiração de caranguejos. A autora observa que os tiradores não capturam os caranguejos pequenos e nem utilizam o gancho na tiração, por ser nocivo e matar, ou ferir os caranguejos, o que diminuiria seu valor comercial. Estudo importante como base teórica, para que eu descreva e analise a organização dos tiradores de caranguejos nos fins de semana, nos manguezais localizados fora do âmbito doméstico.

Os *tiradores de caranguejos* que viajam de caminhão nos fins de semana são somente homens adultos. Não é permitida a inserção de mulheres e crianças, pois as mulheres só devem freqüentar os manguezais ao redor da casa, considerados extensão do quintal, que Drude (2003) denomina de “mangue local”. E o aprendizado adquirido no “mangue local” é decisivo para a inserção dos meninos na *tiração intensiva*, quando atingem a idade adulta para se deslocam para os “mangues distantes” ou *pontos* em que tiram caranguejos para venda.

Observa-se que a mulher tira caranguejo somente nos manguezais próximos às residências, deslocam-se a pé, com seus filhos menores. Verifica-se que a tiração de caranguejos em tal situação é destinada ao consumo doméstico, e elas não viajam em ônibus e caminhão, porque o “mangue distante” constitui lugar de trabalho masculino, com raras exceções.

A autora analisa as condições de vida e trabalho dos *tiradores de caranguejo* e seus familiares no universo de concepções sobre saúde/doença, devido à *tiração intensiva* exigir bastante esforço físico e uma longa permanência nos manguezais. Porém não analisa a organização dos tiradores nos fins de semana, que também permanecem por bastante tempo nos manguezais.

Alves (2003) desenvolveu seu estudo na Vila de Caratateua, com o objetivo de compreender a organização familiar dos *tiradores de caranguejos* e as *catadeiras*, que beneficiam o caranguejo, priorizando a análise das formas de inserção e articulação da família no processo produtivo e suas implicações na estrutura ocupacional da Vila. Seu estudo numa análise sociológica observa tanto a

³⁵ A autora se refere aos comerciantes de caranguejos, que no contexto deste estudo estou nomeando “comerciantes do caminhão”.

tiração (captura) de caranguejos, feita somente pelos homens, quanto o processo de *catação* (beneficiamento) feito por mulheres e crianças. Diferentemente, do que é descrito neste trabalho, os caranguejos tirados nos fins de semana são mantidos vivos e destinados a diversas cidades do estado do Pará e Maranhão.

A análise de Alves fornece-me elementos importantes, quanto à relação de dependência direta entre *tirador* e *marreteiro*, pois muitos tiradores atuam no padrão clássico de relação de dependência. Os tiradores de caranguejos obtêm empréstimos com alguns marreteiros para uma emergência. Com as relações mais fluídas, os tiradores de caranguejos fora da situação do caminhão têm liberdade para vender o produto para quantos marreteiros seja possível, pois são considerados autônomos³⁶, mas, devido ter crescido muito a quantidade de marreteiros essa vantagem é reduzida.

3.4 O CONHECIMENTO CONDUZ NÓS: APROPRIAÇÃO DOS SABERES DOS TIRADORES

Os *tiradores de caranguejos* são conduzidos pelo conhecimento que envolve uma rica relação direta com a natureza, todos eles *conhecem o mangal como a palma da mão*. Esse conhecimento, porém não é valorizado pela relação de mercado. A experiência, os saberes sobre o ecossistema servem como bússola, orientam os tiradores e fazem com que se desloquem para os lugares onde tem mais caranguejos, num expressivo movimento do corpo para que possam obter êxito na atividade. Segundo, os tiradores, o *mangal* de areia é melhor para desenvolver a atividade, pois nesses lugares o caranguejo está raso e facilita a escolha dos caranguejos mais graúdos, fáceis de vender a um bom preço, mas na falta desses, ou quando os tiradores não querem andar para procurar os graúdos, os miúdos são capturados também, porque na realidade *não importa o tamanho dos caranguejos*. Para os *comerciantes do caminhão*, o que importa é a quantidade de caranguejos.

O complexo conhecimento que envolve um longo processo de aprendizado inicia-se na infância, com as primeiras viagens ao manguezal para acompanhar os pais, assim as crianças ensaiam as primeiras tentativas de tirar

³⁶ Convido a você leitor se reportar ao capítulo IV e compartilhar do diálogo com o tirador de caranguejo e perceber a diferença à qual me refiro sobre a autonomia do tirador em vender o caranguejo para vários marreteiros.

caranguejo. Desenvolvem hábitos, comportamentos e sabedoria sobre os diversos ambientes e, sobretudo, habilidade em *caminhar* sobre as raízes, no solo constituído de parte escorregadia e partes mais firmes, porém com galhos pontudos, o que em um segundo de desatenção pode resultar em acidentes graves. Este conhecimento sobre o ecossistema manguezal, terrestre e marítimo é imprescindível, para saber se conduzir e adquirir agilidade em “tirar” o caranguejo.

Dessa forma, a construção social do ecossistema manguezal reflete o conhecimento adquirido entre as diversas gerações de *tiradores de caranguejos* e a constituição de um segmento profissional que através da aprendizagem procura desenvolver métodos mais eficazes no processo da atividade. Portanto o tirador de caranguejo longe de ser um profissional efêmero, volante, voador, possui um conhecimento riquíssimo sobre a diversidade do ecossistema manguezal, da qual ele é parte na relação direta homem/*mangal*. O homem é parte da natureza, por estabelecer uma relação necessária para criar e modificar o ecossistema, na medida em que modifica a si próprio ao adquirir bens para satisfação das necessidades materiais. Marx (1984, p.155) escreve:

A natureza é o corpo inorgânico do homem, a saber, a natureza na medida em que ela mesma não é corpo humano. O homem vive da natureza, significa: a natureza é o seu corpo, com o qual tem que permanecer em constante processo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interligada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interligada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza

Na prática a relação direta homem/manguezal é discutida por Alves (2003), quando descreve o conhecimento do tirador da Vila de Caratateua na captura do caranguejo, afirmando:

É importante o conhecimento sobre o comportamento do caranguejo, a *sabedoria do animal* em se defender da captura do homem e a “esperteza” do homem em capturá-lo [...] e por possuir uma acústica formidável, o interior do mangue produz ecos através dos quais os tiradores se comunicam por meio de sussurros e gritos codificados, ouvidos a longa distância. Qualquer componente da flora e da fauna do mangue pode indicar a existência ou não de caranguejos, mapeamento que envolve também uma série de conhecimentos particulares de cada espécie de árvore, sua predominância e o tipo de caranguejo mais propício ao consumo (Alves, 2003 p. 47).

E reforça em outro texto, dizendo que:

A construção social do ambiente reflete o conhecimento adquirido entre as diversas gerações de tiradores de caranguejos de Caratateua e a constituição de um segmento profissional que através da aprendizagem procura desenvolver métodos mais eficazes no processo de trabalho [...] o interior do mangue pode ser dividido em três ambientes: o *Apicum* ambiente que dá acesso direto ao mangue, o *teso ou Alto* área menos lamacenta que durante as marés ficam livres de inundações [...] espécie de refúgio para os caranguejos que escapam da captura e fazem suas tocas mais profundas e por ter um solo mais seguro é local onde os tiradores permanecem depois de percorrer os solos mais lodosos e o *lavado* é a parte mais baixa e inundável em todas as enchentes da maré e entre todos os ambientes é o mais difícil de se locomover devido o solo lamacento, por outro lado nele é mais fácil de capturar o caranguejo, pois as tocas são mais rasas e para os tiradores o caranguejo no lavado é *mais gordo, tem mais cumidã pra eles* (Idem, p. 48).

A riqueza complexa e diversificada do ecossistema manguezal é conhecida pelos *tiradores de caranguejo* tanto em relação à vegetação de onde retiram remédios caseiros e dos animais como peixes e o caranguejo que retiram para venda. Os tiradores de caranguejo da Vila do Acarajó detalham com bastante clareza tudo o que envolve o manguezal, o mar e a terra firme. São homens que se especializam em muitos anos de prática e que sempre usam esse conhecimento para explorar de forma exaustiva o recurso “caranguejo” e estabelecer uma relação que se baseia não somente na exploração da força física, mas, além disso, na apropriação do conhecimento dos tiradores por uma relação de mercado, imposta pela lógica do capital. As possibilidades de lucro imediato influenciam o comportamento dos tiradores. Daí alguns tiradores acreditam que *ser comerciante é a melhorar de vida*.

Os *tiradores de caranguejos* afirmam que do trecho que vai de Bragança até a praia de Ajuruteua não tem um *ponto* que algum tirador deixou de andar. São lugares superexplorados, o que os leva para manguezais cada vez mais distantes.

Para Maneschy (2003) a construção de rodovias e o avanço tecnológico no emprego de embarcações motorizadas tornam possíveis as extensões das áreas de tiragem, pois os tiradores vão cada vez mais longe, em barcos e caminhões, em consequência da comercialização intensiva dos caranguejos, que promove uma (re) organização e ampliação das áreas de atuação.

Na prática cotidiana, os *tiradores de caranguejos* da Vila do Acarajó, não capturam sempre no mesmo *ponto*; eles afirmam que só voltam naquele *ponto* após 15 dias mesmo que para o caranguejo crescer é necessário dois ou três meses, pois devido à intensa captura o caranguejo não está conseguindo atingir a fase adulta.

Muitos caranguejos jovens que eles denominam de *novo* são frágeis e morrem durante as viagens de caminhão. Os *pontos* percorridos são diferentes, afirma seu João:

Porque se todo dia a gente indo, a gente só tira naquele dia, ai esbandalha toda, aí no outro dia não tem mais [...] e também com cinco dia indo não tem, ele (o caranguejo) não dá de sair do meio da raizada pra ir pra fora, a gente tem que deixar ele criar (crescer) ali, encher [os buracos de caranguejos] pra gente ir lá de novo [...] só vai a gente que conhece, tirando a gente, esse pessoal que andam de barco daqui do Treme e de Caratateua [...] não é toda a vez que eles vão não, difícil eles irem pra lá, mas quando eles vão, eles acabam, agora eles acabam porque eles levam é o caranguejo macho, é o caranguejo fêmea, leva o grande, leva o miúdo, leva tudo eles leva [...] todo mundo é dono do mangue, todo mundo sobrevive daquilo, agora é porque eles não fazem que nem a gente de tirar os grandes e deixar os miúdo, porque não é com 15 dias que a gente vai lá e tem não, leva dois, três mês pra criar (João, fev/2006).

Percebe-se que os tiradores dominam todo um saber sobre o ciclo biológico do caranguejo e usam esse conhecimento para a retirada dos caranguejos pequenos. E a negativa nos discursos dos tiradores, quando afirmam que não capturam caranguejos *miúdos*³⁷ são sempre os tiradores de outras Vilas. Contrapõe-se ao fato de que em toda a região bragantina, as cambadas vendidas nas feiras e embarcadas nos caminhões contêm caranguejos pequenos, qualquer que seja a Vila e quantidade. Podem-se observar através das fotografias de número 9 e 10 os caranguejos de cor mais clara são os caranguejos mais resistentes e os menos resistentes são de cor azul mais forte, retirados dos manguezais sem atingir a fase adulta.

³⁷ É considerado caranguejo miúdo e impróprio para captura aquele caranguejo com tamanho inferior a seis centímetros, tamanho estipulado pelo IBAMA.



Fotografia 9 - Caranguejos à venda na feira livre de Bragança

Fonte: Regina Reis, em maio de 2006



Fotografia 10 - Caranguejos à venda na feira livre de Bragança

Fonte: Regina Reis, em setembro de 2006

A troca da carapaça do caranguejo (Ecdise) não acontece de forma simultânea, em toda a extensão do manguezal, a mudança da carapaça do caranguejo antigamente era feita de uma vez, ou todos mudavam ao mesmo tempo e hoje em dia não, o caranguejo vai mudando devagar a cada *marezada*, explica seu Vadico:

[...] antigamente o caranguejo ele mudava tudo quase só de uma vez só, vamo supor assim no mês de julho, né, quando eu comecei a trabalhar com o pessoal de Bragança, que a gente puxava para catação, ele mudava quase só de uma vez só, e hoje em dia não, ele vai mudando devagar assim, como eu falei ontem né, ele começa a mudar no mês de julho já tem caranguejo mudado de casco, né, mas só que cada *marezada* muda uma parte, ai aquele, vamo supor, aquele que começa a mudar no começo de julho, logo nas primeiras águas, né de julho, aí quando é nas outra água ele

já tá com o casco já maduro um pouco, só que aí a gente começa já a mandar tirar já o caranguejo do casco velho, e o do casco novo, como falou hoje, aí a gente faz outro, só que não pode misturar um com outro, é tudo separado, o casco novo só o casco novo, e o casco velho só velho, porque se misturar o casco novo só com o velho quebra todinho o novo, é que ele tá fraco ainda, né, e aí assim olha consegue tirar o ano inteiro que como eu tô falando, ele vive mudando de pouco em pouco, os que vão mudando primeiro quando passa uma água, nas outras eles já tão maduro já, ele já dá de tirar aí pelo meio, ainda têm os velhos, né, aí quando eles terminam de mudar no mês de setembro, né que o derradeiro tão mudando, aí já tá quase tudo casco novo, já tão maduro de novo, aí por isso que a gente tira o ano inteiro [...] eles vão trocando devagar, todas água eles trocam um *mucado* (Vadico, fev/2006).

Mas muitos tiradores estão tirando os caranguejos das tocas no momento da troca de carapaça³⁸, aqueles que estão de casco mole encontram-se mais abaixo daqueles que estão com cascos endurecidos, denominados de caranguejos *velhos*³⁹. Os tiradores, ao meter as mãos nos buracos, topam no casco e retiram aqueles já um pouco endurecidos e aqueles que se encontram na “boca” do buraco já quase na saída, mas que estão ainda *fracos* os tiradores deixam para as próximas capturas. Quando utilizam o gancho, morrem ali mesmo muitos caranguejos, porque devido à fragilidade da carapaça o gancho fura e estraga o caranguejo.

É exigido do tirador um esforço físico muito maior, pois os caranguejos ficam mais fundos e a maioria tem a carne reduzida. Assim a atividade torna-se desestimulante para o tirador, que tenta ganhar dinheiro fazendo pequenos serviços, como capina de quintais e limpeza de terrenos, que aparecem eventualmente. Diante disso, diminui consideravelmente a quantidade de tiradores nos manguezais nos fins de semana.

Dentre as particularidades que envolvem a atividade de tiração de caranguejos a fundamental é a experiência do tirador após um longo processo integrativo e adaptativo, baseado na transmissão cotidiana dos saberes, porém esses conhecimentos são desvalorizados no momento de receber o dinheiro. A tiração de caranguejos como uma profissão foi construída recentemente, demonstram os estudos de Maneschky (1993); (2003); Alves (2003). Torna-se fundamental para manter a possibilidade de lucro por parte dos comerciantes e para alguns *tiradores de caranguejos* resta o sonho de um dia tornar-se um deles.

³⁸ No período entre os meses de maio a julho, os caranguejos trocam de casco, observa Cardoso (2000: 144).

³⁹ O caranguejo velho, segundo os tiradores, é saboroso, grande e resistente a viagens longas de caminhão. E o caranguejo novo, ao contrário, a carne não é saborosa, pequeno, frágil e não resiste a viagens longas de caminhão.

O que Leitão (1997) denomina de “vácuo institucional” e diria que existe uma pobreza intelectual, no sentido de que algumas pessoas compreendem o estudo com grupos de tiradores como temática talvez menos importante que outras, pois os grupos de tiradores de caranguejos são vistos de forma etnocêntrica como uma população pobre, atrasada, sobrando lançados na tiração de caranguejo como única opção para viver. No entanto são grupos humanos possuidores de uma riqueza cultural valiosa que permitiria contribuir para a preservação dos manguezais.

E para que possamos realmente construir uma sustentabilidade econômica, social e cultural é necessário considerar de fato o rico conhecimento que envolve a prática dos *tiradores de caranguejos*, que hoje contribui para o desequilíbrio do ecossistema manguezal. Na verdade existem casos bastante diferenciados: são carpinteiros que encontraram uma possibilidade de ganho mais rápido na tiração de caranguejos; são agricultores que ampliam a possibilidade de ganho e só vão tirar caranguejos quando querem e aqueles que realmente dependem da venda do caranguejo são pessoas que trabalhavam em olarias que fecharam, ou que deixaram para se inserir na “tiração” devido à ampliação do mercado do caranguejo e *é só tirar que aparece comprador, barato ou caro, quer saber que vende*. Afirma um tirador.

Os tiradores jovens encontram na venda do caranguejo a possibilidade de comprar roupas da moda, gastar dinheiro com bebidas, cigarros e festas nos fins de semana na região.

Reafirmo que na atividade de “tiração de caranguejo” para fins mercadológicos incluindo os de fins de semana, é excluído o trabalho de mulheres e crianças. Dele participam somente homens adultos com bastante experiência na atividade, no entanto o conhecimento sobre o ecossistema manguezal, adquirido desde a infância, é imprescindível para as atividades nesses dias, para que possam capturar grandes quantidades de caranguejos. Mesmo por parte daqueles que acreditam na presença de seres sobrenaturais, encantados que chamam de visagem.

3.5 ENCANTADOS: O (RE) ENCANTO DOS ENCANTADOS

Para que os tiradores de caranguejos consigam tirar grandes quantidades de caranguejos é necessário o deslocamento para locais do manguezal

denominados de *pontos*, cada vez mais distantes em busca de caranguejos. Muitos tiradores não acessam o manguezal todos os dias, por causa da crença nas visagens: o *Lobisomem*, a *Matinta-Perera*, o (a) *Curupira*⁴⁰ e principalmente o *Ataíde*, são considerados perigosos, que podem provocar doenças e por isso são temidos e respeitados pela maioria dos entrevistados. Segundo Maués (1990) quando se refere aos encantados da mata, os malignos fazem com que o caçador se perca na floresta, caso ele queira matar somente um tipo de animal. No manguezal o *tirador de caranguejo* deve ter muito cuidado com o *Ataíde*⁴¹,



Fotografia 11 - Ataíde desenhado por professores de Bragança
Fonte: Regina Reis, em agosto de 2006

Pois o Ataíde é uma *visagem* que habita os manguezais e não permite que os tiradores adentrem sozinhos. Para alguns tiradores, o Ataíde não habita mais os manguezais que ficam próximos da estrada Bragança - Ajuruteua, tanto que percebemos nas conversas informais que alguns tiradores já preferem se deslocar sozinhos, porque muitos *esbandalham os pontos*, devido ter aumentado muito a quantidade de *tiradores de caranguejos*. Nos manguezais próximos à rodovia, as

⁴⁰ Curupira, segundo Galvão (1955) é estúpido e se distrai em desmanchar o anel de cipó feito por sua vítima.

⁴¹ Ataíde o encantado que habita o manguezal, provoca alguma situação desagradável caso seja desobedecida alguma regra ditada por ele. Segundo Alves (2003, p. 52) este encantado na descrição dos antigos “é uma espécie de ser antropomórfico, uma mistura de homem com macaco grande, peludo, de órgão sexual avantajado, cuja preferência de ataque são os homens. A sua fisionomia e estatura podem variar conforme as circunstância das ocorrências. O território do Ataíde limita-se ao interior do mangue”.

Segundo Cardoso (2003), a Mãe do mangue é conhecida por Curupira, descrito como um bicho que tem os pés voltados para trás e muitos tiradores de caranguejo afirmam que é costume *mundiar* as pessoas que vão ao manguezal.

visagens não incomodam mais os tiradores de caranguejo, porque eles (as) não freqüentam locais onde circulam várias pessoas.

A visagem é compreendida como uma força mágica juntamente com os espíritos malignos, que segundo Galvão (1955) tal conceito não se aplica aos santos ou divindades cristãs. Mas essas *visagens* (força mágica) são consideradas mecanismos de proteção natural dos ecossistemas costeiros, pois povoam a mente do pescador e que servem como instrumento regulador da vida e dos recursos gerados também nos ecossistemas marítimos e ribeirinhos afirma Furtado (1993) e pela afirmativa de um tirador: *Muitos companheiro não vai no mangal todo os dia, é alternado, porque com o curupira não dá pra conversar.*

Por outro lado, as visagens estão presentes no cotidiano de muitos tiradores, tanto que alguns contam história de um tirador bastante experiente que *conhece o mangal como a palma da mão*, no entanto, ficou perdido durante sete horas. Outros confirmam a existência desses seres, acreditam, mas nunca viram e os que já viram e que nos deram entrevista dizem o seguinte:

A Curupira já vi umas mizuras⁴², ela dá porrada nas siriubeiras⁴³, para espantar a gente e às vezes ela faz a gente se perder, faz os outros se perder, a gente faz o laço de cipó pede pra ela soltar e ela solta. Muitos ela já se engraçou e já fez dormir no mangal (Paulinho, Tirador de Caranguejo, fev/2006).

É interessante perceber as diversas opiniões dos tiradores de caranguejos sobre as visagens que habitam os manguezais de Bragança, no quadro abaixo:

1. <i>A curupira, eu já vi umas mizuras.</i>
2. <i>Curupira, ele mexe, enrola a gente.</i>
3. <i>Entro sempre acompanhado não dá para conversar com a Curupira.</i>
4. <i>Entro sozinho.</i>
5. Não respondeu.
6. <i>O Curupira enrola as pessoas.</i>
7. Não respondeu.
8. <i>O Curupira enrola as pessoas, mas eu nunca vi.</i>

⁴² Mizuras é a capacidade que a visagem tem de trapacear (enganar) os tiradores, pois para Alves (2003) a (o) Curupira faz com que eles se percam quando estão sozinhos e sempre ataca em determinados horários, pois geralmente a desobediência aos regulamentos tradicionais pode provocar a presença dos *bichos visagentos* no interior do mangue.

⁴³ Siriubeira é o termo usado pelos tiradores quando se referem à vegetação típica do ecossistema manguezal denominada de Siriúba (*Avicennia germinas*).

9. <i>Curupira eu vou sempre acompanhado.</i>
10. <i>Nunca vi.</i>
11. Não respondeu.
12. Não respondeu.
13. <i>Não acredito; é só lenda.</i>
14. Não respondeu.
15. Não respondeu.
16. Não respondeu.
17. <i>Entro acompanhado por causa do medo.</i>
18. <i>Existe, às vezes a gente tá só e alguém geme, quebra pau e não tem ninguém.</i>
19. <i>O curupira existe porque os parceiros não vão todos os dias.</i>
20. <i>Nunca vi não desejo ver, mas tem companheiro que se perdeu, se desnor-teou.</i>
21. <i>Eu sou homem que não vejo essas marmotas e nem quero ver, faz mal para a gente.</i>
22. <i>Nunca mexeu, não tenho medo, eu trabalho com dente de alho no bolso, que não sou leso.</i>
23. Não respondeu.
24. <i>Nunca vi e nem quero.</i>
25. <i>Muitos vão só, mas não é bom.</i>

Quadro 1 - Conhecimento dos tiradores sobre as visagens que habitam o manguezal
 Fonte: Pesquisa de campo realizada em janeiro de 2006

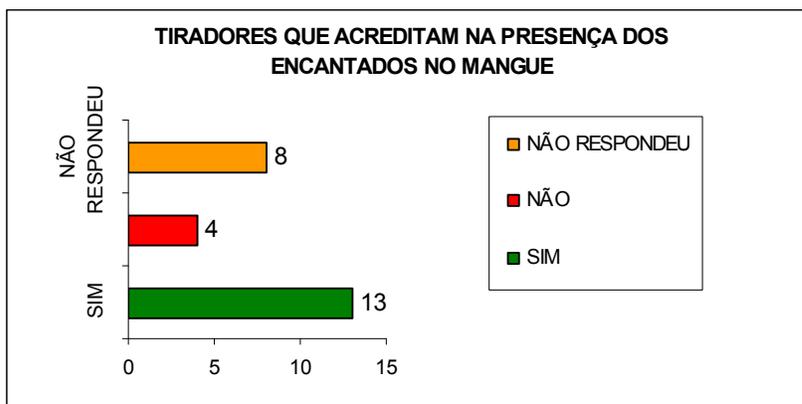


Gráfico 3 - Quem acredita em visagem?

No que se refere ao Gráfico 2, os tiradores, mesmo aqueles que tiram caranguejos às proximidades da estrada, acreditam nas visagens, pois os lugares de tiração são espaços de realizações pessoais relacionados ao gênero masculino de geração a geração: espaços onde se encontram, segundo Furtado (1997) as condições objetivas para a legitimação da coragem, do heroísmo, do destemor, tão valorizados na cultura dos pescadores. São lugares onde habitam seres ou entidades sobrenaturais, que servem de instrumentos reguladores da vida e dos

recursos gerados nos ecossistemas. Particularmente neste trabalho, o ecossistema manguezal.

Observa-se que os tiradores da Vila do Acarajó convivem com esses seres no dia a dia, com certo temor, pois muitos afirmam que a (o) *Curupira* enrola as pessoas, *faz mizuras, geme, quebra pau do mangal*. Alguns já o viram outros não desejam vê-lo e, para não serem incomodados, levam dente de alho no bolso, prática infalível para aqueles que *não são lesos* de dar chance para o (a) *Curupira* atacar.

Segundo os tiradores, com as visagens não dá para conversar e muitos deles acreditam na sua existência, tanto que muitos tiradores não vão para o manguezal todos os dias. Outros adentram os manguezais sozinhos, porque se descobrir um *ponto bom*, não tem outros tiradores para dividir os caranguejos. Nesse caso, a crença nas entidades sobrenaturais é inexistente, argumentam que não *acreditam em bobagens e não são homens de ver marmota*. Para estes últimos resta a crença nas promessas a partir das implantações de reservas extrativistas e as vantagens que os tiradores terão em relação as melhores condições de vida e trabalho além da implantação de mecanismos de proteção dos manguezais.

3.6 UM “OLHAR” SOBRE A RESERVA EXTRATIVISTA – CAETÉ -TAPERAÇU

Existe certa contradição entre o discurso dos tiradores de caranguejos da Vila do Acarajó e a Reserva extrativista, pois eles se referem aos terrenos como particular, ignorando, ou desconhecendo a implantação da Resex Caeté-Taperaçu criada em 20 de maio de 2005, através do Decreto Lei de nº 4.340, de 22 de agosto de 2002, artigo 84, Inciso IV da Constituição Federal, que abrange uma área de aproximadamente quarenta e dois mil, sessenta e oito (42.078) hectares. Localizada na divisa entre os Municípios de Augusto Corrêa e Bragança, segue pelo rio Caeté, passa pelo Igarapé do Raimundo e segue pelo limite da zona terrestre do manguezal e rio Maniteua. Sobre a divisa dos Municípios de Bragança e Tracuateua, segue a montante pelo furo da Estiva com o furo Maguari, até a sua foz no Oceano Atlântico, ao longo da costa da localidade Ajuruteua, pela margem direita do furo do Chavascal, perfazendo o perímetro da rodovia PA 458, que interliga a sede do Município de Bragança à localidade de Ajuruteua, no Estado do Pará, que inclui a Vila do Acarajó.



Fotografia 12 - Por ocasião da assinatura do decreto que cria a Resex
Fonte: Adão, em maio de 2006 (acervo particular)

Na fotografia acima, temos o encontro do Presidente da República Luis Inácio Lula da Silva e a ministra do Meio Ambiente Marina Silva com as lideranças das Vilas do Acarajó e Bacuriteua, respectivamente o Senhor Adão (a primeira pessoa à esquerda) e Senhora Inezila (a segunda pessoa à direita), por ocasião da assinatura de criação da Resex em Brasília.

A Resex criada com o objetivo de proteger os meios de vida e garantir o uso e conservação dos recursos naturais renováveis, tradicionalmente utilizados pela população extrativista residente na área de sua abrangência. Cabe ao IBAMA administrar esta Resex e adotar medidas necessárias para a sua implantação e controle, como a execução de desapropriações e contratos de cessão de uso gratuito. Segundo o Delegado da Resex e Presidente da Assuremacata, Senhor Oséas Saraiva Rocha⁴⁴, O processo de implantação demanda algum tempo, para serem feitos alguns ajustes necessários ao funcionamento da Resex que tem pouco mais de um ano de implantação, por esse motivo ainda não foram tomadas as medidas necessárias, como por exemplo, a redução da quantidade de caranguejos capturados e vendidos fora do município de Bragança, pois Resex é área de domínio público, cujo uso é uma concessão às populações extrativistas.

⁴⁴ Natural da cidade de Curuçá, morador da praia de Ajuruteua e candidato a uma vaga de Deputado Estadual nas eleições de Outubro/2006.

Apesar da recente implantação da Resex, a rotina segue, sem que sejam tomadas medidas para coibir a intensa captura e assim os *tiradores de caranguejo* vendem em grande quantidade, pois: *sai caranguejo para tudo quanto é canto* dizem os tiradores. Os *marreteiros* compram caranguejos diariamente em pequenas quantidades, para atendimento do mercado interno e os *comerciantes do caminhão* compram em grandes quantidades para atender o mercado externo. Esse fatos sociais completamente incorporados no cotidiano do *tirador de caranguejo* da Vila do Acarajó.

4 VIVER, MORAR E TIRAR CARANGUEJO

4.1 O COTIDIANO DOS TIRADORES DE CARANGUEJOS DA VILA DO ACARAJÓ

O cotidiano dos moradores da Vila começa pela manhã bem cedo, aqueles que exercem atividades no manguezal seguem o movimento da maré, ou o “tempo da natureza” e aqueles que trabalham em Bragança e Bacuriteua, têm o horário estabelecido pelo relógio, ou “tempo cronológico”. Tanto no comércio de Bragança quanto da Vila de Bacuriteua, as atividades começam às oito horas da manhã.

O tempo da tiração de caranguejo durante a semana segue os dois tempos: o tempo da espera do ônibus, de pedalar a bicicleta são associados ao tempo da maré, por isso a saída de casa para o manguezal varia entre cinco e seis da manhã.

Para as mulheres e aqueles que ficam em casa existe o tempo da conversa, da lavagem de roupa e do preparo do almoço, que geralmente começa às 11h30. Os itens que compõem a refeição do meio-dia são: peixe, camarão, caranguejo, sirí, ovos e farinha, comprados nas tabernas, quando se têm dinheiro, fiado nos comércios da Vila, ou pescado, coletado nos rios e manguezais próximos às residências. O término do almoço, por volta das treze horas dá início ao descanso, que pode ser assistindo novelas ou dormindo, prolongando-se até as 16h00.

Após este horário, em algumas moradias, dá-se início a importantes momentos que marcam a sociabilidade dos moradores da Vila: a catação de piolhos, que se prolonga até as dezoito horas em um infinito bate papo, momentos em que os moradores, na maioria mulheres e crianças, atualizam-se nos acontecimentos da Vila.



Fotografia 13 - Catação de piolhos
 Fonte: Regina Reis, em fevereiro de 2006

No domingo, compram “galinha de granja” ou comem “galinha de quintal”, que matam ocasionalmente, sobretudo quando chega uma visita considerada importante. É neste dia, afirma D. Deusa, *que se come uma comidinha melhorzinha*. Os moradores consomem os ovos e criam galinha para garantir a refeição no período chuvoso, considerado mais escasso. A preocupação neste caso é com gavião que sempre carrega um pintinho, ou *pintainho, nas garras*, durante o dia.

As residências com terrenos ou quintais são mantidas sem cerca de arame farpado; quando membros de uma mesma família residem próximos uns dos outros, a entrada é feita pela cozinha, devido à porta da frente estar sempre fechada. Os quintais cercados são para proteger a criação de galinhas, devido ao constante roubo desses animais e objetos de modo geral. Roubos que se tornam freqüentes com a promoção de festas na Vila, que atraem pessoas *de fora*. Nos dias de festa, os moradores precisam guardar bens duráveis como bicicleta, *porque se der sopa desaparece*. Revela-se aí uma superioridade social e esse sentimento do grupo estabelecido é sempre em relação a um grupo de fora (ELIAS, 2000). Há sempre algum fato evocado para provar que o próprio grupo é “bom” e que o outro é “ruim”, mesmo que os de *fora* deixem algum tipo de rendimento aos moradores, por ocasião de festas.

A prática de roubo acontece geralmente na madrugada, quando recebem a visita indesejada, forçando-os a modificar seus comportamentos, cercar a moradia, colocar grades nas portas e janelas, mudanças que estão alterando, em parte, a

arquitetura local. Novas casas são de alvenaria, com grades nas janelas e portas sendo colocadas, na medida em que vão comprando bens duráveis.

Na Vila do Acarajó, na maioria dos quintais são cultivadas diferentes plantas e frutas⁴⁵ para a venda e consumo. Alguns moradores são dependentes do mercado para o atendimento de suas necessidades, outros têm criação de animais domésticos para o próprio consumo, têm horta caseira, são proprietários de algum terreno e mantêm roça, mas argumentam que *a terra está cansada* e não conseguem produzir o desejado. Precisariam, segundo eles de empréstimos (políticas públicas) para condições de plantio, mas devido a procedimentos burocráticos não conseguem empréstimo bancário.

Percebemos que essas afirmativas são manipuladas, pois os tiradores tentam justificar a inserção e/ou “migração” para a tiração de caranguejo nos fins de semana. A atividade, de fato exige pouco ou nenhum investimento, mas na verdade para os mais abastados a tiração de caranguejos nos fins de semana significa um ganho extra, pois esses “tiradores” ficam ocupados com a roça durante a semana, viajam no caminhão somente às sextas e sábados, visto que a possibilidade de ganhar dinheiro é bastante favorável, devido ao costume de comer caranguejo ter se expandido a outras localidades e nos fins de semana a venda é certa.

Drude (2005) verificou que os tiradores têm como principais atividades econômicas a agricultura de subsistência, com a plantação de mandioca, milho, feijão, pesca e principalmente a “tiração” de caranguejo. Observo que essa atividade assumida por grande parte dos moradores como atividade cotidiana e para outros como atividade complementar, nos fins de semana.

Verifico que nos meses de agosto e setembro (período de colheita de pimenta-do-reino e feijão), alguns tiradores da Vila são *convidados* pelos proprietários de grandes extensões de terra da região, para colheita desses grãos, mas para a maioria dos tiradores, os valores monetários pagos, *não compensam*.

Fatos que contribuem, em parte, para a preferência na inserção no manguezal, principalmente nos fins de semana, porque, segundo alguns tiradores, o dinheiro que levaria a semana inteira para ganhar *na terra*, que não é sua no manguezal, ganha-se em apenas dois dias. Portanto, a profissão de tirador está associada a ganhar dinheiro com vantagem em relação custo-benefício. Polanyi

⁴⁵ Drude (2003) mostra uma variedade de frutas que os moradores consomem como: graviola, cupuaçu, açai, laranja, banana, manga, jambo, abacaxi, dentre outros.

(2000) lembra que existe certa transformação na motivação de alguns membros de uma sociedade no sentido de que o desejo de lucro substitui a simples vontade de subsistência. Bastante evidenciado por parte dos tiradores da Vila do Acarajó na ocasião da entrevista quando foram perguntados por que tiram caranguejos?

- *Porque se ganha um bom dinheiro*
- *Porque a profissão é essa*
- *Vou buscar o lucro*
- *Eu gosto porque ganha dinheiro*
- *Se não fosse o mangal todos estavam roubando.*

Porque se perguntar para os tiradores de caranguejos se alguns deles foram pescadores ou agricultores, a resposta positiva está ligada à venda do produto. Ou seja, a profissão de pescador, ou de tirador de caranguejo é considerada somente no momento em que a atividade está voltada para as relações de mercado.

Percebe-se, portanto, que as atividades para uso doméstico não são consideradas profissão. Os tiradores que tiram caranguejos exclusivamente nos fins de semana consideram essa atividade como *principal*. De certa forma, pode-se pensar essa como uma relação positiva, na medida em que existe um reconhecimento profissional, quando o caranguejo esteja destinado à venda, porque *hoje o tirador é importante* afirma seu Lólico.

O tirador de caranguejo que não possui outro *ganho* (fonte de renda) como aposentadoria, ou participação em programas do Governo Federal⁴⁶ insere-se na atividade como meio de sobrevivência. A alegação da maioria dos tiradores na região é de que *não existe outro serviço, é só esse mesmo*. Com raras exceções, os tiradores deixam a tiração porque arrumaram outra atividade. Na verdade, os tiradores de caranguejos vêem no manguezal a possibilidade de ganhar dinheiro.

Aqueles tiradores que não possuem nenhum tipo de benefício utilizam a estratégia de trazer os pais ou parentes aposentados para morar com eles, ou constroem casas ao lado, atrás, no mesmo terreno. Utilizam o dinheiro da aposentadoria para compra de televisão, som, antena parabólica, sem deixar a *lida*

⁴⁶ Várias famílias com filhos em idade escolar moradores da Vila do Acarajó recebem R\$ 95,00 (noventa e cinco reais) de Bolsa-família.

do mangal, que se torna mais flexível, sem precisar ir todos os dias. Nesse caso sempre optam pelos fins de semana.

Os estudos de Maneschy (1988) informam que a terra entrou no circuito da mercadoria a partir do avanço do capitalismo na região bragantina. A terra torna-se propriedade privada, fato que dificulta a vida dos tiradores que não possuem terra e como muitos deles afirmam: *não tem terra e o jeito mesmo é esse mesmo: tirar caranguejo para sobreviver*. É a opção que lhes resta. Desta forma, imaginar a vida do homem sem a terra é o mesmo que imaginá-lo nascendo sem mãos e pés, pois ela significa a estabilidade, segurança física o local da habitação, paisagem e estação do ano afirma Polanyi (2000).

Já a atividade no manguezal significa insegurança, desafio além de apresentar-se como dúbia e contraditória, ao mesmo tempo em que é o lugar de diversão, lugar *mais fácil e rápido de ganhar dinheiro é também um trabalho danado e o derradeiro trabalho do homem*, afirmam alguns tiradores, devido ao desgaste físico e à própria hostilidade do ecossistema.

A tiração de caranguejos para a venda, exige do tirador de caranguejo um longo período na *friadagem*⁴⁷ *do mangal*. Mas, apesar de toda a dificuldade característica da atividade, o dinheiro torna-se um atrativo, pois cria-se a necessidade de bens de consumo e é preciso pagar a prestação da televisão, roupas, calçados, tijolos, cimento e as contas de água e luz. Assim estão sempre tirando caranguejo, para honrar seus compromissos.

4.2 AS MORADIAS, OS BENS

Para os tiradores de caranguejos, os bens duráveis são comprados conforme a necessidade de cada família. Das vinte e cinco casas visitadas, 68% possuem bicicleta, considerada importante meio de transporte para os moradores. Algumas famílias chegam a possuir duas ou mais bicicletas, inclusive os tiradores que não viajam no caminhão, pedalam 44 km de ida e volta de suas casas até os furos do rio Caeté, para tirar caranguejo. Viajam pela estrada paralelamente aos tiradores do caminhão, deixam as bicicletas nos ranchos que ficam ao longo da

⁴⁷ Friadagem significa que o ecossistema manguezal, do ponto de vista físico, é frio pela ausência de raios solares com solo lodoso (lama).

estrada, ou escondem no mato, sempre no cadeado. Estes são denominados de *tiradores bicicleteiros*.



Fotografia 14 - Rancho, local que os tiradores descansam e guardam as bicicletas no cadeado
Fonte: Regina Reis, em junho de 2006



Fotografia 15 - Alguns tiradores de caranguejos guardam a bicicleta no mato
Fonte: Regina Reis, em junho de 2006

Das casas visitadas, 64% possuem televisão, um bem durável bastante valorizado na Vila; 38% possuem fogão a gás, na maioria como “bem de prestígio”, são pouco utilizados devido à ausência do botijão de gás (DRUDE, 2003:37). Observo que as famílias mais abastadas, na maioria das vezes, utilizam somente o fogão a gás e outras utilizam paralelamente o fogão de barro à lenha, que fica aceso

durante o dia inteiro, consumindo lenha, utilizado para assar peixe e fazer café logo que chega algum parente ou amigo; somente 28% possuem geladeira, e aqueles que não têm, utilizam os potes para acondicionar água.



Fotografia 16 - Casa de tirador de caranguejo que não possui geladeira

Fonte: Regina Reis, em janeiro de 2006

Um total de 12% dos moradores possui antena parabólica, bem material preferido dos moradores, independente de ser a casa de alvenaria, ou barro. Em 4% das casas visitadas, os moradores possuem liquidificador e aqueles moradores que ainda não adquiriram o eletrodoméstico, pedem-no emprestado, para fazer o *suco de cupu*⁴⁸. Finalmente, 4% das casas possuem DVD, geralmente os jovens locam filmes em Bragança e convidam os colegas para assistir. O Som acompanhado de caixas acústicas existe em 4% das casas, outros 4% não informaram a esse respeito.

⁴⁸ Os moradores referem-se à fruta cupuaçu, bastante apreciada na vila. Essas frutas são colhidas em alguns quintais e servem de elemento de troca principalmente para aquelas pessoas estimadas por parte dos moradores. Aqueles que possuem certa variedade de pés dessa árvore promovem o Festival do Cupuaçu.



Fotografia 17 - Interior da casa de tirador de caranguejo
Fonte: Regina Reis, em janeiro de 2006

A casa da Dona Maria é de barro, com fogão a gás de seis bocas usado diariamente, armário de cozinha feito de madeira, mas não possui geladeira. Consome água gelada da casa da filha que é casada com o comerciante que *organiza a turma* de tiradores no caminhão nos fins de semana. “Prefere” antena parabólica para obter uma imagem mais nítida para que ela possa assistir aos programas na televisão e seu marido aos jogos de futebol.

O material utilizado nas construções das casas é de varios tipos. As casas construídas de alvenaria, nove casas visitadas representam 36% do total. Estas constituem-se em realização de um dos sonhos da maioria dos moradores. As casas de madeira ficam em um total de sete casas (20%). As casas de barro, ou enchimento⁴⁹ são três casas (16%). Já as casas mistas de barro e madeira são também três (16%).

⁴⁹ A maioria das casas é construída pelos próprios moradores

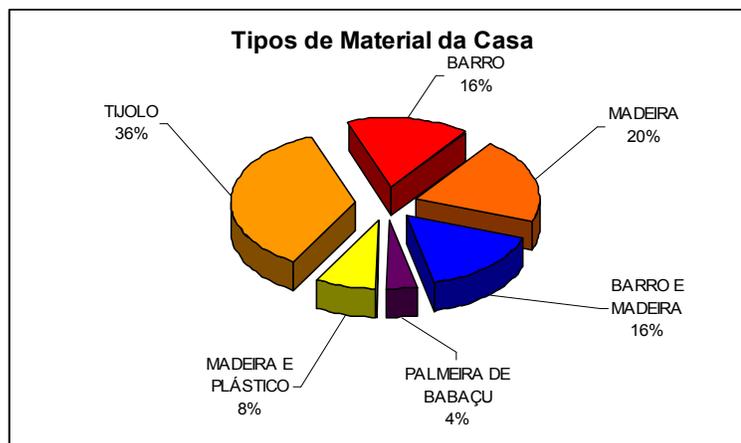


Gráfico 4 - Tipos de construção das casas
 Fonte: Pesquisa de campo realizada em janeiro de 2006

As casas mistas de madeira e material plástico são duas (8%) e casa construída de palmeira de babaçu, coberta de palha é apenas uma, ou (4%) do total. Tipo de casa considerado pelos moradores “casa de pobre” e não vêm à hora de arrumar dinheiro e construir uma casa *melhorzinha* (de alvenaria).



Fotografia 18- Casa de barro construída pelos moradores da Vila do Acarajó
 Fonte: Regina Reis, em Janeiro de 2006



Fotografia 19- Tipo de casa dos moradores da Vila do Acarajó
Fonte: Regina Reis, em janeiro de 2006



Fotografia 20 - Tipo de casa dos moradores da Vila do Acarajó
Fonte: Regina Reis, em agosto de 2006

Vários tiradores compram tijolos, areia, pedras, telhas, guardam nas laterais das casas, ou quintais, esperando o momento adequado à construção. A *casinha* é um anexo da residência, onde geralmente os moradores cozinham em fogões de barro, guardam paneiros, mantém o fogão de barro aceso o dia inteiro. Observo que são lugares de sociabilidade, porque é nesses espaços que *o papo é colocado em dia*. Mas, na medida em que as casas vão sendo construídas de alvenaria, os anexos geralmente desaparecem, ou, em algumas residências são construídas com madeira do manguezal, cobertas de palha.

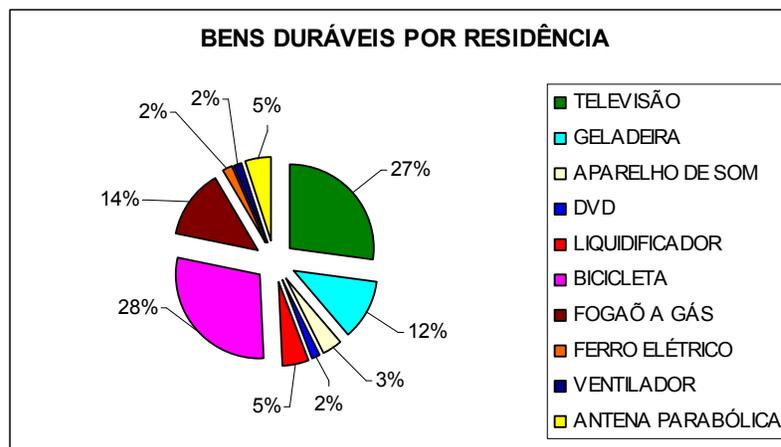


Gráfico 5 - Bens duráveis por residência dos entrevistados
 Fonte: Pesquisa de campo realizada em janeiro de 2006

As atividades desenvolvidas pelos tiradores de caranguejos de segunda a quinta feira são bastante variadas. Além da pesca de siri (*Cllinectes* sp), amoré (*Eleotridae*; *Guavina* sp), camarão e caranguejo eles constroem cercado de madeira, colocam arame farpado, limpam as gaiolas de passarinho, ou vão *passarinhar*⁵⁰, constroem casas, ajudam outros moradores na construção, colhem feijão, milho, pimenta do reino plantam, roçam, capinam, fazem trabalho de carpintaria, cortam lenha, confeccionam paneiro, abano, porta e janelas de palha, rede de pescar, assistem aos programas da televisão e conversam com os vizinhos e parentes que chegam ocasionalmente e outros fazem *qualquer serviço que aparecer* ou *todo tipo de trabalho*.

Principal atividade / ano na atividade.	Atividades desenvolvidas de segunda a quinta- feira	Destino da produção de caranguejos as sextas e sábados.
1. Tirador de caranguejo 14 anos	Tira caranguejo, Pesca siri, amoré e camarão	Venda para fora do município de Bragança
2. Tirador de caranguejo 12 anos	Roça, capina, planta	Venda para fora do município de Bragança
3. Tirador de caranguejo 35 anos	Carpinteiro, roça, capina	Venda para fora do município de Bragança
4. Tirador de	Tira caranguejo	Venda para fora do

⁵⁰ Passarinhar é um termo bastante utilizado na linguagem local que significa levar o passarinho preso na gaiola para o mato, para que outros se aproximem e aquele que está preso aperfeiçoe o canto.

caranguejo 20 anos		município de Bragança
5. Tirador de caranguejo Aposentado	Não respondeu	Não respondeu
6. Tirador de caranguejo 06 anos	Pescar de linha, tirar turu, camarão, siri, amoré	Venda para fora do município de Bragança
7. Tirador de caranguejo Benefício	Não respondeu	Não respondeu
8. Tirador de caranguejo 13 anos	Roça e capina e qualquer serviço que aparecer.	Venda para fora do município de Bragança
9. Tirador de caranguejo 32 anos	Faz casa, roça, tira caranguejo.	Venda para fora do município de Bragança
10. Tirador de caranguejo 43 anos	Confecciona paneiro para pegar amoré	Venda para fora do município de Bragança
11. Pescador Aposentado	Confecciona rede de pescar	Não respondeu
12. Agricultor/Tirador Aposentado - 35 anos	Confecciona paneiro, abano, porta de palha	Não respondeu
13. Tirador de caranguejo 30 anos	Tira caranguejo	Venda para fora do município de Bragança
14. Tirador de caranguejo 12 anos	Descansa de segunda a quinta	Venda para fora do município de Bragança
15. Tirador de caranguejo 23 anos	Tira caranguejo	Venda para fora do município de Bragança
16. Tirador de caranguejo 12 anos	Qualquer trabalho	Venda para fora do município de Bragança
17. Tirador de caranguejo 20 anos	Lavrador, descansa, busca lenha	Venda para fora do município de Bragança
18. Tirador de caranguejo 20 anos	Mariscar	Venda para fora do município de Bragança
19. Tirador de caranguejo 12 anos	Serviço de casa, mariscar	Venda para fora do município de Bragança
20. Tirador de caranguejo 13 anos	Planta açaí	Venda para fora do município de Bragança
21. Tirador de caranguejo	Carpinteiro	Venda para fora do município de Bragança

30 anos		
22. Tirador de caranguejo 53 anos	Roça, planta feijão, milho, maniva	Venda para fora do município de Bragança
23. Tirador de caranguejo 12 anos	Agricultor	Venda para fora do município de Bragança
24. Tirador de caranguejo 05 anos	Descansa, Trabalha em casa	Venda para fora do município de Bragança
25. Tirador de caranguejo 30 anos	Roça, planta e colhe.	Venda para fora do município de Bragança

Quadro 2 - Principal atividade, tempo, atividade semanal e venda dos caranguejos.
Fonte: Pesquisa de campo realizada em janeiro/ 2006.

Se a inserção no manguezal, durante a semana, acontece de forma alternada, nos fins de semana já existe certa regularidade, principalmente por parte dos *tiradores de caranguejos* mais jovens que, segundo os *antigos* (experientes), da Vila são responsáveis pelo aumento da captura de caranguejo na região. Devido à mudança de comportamento por parte deles, influenciados por um modo de vida urbano, consumista, no ponto de vista de alguns tiradores. Os tiradores mais novos gastam o que ganham, não ajudam os pais.

Para esses, tudo mudou até a responsabilidade que o homem tinha com a família era diferente, havia respeito com os mais velhos fosse ou não parente. Essas comparações são feitas com o comportamento dos filhos na atualidade que, para Seu Adão, mudou muito, mas como ele afirma: *de qualquer maneira o tirador vai buscar o caranguejo esteja difícil ou fácil*. Para ele, não adianta os mais *antigos* (experientes ou velhos) afirmarem que os caranguejos acabam com a intensa captura e que deveriam guardar, ou gastar o dinheiro que ganham de forma mais compensatória, os mais novos não obedecem.

Era uma criação que os pai, os filho obedecia os pai, dizia assim *“olha, hoje vamo fazer tar coisa”*. E os iam fazer mesmo aquilo e o que ganhava entrega pro pai ou a mãe [...] eu comecei a dizer *“olha naquele tempo que eu me criei, meus filhos eu não sabia, eu sabia que eu ganhava dinheiro, mas eu não sabia o que era meu, porque quando eu vinha de lá [mar, roça ou mangal] eu chegava em casa e dizia”, olha mamãe o dinheiro que eu fez tá qui, este aqui foi o dinheiro que eu fez, ela que ia distribuir aquele dinheiro, ia comprar roupa, ia comprar o que ela quisesse, quando eu queria ir, já com idade já dos meus 15 anos já que eu queria ir na festa, ela agarrava me dava naquele tempo dois cruzeiros, ou dois mil réis e eu ia pra festa, era assim, então hoje em dia não, hoje em dia, tem pai que não sabe o que o filho ganha, ele trabalha nesse rumo de mangal, o pai não sabe*

quantas cambadas ele fez, quanto ele fez em dinheiro, a porcentagem de dinheiro que ele fez, não, *antão* tá mudando muito coisa, às *veze* a gente tá debaixo de casa, os filho sai não diz [...] eu digo pra minha mulher vou em *tar* canto, porque hoje em dia a gente sai de um jeito e às *veze* chega de outro, e *antão* a mulher já tá sabendo pra onde a gente tá, isso é um dever da pessoa, fulano pra onde cê vai? Aí se for uma pessoa que tenha uma educação ele vai dizer [...] tá acontecendo de gente levando criança [...] eu tiro pelo meu mais velho (filho), mas o mais novo ninguém sabe, *antão* de primeiro não, pra gente ir pra festa, tá você me dá licença de eu ir lá, eu queria ir lá papai, às *veze* ele dizia vai, quando ele num [...], não tu não vai, e ai pronto a gente não ia mesmo, chorava lá na rede, se deitava, chorava e aquilo passava a noite e no outro dia já ia fazer o serviço, hoje em dia não tem nada disso, quanto mais a sabedoria, em cima da sabedoria também tem uma ignorância (Adão, Fev/2006).

E com muita propriedade de um ser humano que tem uma rica experiência de vida e de atividade que combina roça, pesca e tiração de caranguejo ele continua...

[...] porque o povo de primeiro sabia o respeito de uma pessoa, sabia respeitar um pro outro, hoje em dia não tem respeito, porque no tempo que eu me entendi a pessoa mais velha toda era tio, todo a gente tomava benção, bença tio, fosse tio, não fosse, mas era o dever da pessoa, chegava numa escola, numa sala de aula a gente chegava tomava bença, ou sei lá o que fosse, tudo era tomado bença era o dever que a gente tinha e hoje em dia tem professor, professora e aluno que namora a professora, a professora já namora o aluno e assim quanto mais a sabedoria, mais coisa a gente vê (Idem).

Por um lado, os valores morais individualistas que influenciam os moradores da Vila são combinados com a noção de coletividade e pertencimento verificada no cotidiano desses moradores, pois aqueles tiradores que possuem parentes pescadores, por ocasião de visita, ou retorno da pescaria, chegam sempre com peixe, principalmente nos meses de maio, junho e julho, devido à abundância de pescado na região, com as *marezadas*. O vizinho que sai para pescar amoré e consegue grande quantidade faz a distribuição para a vizinhança, conforme demonstrou Rosana em uma conversa informal.

[...] Dia desses meu marido pegou um panelo cheio de amoré, deu pra almoçar, jantar e almoçar no outro dia, era tanto peixe que nós *distribuiu* para os outros vizinhos e demos para os filhos do meu marido que moram na casa aqui atrás [no quintal] (Rosana, mulher de tirador de caranguejo da Vila do Acarajó, maio/2006).

O pescado e a farinha ainda constituem a base alimentar dos moradores da Vila do Acarajó. Observou Drude (2003) que os moradores consomem ovos,

galinha, carne bovina, suína, sardinha em lata, arroz, macarrão; em alguns casos salada, camarão, siri, turu e batatas. Observo a introdução de embutidos, como a mortadela, comprada em pedaços nas tabernas.

Segundo Seu Adão, os *tiradores de caranguejo* casados, todo o dinheiro que ganham com a atividade pensam em *empregar* (investir). Já aqueles mais novos querem ter dinheiro para ir a festas e como não são empregados⁵¹, não possuem outra fonte de renda, eles vão ao *mangal*, sem preocupação nenhuma se a intensa captura vai trazer alguma consequência negativa em relação à diminuição no tamanho e na quantidade de caranguejos. Esses tiradores estão preocupados em tirar, ou seja, querem saber de ter o caranguejo para vender e gastar o dinheiro que ganham. São comparados com garimpeiros que quando encontram uma pepita de ouro, vendem e gastam o dinheiro com bebida e diversões, não pensam em guardar.

Assim, *sem preocupação com o dia de amanhã* (futuro), segundo Seu Adão, a maioria diz o seguinte: *eu gasto hoje e amanhã eu vou lá e torno a tirar de novo caranguejo e torno a ganhar dinheiro* e quando são questionados, devido à intensa captura, pelos mais *antigos* (velhos ou experientes), eles dizem o seguinte.

Ah! rapaz não vai pensar nisso, olha não vai pensar porque quando tu te criou, quando tu nasceu, tu trabalhava nesse serviço. Tu já tá ficando velho, tu já tá velho e daqui pra frente tu não vai mais lá no mangal, mas o caranguejo, ainda tem caranguejo, rapaz, pouco mais tem, não é como era quando tu tirava, que era mais raso, era mais buraco, mas tem o caranguejo e de qualquer jeito a gente vai buscar ele (Adão, fevereiro/2006).

Se alguns tiradores evitam tirar uma quantidade grande de caranguejo, outros não têm a preocupação com a escassez deste no futuro, embora para Seu Adão este seja um assunto dos mais debatidos na Vila. Porém, sem conseguir convencer os outros tiradores, ele desabafa.

[...] é, porque um pensa uma coisa, outro já pensa outro, o pensamento nunca são igual, nunca dá uma coisa certa, a gente, um pensa o futuro, olha pelo menos aqui nós já *debatemo* esse assunto foi *várias vez*, de derrubação de pau no mangal, a gente quer parar com isso, porque até ontem tive aqui uma cunhada minha aqui, porque é que tá dando maruim de tarde? tá dando às vez de noite, aí eu disse, "*Laurinda, sabe porque que tá dando esse maruim?*" Olha aqui nós tínhamo [...] tem uma ilha ali que era a ilha do Chico Gama que era antigo dono dele, mas lá era mato mesmo, mato alto, a gente roçava roça lá e era mato, agora eles venderam pra um senhor de Bragança [...] aí ele meteu um trator e foi quebrando tudo, foi

⁵¹ Emprego aqui se refere à formalidade do trabalho com carteira assinada. E a tiração de caranguejo é concebida como uma atividade autônoma e informal.

derrubando tudo, foi arrancando, foi quebrando, fez um campo, de virar tudo pra plantar feijão, plantar capim, botar o gado, e aí esbandalhou tudo o mato que tinha, ficou só um campo e aí o maruim vem no piche [cheiro característico ou fedor] do gado e não tem mato nenhum pra empatar (Adão, fevereiro/2006).

O conhecimento do tirador está sendo utilizado de forma negativa e destruidora dos recursos do manguezal sem que alguém, ou uma medida punitiva seja aplicada com mais eficácia. Práticas que possibilitam a organização de tiradores de caranguejo nos fins de semana para “tirar” grandes quantidades, em apenas dois dias.

4.3 A ORGANIZAÇÃO DOS TIRADORES NOS FINS-DE-SEMANA.

A organização em grupos de seres humanos seja qual for o caráter implica uma relação social que envolve adaptação, conflito e exploração. Na concepção de Firth (1974), a organização econômica é um tipo de ação social que envolve combinação de vários tipos de serviços humanos entre si e com bens não-humanos, de modo a servir a várias finalidades. Sugestiva também é a compreensão do conceito de organização social sugerida por Fernandes (1989) compreendida como um conjunto de atividades, ações e de relações humanas, de caráter adaptativo ou integrativo, ordenadas em uma configuração social de vida. Orientações que me faz pensar a organização da atividade de tiração de caranguejo na Vila do Acarajó nos fins de semana. Organizados em grupos “os tiradores” viajam de caminhão *fretado* pelos comerciantes até os furos do rio Caeté, fato que possibilita o surgimento de várias categorias que priorizam a atividade exclusiva às sextas e sábados.

O tirador de caranguejo modifica seu cotidiano em função da organização do fim-de-semana e raramente exerce atividade nas quintas-feiras, alega que precisa descansar devido serem muito cansativas as atividades de sextas e sábados.

A maioria dos tiradores organizados em turma trabalha muito tempo com o organizador e são, em sua maioria, seus parentes consangüíneos e afins. Viajam no caminhão em torno de 50⁵² tiradores, presos a um acordo moral. Aqui as relações

⁵² No trabalho de Santos (1996), na Vila do Acarajó, existe uma média de 300 tiradores de caranguejos.

de exploração ou aviamento aparecem sob uma dominação sutil, pois além de estarem presos a uma dívida material que pode ser paga como puder, porque tiveram a *despesinha* financiada pelo “organizador”, os tiradores ficam ligados por um compromisso moral, pelo fato de ter aceitado embarcar no caminhão que obriga à venda do caranguejo somente para o comerciante do caminhão, evidenciado na fala do *organizador da turma*.

[...] Quando eles vão com nós eles vende pra nós, eles não vende pra outro né? Agora muita vez, às vez tem semana que eles já vão de ônibus, fim de semana, aí às vez também a gente compra dele, quando eles não têm pra quem vender, a gente chega na hora, aí compra deles lá, mas não tem mesmo certo, de dizer não eu tenho cinqüenta, sessenta tirador, a gente não tem aquela certeza mesmo certo, porque tem vez que eles pulam assim né, às vez cai de preço também né, é porque as vez entra outro marreteiro, já pagam mais caro, porque eles não tem despesa, e nós, nós não pode pagar às veze mais caro, no preço dos outro porque nós damo a despesa o negócio do carro, o plástico e tudo, e aí muita vez vamo supor, nós tamo pagando de dois e cinqüenta a cambada, aí entra outro marreteiro, às veze, não tem despesa de nada, chega lá bota dois e setenta, dois e oitenta, até três reais, aí eles já vende né, i muita veze eles já vão no ônibus, já para tirar pra vender particular, não é assim uma certeza, de dizer, nós temo cinqüenta tirador mesmo fiel, né? não, não é assim não, aí, agora eles vão com nós no carro, aí eles tiram pra nós mesmo (Vadico, fevereiro 2006).

Verifica Santos (1996) que a atividade do “caminhão” na Vila do Acarajó existe há mais de dez anos. A autora, porém não faz uma análise da organização da atividade de tiração de caranguejos nos fins de semana. Seu trabalho tem como objetivo sensibilizar e internalizar questões relacionadas com a proteção e recuperação do manguezal de Bragança e mostrar a necessidade de educação ambiental e também como forma de atender a “Lei Orgânica do Município” sobre o meio ambiente, que, no Art. 143 do capítulo V leia-se o seguinte:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida impondo-se ao poder público e à coletividade, o dever de defendê-lo para os presentes e futuras gerações (Santos, 1996 p. 03).

E quando se refere aos tiradores de caranguejo da Vila do Acarajó a autora observa que:

[...] Mulheres e crianças vão buscar o alimento de cada dia. Enquanto isso, os pais de família mais jovens, organizados em grupos, munidos de seus instrumentos de trabalho, indumentárias, água e alimentação, aguardam os caminhões de marreteiros que os levam até a ponte do Furo Grande [...] São cerca de 300 [trezentos] tiradores de caranguejo do Acarajó, assim que

a água do mar começa a escoar dos manguezais, os coletores de caranguejos começam a se preparar para as atividades do dia (Santos, 1996 p. 30).

A autora refere-se à totalidade dos tiradores da Vila, já no contexto deste estudo os tiradores de caranguejos que viajam no caminhão⁵³ são em número menor. Viajam mesmo sabendo que o pagamento feito pelo *comerciante do caminhão* é inferior ao daqueles que vão de ônibus, ou bicicleta. São todos chamados genericamente de *peão*. Recebem o menor preço pago pela cambada de caranguejo, pois a preocupação dos comerciantes que organizam as turmas de tiradores está baseada somente no número de caranguejos capturados e na possibilidade de lucro e a preocupação de alguns tiradores seja tirar o maior número possível de caranguejos para chegar a tornar-se comerciante, outros a preocupação é apenas *safar o da bóia*.

Evidencia-se no contexto que alguns tiradores de caranguejo mais experientes tem uma preocupação bastante pertinente sobre a quantidade de caranguejo que é retirado do manguezal, que pode significar no futuro a escassez do produto, mas como alguns, acompanhando muitos dos mais jovens afirmam *é da natureza não acaba, somente diminui bastante a quantidade e o tamanho, caranguejo é mina e meio de ganhar dinheiro*, uma relação considerada por Alves (2003) como mais instrumental, e assim eles não respeitam o período de defeso e o tamanho legal para a extração do caranguejo.

A relação de exploração intensifica-se com a captura intensiva dos caranguejos, para fins mercadológicos às sextas e sábados, atividade que oportuniza o surgimento de outros serviços como: aluguel (*frete*) de caminhões, venda de *atilha*⁵⁴ e de roupa usada, vendida na feira livre de Bragança.

O tirador de caranguejo denominado de *peão* (categoria 1.1 do quadro a seguir) é contratado verbalmente pelo comerciante, que organiza os tiradores nos fins de semana⁵⁵. A denominação de *peão* é dada aos tiradores, principalmente os

⁵³ Drude (2003, p. 68-74), Faz uma interessante observação sobre a dependência do tirador de caranguejo em relação aos comerciantes, quando estes *contratam* seu serviço. Os tiradores dizem que vão *vendidos* para o mangal.

⁵⁴ Fio de nylon que serve para amarrar os caranguejos em cambadas trazidas do estado do Maranhão

⁵⁵ Lembram os agricultores e trabalhadores rurais denominados de *pau-de-arara* ou *bóia-fria*, se deslocam os tiradores para vários lugares, conforme a necessidade. No contexto desta pesquisa, há que considerar as especificidades. Por exemplo, os tiradores de caranguejos não vivem nas periferias das cidades e favelas, como observa Dawsey (1997, p. 191) e nem em casebres como observa

solteiros, pelo fato de que são pessoas que não se preocupam em guardar parte do dinheiro que ganham, são considerados irresponsáveis, pois gastam o dinheiro com *farra* e bebida alcoólica, ou seja, não pensam em *empregar* (investir) o dinheiro em alguma coisa, o que, segundo aqueles tiradores mais experientes ou casados, seria mais vantajoso para eles. Mas o fato é que essa *rapaziada mais sorteira*, não está preocupada com isso, pois o único meio de ganhar dinheiro é ir para o manguezal, capturar o maior número possível de caranguejos. Diz um tirador:

Tem muita pessoa, a gente, os casado, os mais velho, eles pensam [...], o que eles ganham é empregar, mas a rapaziada mais novo, mais sorteiro [solteiro], eles não pensam isso de ter, empregar alguma coisa, o que eles pensam é que eles querem ter dinheiro pra ir numa festa, pra ir num qualquer coisa, e ai quando finda aquele dinheiro, ele não tem o emprego, ele vai lá na mangal (Adão, Fev/2006).

Portanto ser *peão* está ligado à falta de cuidado com o ecossistema manguezal, em relação ao desequilíbrio provocado pela intensa captura e com a preocupação imediata de tirar e gastar, comparado com o garimpeiro que do mesmo modo não pensa *no dia de amanhã* (futuro). A preocupação está no hoje porque:

O tirador de caranguejo é tipo assim um garimpeiro, o garimpeiro ele não pensa no dia de amanhã, ele pensa no dia de hoje, porque se hoje ele achar uma pepita de ouro, ele vai naqueles comércios, vende aquela pepita de ouro, vai naqueles comércio e *vai torar o pau na bebida*, fazer farra, fazer tudo aquilo, ele não tá pensando em guardar aquele dinheiro pra ver se amanhã, ou depois ele não ache [...] ele quer saber é naquela hora que eles tem o dinheiro pra gastar, é mermo que o tirador de caranguejo, não todos, tem uns que pensa, mas a maior parte é isso (Adão, Fev/2006).

A categoria denominada de *Comerciantes do Caminhão* (1.10 do quadro a seguir) é diferenciada do *marreteiro*⁵⁶. Eles são responsáveis pelo frete dos caminhões, que facilita a venda de grandes quantidades de caranguejos, nos fins de semana, para outros municípios, em parceria com o *organizador da turma* (1.5 do quadro a seguir) que anota em uma folha de papel o nome de cada tirador que sobe no caminhão. Segundo ele, se não anotar os nomes, *os tiradores passam a perna e*

D'Incao (1976, p. 94) e sim próximos [em Vilas] aos locais de tirção, mas mesmo assim deslocam-se num tempo com duração de vinte minutos de caminhão para os manguezais e estão comprometidos com os comerciantes donos, ou responsáveis pelo frete do caminhão.

⁵⁶ São geralmente comerciantes que compram para vender no mercado local, compram em pequenas quantidades diariamente, inclusive às sextas e sábados.

vendem para outros marreteiros desguiados e particulares, que aparecem mais cedo, antes de o caminhão chegar aos locais de desembarque.

1. Categoria Social local	Características
1.1. Tirador de Caranguejo denominado de Peão	Tirador de caranguejo que viaja no caminhão captura e vende o caranguejo somente para o comerciante que freta o caminhão.
1.2. Tirador de caranguejo denominado bicicleteiro	Tirador de caranguejo que possui bicicleta e vende uma parte dos caranguejos para os marreteiros que comercializam na feira de Bragança e outra parte para os comerciantes dos caminhões.
1.3. Tirador de caranguejo vendedor	O tirador de caranguejo que viaja no caminhão para vender o caranguejo nas feiras, ou pontos fora do município de Bragança.
1.4. Tirador de caranguejo que viaja de ônibus	Vende uma parte para os marreteiros que comercializam na feira de Bragança e outra parte para os comerciantes dos caminhões.
1.5. Organizador da Turma	O comerciante local que faz a intermediação entre os tiradores de caranguejos e os comerciantes dos caminhões. Recebe esta denominação dos tiradores de caranguejos. A denominação utilizada pelo comerciante do caminhão é manipulador.
1.6. Marreteiro	Comercializa o caranguejo em pequena quantidade para atender o mercado interno e não tem despesa com o tirador.
1.7. Marreteiro particular e/ou desguiado	Compra caranguejo dos tiradores que viajam no caminhão, antes de os comerciantes chegarem com o caminhão.

1. 8. Comerciante do caminhão	Freta caminhão para levar os tiradores de caranguejos até os furos dos rios, todas as sextas e sábados, compram em grande quantidade para atender o mercado externo.
1. 9. Comerciantes aves de arribação	Comerciantes que compram caranguejos eventualmente em carros particulares e pequenos.
1.10. Vendedor de caranguejo	Adolescentes que não <i>tiram</i> caranguejos, mas viajam para vender nas feiras-livres, ou pontos, nas cidades fora do município de Bragança.

Quadro 3 - Categorias Sociais da Organização dos Tiradores de Caranguejos nos fins de semana.

4.4 NOS FINS DE SEMANA É PRINCIPAL

- *O tempo todo na friadagem do mangal, no molhado, não pisa firme, o tempo todo se afundando, assim é muito ruim (Tirador de caranguejo).*

- *A tiração de caranguejo nos fim de semana no caminhão não perco por nada, só se adoecer (Tirador de Caranguejo).*

Em sua maioria, os tiradores de caranguejos residentes na Vila do Acarajó, envolvidos com a tiração nos fins de semana, são os mesmos que tiram caranguejo nos dias da semana. A diferença é que consideram a "tiração do caminhão" mais importante ou a *principal*, devido à possibilidade de *ganho* ser maior e imediata, principalmente no começo de cada mês, por ocasião do pagamento de salário e aposentadorias. Porque, para os tiradores do caminhão, o *serviço* de tirar caranguejo de segunda a quinta é pequeno em relação aos fins de semana, quando a procura pelo produto aumenta.

Na verdade, a tiração de caranguejos para venda durante a semana atende ao mercado interno, as relações comerciais são estabelecidas diretamente entre o *tirador de caranguejo* e o *marreteiro*, comerciante que compra em pequenas quantidades, em média de 40 a 60 cambadas de caranguejos diariamente, inclusive às sextas e sábados. Porém, na semana a quantidade de tiradores é bastante reduzida.

Diferentemente, na atividade de sexta e sábado, os *comerciantes do caminhão* são compradores de grandes quantidades, para atender ao mercado externo. Nas sextas e sábados a tiração de caranguejo é considerada mais

importante para os tiradores e não a perdem por nada. Devido à possibilidade de ganho ser maior em apenas dois dias, ou para aqueles impossibilitados de tirar caranguejo todos os dias, a tiração de caranguejos é uma forma de aumentar o ganho.

Posso ter uma idéia geral das atividades desenvolvidas pelos tiradores de caranguejos durante a semana, que são bastante variadas e nos fins de semana quando a atividade de tiração de caranguejo torna-se atividade exclusiva. Toda a tiração de caranguejos feita pelos tiradores da Vila do Acarajó o destino é para fora do município e raramente atendem à encomenda de algum vizinho, ou conhecido.

O tempo em anos na atividade de tiração de caranguejo dos moradores do Acarajó varia de seis até cinquenta e três anos; a atividade do caminhão nos fins de semana corresponde a vinte e três anos. Ou seja, após a construção da estrada Bragança – Ajuruteua. Posterior ao ano de 1983, data da construção da estrada. Essa construção provocou mudanças nas relações sociais, econômicas e culturais, que ainda estão em processo de construção, como a invasão das formas de consumo burguês, alterando o antigo modo de vida e de trabalho, fatos que decorrem das leis que regem o modo de produção capitalista e sua forma de organização (MANESCHY, 1988:10). Essas alterações podem ser verificadas através da fala dos tiradores, referentes no quadro abaixo.

Tirador	A construção da estrada alterou suas atividades?	Porque tira caranguejo?	Gosta da atividade?	Acha justo o preço pago?	Compra o que com o dinheiro?
1. Paulo Coelho	<i>Não alterou</i>	<i>Não aprendeu a ler – se soubesse não tirava</i>	<i>Gosto de estar com os companheiros – é pesado, mas é divertido.</i>	<i>Acho, eu tiro pela amizade, as vezes ele arruma um vale</i>	<i>A despesa</i>
2. Edgar	<i>Ja de canoa</i>	<i>Porque ganha um bom dinheiro</i>	<i>Gosta</i>	<i>Acha</i>	<i>Despesa</i>
3. Antenor	<i>Era ruim ia de canoa e passava dois dias</i>	<i>Porque a profissão é essa</i>	<i>Gosta, as vezes o ponto tá ruim</i>	<i>Sim</i>	<i>Ganha dinheiro, vende mais caro.</i>
4. Pedro Casão	<i>Antes passava dois dias</i>	<i>Buscar o lucro para buscar o almoço da família no domingo</i>	<i>Não gosta só vai porque é obrigado</i>	<i>Não, mas não tem opção.</i>	<i>Só a comida</i>
5. Fuluca Aposen	Não respondeu	Não respondeu	Não respondeu -	Não respondeu -	- Não respondeu

tado					
6. Brás	<i>Era de canoa</i>	Não respondeu	<i>Gosta porque é o serviço que se tira dinheiro rápido</i>	<i>Não, é barato demais.</i>	<i>Só o alimento</i>
7. Tomas	Beneficio	Não respondeu -	Não respondeu -	Não respondeu	Não respondeu -
8. Silvinho	Não respondeu	<i>Não foi agricultor e nem pescador</i>	<i>Gosta porque a vantagem é porque o cara pode ta lizinho na pedra e é só tirar e tem logo o caranguejo</i>	<i>Acho, o caranguejo fica mais caro qdo tá longe</i>	<i>Alimento E o que é necessário</i>
9. João (cavalo) biciclet a	<i>Antes da estrada era mais difícil</i>	<i>sou obrigado para manter a família. O tempo todo fazendo força, não pisa firme, o tempo todo a pé sempre afundando.</i>	Não	<i>Não, acho pouco pelo trabalho que dá, se sujeita e é obrigado a vender, se não vender fica com o caranguejo.</i>	<i>A despesa às vezes não dá para comprar roupa</i>
10. João (pajão)	<i>Antes da estrada era mais difícil</i>	<i>Foi trabalhar na roça, mas virou tudo pasto não tem mais mato o jeito foi sair para o mangal</i>	Não	<i>Tem dia que é bom</i>	<i>Despesa</i>
11. Lourival Aposentado	<i>Não respondeu</i>	Não respondeu -	Não respondeu -	Não respondeu -	Não respondeu -
12. Paulo Ramos Aposentado	Não respondeu	Não respondeu -	- Não respondeu	Não respondeu -	Não respondeu -
13. Tomé	<i>A viagem era difícil mais tinha muito</i>	<i>Quando era rapaz não ia no mangal, tinha mato, deixou a roça porque encheu de casa</i>	<i>Não é o caso</i>	Não	<i>Compro comida</i>
14. Joaquim	Não respondeu	<i>Não é o caso só vai porque não tem outro jeito, mas é muito desgastante.</i>	<i>Para o tipo de serviço e o trabalho que dá não é justo</i>	Não respondeu	<i>Alimento da casa</i>
15. Antonio Maria	Não respondeu	<i>Não é fácil</i>	<i>Pelo trabalho que dá não é mesmo, não pode gelar o jeito é vender.</i>	Não respondeu	<i>Despesa</i>

16. Antonio (Bulau)	Não respondeu	<i>Não deixou a agricultura e nem a pesca só não rouba</i>	<i>Eu gosto porque ganha dinheiro se não fosse o mangue todos estavam roubando</i>	<i>Sim</i>	<i>Despesa</i>
17. Miguel	Não respondeu	<i>É agricultor e pesca na hora da fome</i>	<i>Sim</i>	<i>Não, eles precisam valorizar mais, o caranguejo dá um trabalhão.</i>	<i>Comida e carrinho de criança</i>
18. Domingos	Não respondeu	<i>Fui agricultor e não me dei muito bem, fui experimentar o caranguejo e deu certo.</i>	<i>Sim</i>	<i>É</i>	<i>Despesa</i>
19. Paulo	Não respondeu	<i>Não, desde os 10 anos já começou a freqüentar esse ramo.</i>	<i>Ganha dinheiro e não tem outro ramo</i>	<i>Gosta porque não tem outro jeito tenho necessidade</i>	<i>Quase a mesma coisa</i>
20. Pedro Tavares	Não respondeu	<i>Fui agricultor porque a terra ficou fraca, não tem patrocínio para arar adubar fui pescador e o peixe ficou difícil.</i>	<i>Gosto, não tem emprego, se roubar é pior, vão bater.</i>	<i>Sim, quem tira caranguejo novo que é mais fácil eles acham graça da gente e do velho a gente que acha graça deles.</i>	<i>Despesa</i>
21. Arlindo Eupídio	Não respondeu	<i>Fui agricultor deixei porque não tenho terra, só o lugar da casa Tinha rede de pesca hoje não tenho mais acabou tudo não tenho dinheiro para comprar os apetrechos</i>	<i>Por gostar não ia só se fosse para comer algumas vezes</i>	<i>Não respondeu</i>	<i>Despesa</i>
22. Jerônimo (Biroba)	Não respondeu	<i>Tenho a minha roça e só vou quando eu quero e fui pescador também</i>	<i>Gosto</i>	<i>Não respondeu</i>	<i>Despesa</i>
23. Rosivaldo	Não respondeu	<i>É agricultor e não pesca porque tem os materiais</i>	<i>Gosto</i>	<i>Não é justo, porque tirar caranguejo dá muito trabalho.</i>	<i>Compra a alimentação da família</i>
24. Ezequias	Não respondeu	<i>Quando eu tinha roça, não tem mato e pesca só para consumo.</i>	<i>É o jeito gostar.</i>	<i>Não respondeu</i>	<i>Não respondeu</i>
25. Charles (Bica)	Não respondeu	<i>Tenho roça e pesco só para comer</i>	<i>Não, o dia inteiro na friadagem, o tempo</i>	<i>Não respondeu</i>	<i>Despesa</i>

			<i>todo no molhado.</i>		
--	--	--	-------------------------	--	--

Quadro 4 - Tiradores de caranguejos antes/depois da construção da estrada: por que tira caranguejos, se gosta da atividade, se o preço pago é justo e o que compra com o dinheiro.

Fonte: pesquisa de campo realizada no mês de janeiro/ 2006

A partir do entendimento dos tiradores de caranguejos da Vila do Acarajó, a melhoria em suas vidas, após a construção da estrada, é percebida de vários pontos de vista e sob aspectos variados. Em relação ao acondicionamento dos caranguejos melhorou devido à venda em cambadas ser melhor do que em panela. Quanto ao do tempo, desde a construção da estrada, melhorou muito devido ao tirador ter a possibilidade de ir e voltar no mesmo dia, enquanto antigamente os tiradores passavam de três a quatro dias fora, dormiam nas canoas. Mas, em compensação, tinha poucos *tiradores* e *marreteiros* e muito caranguejo, somente graúdos e hoje tem muito *tirador* e *marreteiro* que não escolhem os caranguejos e *pegam* os pequenos mesmo, enquanto que *se parasse de tirar e deixar crescer para os pontos ficarem cheios, seria bem melhor.*

Mas caso alguns tiradores deixam de tirar em um ponto aparecem outros e assim segundo eles não compensa deixar de tirar, porque aparecem logo outros tiradores que de qualquer forma vão tirar. Então se alguns tiradores não tiram caranguejos pequenos, outros não se preocupam.

Em relação ao acesso, para os alguns tiradores, a estrada facilitou muito a ida para o manguezal, devido à viagem ser de *carro* (caminhão) é mais rápido de ganhar dinheiro do que na agricultura e pelo fato de que antigamente somente os *antigos* tiravam caranguejo e hoje vão os mais jovens e depois *o comerciante do caminhão vem buscar o tirador quase na rede*, afirma seu João, tirador de caranguejo.

Por outro lado, a construção da estrada piorou a situação devido à facilidade que muitos tiradores têm para tirar caranguejo todos os dias. Pois no ponto de vista de vários tiradores o seguro defeso resolveria o problema da tiragem intensiva: Porque se parasse de tirar para deixar o caranguejo crescer e os *pontos* (buracos, tocas) ficar cheios de caranguejos, seria melhor. Atualmente o caranguejo ficou mais difícil de tirar devido à intensa captura todos os dias, aumentada nos fins de semana. Segundo os tiradores experientes, antigamente os caranguejos eram escolhidos, *criados* (graúdos), hoje não existe mais essa possibilidade de escolher. Tiram-se os *miudinhos* mesmo, devido à quantidade de *tiradores, marreteiros* e

comerciantes do caminhão ter aumentado muito após a construção da estrada, porque, se o tirador deixar de tirar em um *ponto*, já chegam outros tiradores.

Estas práticas estão todas incorporadas ao cotidiano dos tiradores. A preferência pela inserção no manguezal, nos fins de semana, fica bastante evidenciada nas tabelas a seguir.

TIRADOR nº 1

Segunda-feira Dia 13	Terça-Feira Dia 14	Quarta-feira Dia 15	Quinta-feira Dia 16	Sexta-feira Dia 17	Sábado Dia 18
*-----	*-----	*-----	08	09	12
Segunda-feira Dia 20	Terça-feira Dia 21	Quarta-feira Dia 22	Quinta-feira Dia 23	Sexta-feira Dia 24	Sábado Dia 25
10	*-----	*-----	10	15	13

Quadro 5 - Cambadas capturadas pelo tirador de caranguejos durante duas semanas de fev/2006.
Fonte: pesquisa de campo realizada no mês de fevereiro de 2006

TIRADOR nº 2

Segunda-feira Dia 13	Terça-feira Dia 14	Quarta-feira Dia 15	Quinta-feira Dia 16	Sexta-feira Dia 17	Sábado Dia 18
*-----	*-----	12	*-----	10	12
Segunda-feira Dia 20	Terça-feira Dia 21	Quarta-feira Dia 22	Quinta-feira Dia 23	Sexta-feira Dia 24	Sábado Dia 25
10	*-----	11	09	10	08

Quadro 6 - Cambadas capturadas pelo tirador de caranguejos durante duas semanas de fev/2006.
Fonte: pesquisa de campo realizada no mês de fevereiro de 2006

TIRADOR nº 3

Segunda-feira Dia 13	Terça-feira Dia 14	Quarta-feira Dia 15	Quinta-feira Dia 16	Sexta-feira Dia 17	Sábado Dia 18
*-----	*-----	*-----	*-----	12	10
Segunda-feira Dia 20	Terça-feira Dia 21	Quarta-feira Dia 22	Quinta-feira Dia 23	Sexta-feira Dia 24	Sábado Dia 25
*-----	*-----	*-----	*-----	09	12

Quadro 7 - Cambadas capturadas pelo tirador de caranguejos durante duas semanas de fev/2006.
Fonte: pesquisa de campo realizada no mês de fevereiro de 2006

*..... Significa que o tirador não foi no manguezal

Procuro demonstrar a tiração de caranguejo feita diariamente durante duas semanas na Vila, no mês de fevereiro/2006 e que se repetiram nos meses de Março, maio e junho/2006, em pesquisa de campo.

A quantidade de caranguejos é sempre vendida por cambadas, diferente das cidades de Vizeu e São Caetano de Odivelas cidades pertencentes também à região nordeste do Pará, que são comercializados em sacas que agregam 100 caranguejos. Atividade exclusivamente mercantil feita de forma alternada que se torna regular nas sextas e sábados. Conforme o cronograma de atividades dos tiradores de caranguejos da Vila do Acarajó nesses dois dias.

ETAPAS	2 horas	10/12 horas	1 h ½	1 hora	30 min	24 horas
Embarque dos tiradores nos caminhões e viagem até os furos dos rios.						
Embarque nas canoas ou a pé para os pontos de tiração de caranguejo e tiração (captura)						
Retorno e descarregamento dos caranguejos das canoas e pagamento aos tiradores						
Carregamento dos caranguejos nos caminhões						
Retorno para Bragança e parada no Ponto do Careca						
Embarque e distribuição dos caranguejos em outros caminhões, venda e viagem de retorno para Bragança.						

Quadro 8 - Cronograma de atividades no manguezal as sextas e sábados durante todo o ano
Fonte: pesquisa de campo realizada nos meses de janeiro e fevereiro de 2006.

Indagados sobre o porquê de tirar caranguejos, as respostas dos vinte e cinco tiradores entrevistados foram bastante objetivas tais como:

*Não aprendi a ler;
Se ganha um bom dinheiro;
Porque a profissão é essa;
Para buscar o lucro;
Sou obrigado para manter a família;*

*Porque a roça virou tudo pasto;
Não tem outro jeito;
Tenho roça só vou quando eu quero.*

Assim, para uns, se tivessem aprendido a ler não tirariam caranguejo, nesse caso a tiração está relacionada à falta de estudo. Para outros, a tiração de caranguejo possibilita ganhar um bom dinheiro, o *lucro*, porque a única profissão é essa: *Tirar caranguejo*, alguns tiradores *experientes* (adultos) afirmam que antigamente não iam ao *mangal* porque tinha mato, mas deixou a roça porque encheram de casa; outros casam e dizem ser o único meio de sustentar a família ir para o manguezal.

Percebe-se no argumento do tirador o lado negativo da política pecuária, pois ontem pequeno agricultor, hoje tirador de caranguejo e amanhã? Finalmente alguns afirmam que não deixaram a agricultura e nem a pesca; outros deixaram a agricultura e a pesca devido à possibilidade de ganhar dinheiro com a tiração de caranguejo ser bem maior.

4.5 AQUI É SÓ UMA PARENTAGEM: PARENTES: VIZINHOS E COMPADRES

A organização dos *tiradores de caranguejos* da Vila do Acarajó é pautada nas relações de parentesco, vizinhança e compadrio, que de certa forma, amortecem as relações de exploração. Por outro lado o parentesco estabelece ajuda mútua entre os moradores da Vila.

O “seguro social” a que se refere Drude (2003) está relacionado à ajuda mútua entre parentes e *tiradores de caranguejos* nos momentos de dificuldades, faz parte das estratégias de garantir a subsistência do grupo. Interessante também a referência sobre as “relações de fidelidade” entre “patrões” e “fregueses”, discutidos por Sousa (2000), pois no processo de produção e comercialização do pescado eles funcionam como pilares da economia, porque para a autora, mesmo que o marreteiro seja taxado de explorador, é através dele que o produto chega ao mercado. No caso dos tiradores da Vila o organizador é um parente que garante o “sustento” deles através da organização que ele faz em turmas para viajar no caminhão e vender os caranguejos nos fins de semana.

Essas relações são bastante evidenciadas no Acarajó. As informações obtidas são de que a família do *organizador da turma* é muito grande e muitos

parentes trabalham juntos no caminhão, não se separam, pois os tiradores de caranguejos parentes são fiéis, porque, segundo uma esposa de tirador, *pode ser o preço que for, pode ser barato ou caro, mas tão sempre do lado dele*. Mesmo que seja necessária a permanência, por parte dos tiradores, por longas horas na *friadagem do mangal*, todos os fins de semana.

Na especificidade do manguezal a relação que se estabelece não é simplesmente uma relação impessoal entre freguês e comerciante e sim uma relação social pautada na consangüinidade. Este vínculo se constitui em uma relação de exploração mais fluída e dinâmica, pautada na troca de favores, longe da imagem do terror dos barracões nos seringais. Seduzidos pelo dinheiro e pela vontade de consumir.

A maioria, dos parentes, escolhe a viagem no caminhão. Afinal os comerciantes alugaram caminhão, forneceu a despesa adiantada, o atilho “de graça” para amarrarem os caranguejos, além de atender ao pedido de madeira trazida do município de Cachoeira do Piriá. Assim os tiradores são sobrinhos, tios e vizinhos do *organizador da turma*, conforme quadro a seguir.

Nome dos tiradores	Parentes consangüíneos
1.Paulo Ramos	Sogro e tio
2.Pedro (casão)	Primo
3.Paulo Coelho	Primo e Cunhado
4.João (pajoão)	Primo
5.Silvinho	Sobrinho
6.Fuluca	Tio
7.Edgar Augusto	Primo
8.Miguel Amaral	Primo
9.Brás (jocó)	Primo
10.Carlinhos	Primo
11.Tomás (maxico)	Primo

Quadro 9 - Relação de Parentes do Organizador da Turma.

Fonte: pesquisa de campo realizada no mês de janeiro de 2006.

Relações sociais que facilitam a organização dos tiradores em turmas para a atividade nos fins de semana.

5 TIRAR CARANGUEJO NOS FINS DE SEMANA

5.1 O PULO DO “GATO” – O ORGANIZADOR DA TURMA

*Tem tirador de caranguejo que é fiel não vende pra ninguém só pra mim.
(Comerciante do caminhão).*

Os grupos de tiradores de caranguejo desempenham suas tarefas nos fins de semana. O trabalho caracteriza-se pela figura do *organizador da turma*, elemento que intermedia a relação entre os eles e os comerciantes dos caminhões, em um sentido dito e visto como de “ajuda” e não de exploração.

Geralmente o *organizador* é um comerciante local residente em alguma vila às proximidades dos manguezais, que trabalha sempre em parceria com o *comerciante do caminhão*. Este sempre reside na cidade de Bragança e é comerciante de vários tipos de produto, vendendo caranguejos nos fins de semana. Esta forma de exploração, denominada *aviamento* (SILVEIRA, 1979); (SANTOS, 1980); (ARAMBURU, 1994); (EMMI, 1999). é característica da região amazônica.

Tal organização confere segurança e certeza de ganho aos que fazem a *tiração de caranguejos* e os valores pagos em dinheiro são atrativo importante para garantir a participação na atividade todo fim de semana, durante o ano. Embora a afirmativa da maioria dos *tiradores* relacione o envolvimento na atividade ao sustento, ou sobrevivência, verifica-se nesse contexto a troca que envolve elementos simbólicos, nas relações socioeconômicas dos tiradores e a garantia de aquisição de bens materiais.

Por exemplo, o *organizador da turma* da Vila do Acarajó viaja com carregamento de caranguejo para o município de Piriá e retorna com madeira para vender na vila, atendendo encomenda. Muitos tiradores encomendam essa madeira para a construção de casas de alvenaria, outros para cercar os quintais e ainda outros para colocar algumas cabeças de gado nos seus terrenos e quintais.



Fotografia 21- Madeira a venda na Vila do Acarajó (procedentes do município de Piriá)
Fonte: Regina Reis, em junho de 2006



Fotografia 22 - Madeira a venda na Vila do Acarajó (procedentes do Município de Piriá).
Fonte: Regina Reis, em junho de 2006

Procurei investigar a existência de serrarias na região e as informações obtidas com os donos de Estância em Bragança são de que não existem serrarias na região bragantina, porque, segundo eles, com a proibição do corte e beneficiamento de madeira na região bragantina, toda a madeira usada vem das cidades de Paragominas, Vizeu e Cachoeira do Piriá. Essa madeira também é importante para a confecção dos barcos e canoas que são bastante utilizadas na região. Inclusive no centro de Bragança por trás da feira livre existe um estaleiro em pleno funcionamento, para confecção e reparo de barcos e canoas.



Fotografia 23 - Estaleiro localizado às proximidades da feira livre de Bragança, construção, reforma e pinturas de canoas e barcos.
Fonte: Regina Reis, em setembro de 2006



Fotografia 24 - Confecção de rede para a pesca no Estaleiro em Bragança
 Fonte: Regina Reis, setembro de 2006



Fotografia 25 - Estaleiro localizado às proximidades da feira livre de Bragança, construção, reforma e pinturas de canoas e barcos.
 Fonte: Regina Reis, setembro de 2006



Fotografia 26 - Estaleiro localizado às proximidades da feira livre de Bragança, construção, reforma e pinturas de canoas e barcos.
 Fonte: Regina Reis, em setembro de 2006



Fotografia 27 - Construção de canoas e barcos no estaleiro às proximidades da feira.
 Fonte: Regina Reis, em setembro de 2006

Na Vila do Acarajó o *organizador da turma*, que é comerciante, ganha dinheiro atendendo alguma encomenda de madeira. Como forma de garantir a fidelidade do *tirador de caranguejo* na captura do caranguejo às sextas e sábados, revende a madeira *mais barato*⁵⁷ para os seus parentes, ou vizinhos e ajuda seus parentes de outras formas, para garantir assim a fidelidade dos *tiradores* e manter a parceria, conforme o diálogo entre eles a seguir:

Organizador da turma: O preto (primo do organizador) vai casar, tu dá uma grade de cerveja de presente de casamento pra ele?

Comerciante do caminhão: Sim, eu dou.
(Anotações de campo, em fevereiro de 2006).

Os *tiradores* estão presos a uma relação não somente de exploração/subordinação, mas, sobretudo, de obrigação. *Tiradores de caranguejos e comerciantes do caminhão* estabelecem relações sociais que incluem elementos de dívida material, mas, sobretudo de uma dívida moral⁵⁸ que obriga o “tirador” a firmar o compromisso nos próximos fins de semana, embora alguns afirmem que vão *pela amizade*. Por outro lado, para os *tiradores*, viajar no caminhão pode se constituir uma situação de status (situação privilegiada) diante aqueles que não são parentes e não vão de caminhão.

Outro ponto importante é a procura excessiva pelo caranguejo e a relação entre tiradores e marreteiros pode ser uma ameaça aos *laços* de fidelidade a apenas um comerciante, pois, segundo os tiradores do Acarajó, *tem mais marreteiros que consumidor*.

Os “marreteiros” migram de outras atividades para se inserirem na compra e venda de caranguejos produto de grande aceitação no mercado, porque *se tirar caranguejo todo dia, todo dia é vendido, seja barato, ou caro*. Assim os *comerciantes do caminhão* vêem a possibilidade de ganhar bastante dinheiro às sextas e sábados, comprando em grandes quantidades.

⁵⁷ Segundo seus parentes, que encomendam a madeira vendida por um preço bem mais barato do que aquela vendida nas estâncias da região bragantina.

⁵⁸ Esterici (2001) faz um interessante diálogo com Max Weber sobre a legitimidade da dominação e exploração do mundo rural brasileiro, pois em vez de força, o que predomina é o constrangimento imposto pelo sentimento de dívida moral e impagável, construído sobre a relação de dependência, favor e obrigação. Situações desse tipo costumam ser “naturalizadas” e podem passar despercebidas, enquanto as primeiras são sistematicamente denunciadas como escravidão.

Portanto não é só a aquisição da *despesinha* que provoca o endividamento do *tirador*, pelo contrário, o simples fato de o comerciante trazer a madeira cria uma relação de obrigatoriedade (um endividamento moral) que leva o *tirador* a embarcar no caminhão. Isso é uma forma de pagamento pela realização de um desejo que o *organizador da turma* ajudou a conquistar, como, por exemplo, o fornecimento da madeira para armação dos telhados de casas de alvenaria que, aliás, estão sendo construídas com bastante rapidez. Desse modo, os bens trocados não refletem somente a avidez por dinheiro, ou a lógica do comércio, trocam-se bens imateriais como gentilezas e prestígio, considerados riquezas simbólicas (MAUSS, 1974).

O *organizador da turma* entrevistado refere-se às atividades de exploração dos recursos do mar e do manguezal sempre no diminutivo, seja em relação à abundância, ou escassez de peixe, na região de Bragança. Por exemplo, no período de estiagem (meses de maio, junho e julho) denominado de verão, ele afirma que só aparece uma *besterinha*⁵⁹ e muitos pescadores vão para Belém comprar *todinho* o peixe no mercado do Ver-o-Peso, retornam a Bragança, salgam o peixe e viajam para vender em outros municípios, aproveitando a viagem do caminhão.

Em relação à *tiração* de caranguejo, ele informa que antigamente somente os mais antigos tiravam, mas na atualidade a *rapaziada nova* está inserida na atividade, diferente da observação feita por Figueira (2005), que verifica a ausência dos jovens em relação à extração da semente de andiroba, motivados pela busca de emprego e estudo nas cidades. Na *tiração de caranguejos* na Vila do Acarajó, enorme contingente de jovens insere-se na atividade, segundo o *organizador*, por não ter *serviço de terra* (roça) na região, dificultando a inserção em atividade de roça, pois de seu ponto de vista resta somente a atividade no manguezal e dessa forma ele argumenta que:

[...] é dividido de serviço, porque aqui em terra não tem outro tipo de serviço, não é, pra pessoa trabalhar, e todo mundo, já essa rapazeada nova, todo mundo vai pro mangal, porque no mangal é como o *minino* falou, né, o cara vai olha, uma pessoa o mínimo que faz às vez é dez cambadas e aí dez cambadas já ganhou os vinte reais dele, às veze vinte e cinco reais né, já é praticamente duas diárias daqui da terra. Aí às veze muita gente já quer ir *mais ante* pro mangal do que trabalhar aqui na terra, porque o cabra

⁵⁹ Selecionei algumas palavras por ocasião da entrevista tais como: Pouquinho, todinho, pedacinho, rapidinho, picozinho, miudinho, canoinha e saverazinha.

trabalha o dia inteiro né, e o cabra vai pro mangal. *Nós estava* dizendo assim, o máximo que trabalha é *sete hora sete hora* porque, às *veze* sai daqui, tem *peão* que que sai daqui às *veze* de manhã de bicicleta, né, sai *seis hora* da manhã, quando chega lá no ponto que eles vão tirar caranguejo às *veze* é *oito hora* do dia, aí trabalha até meio dia, meio dia, até uma hora, quando é às *veze* duas hora já está voltando, já de volta. Aí às *veze* o cara ganha vinte e cinco, trinta, conforme o que tirar, aí por isso que eu acho que aumentou mais o tirador, por causa disso mesmo, porque como foi que o menino falou. Nesse que o rapaz tirava caranguejo alí era bem pouquinho mesmo tirador, por exemplo, aqui nesse lugar só era os mais velhos que tirava né? Mas a rapazeada nova não tirava não, e agora hoje em dia é todo mundo quase” (Vadico, Fev/2006).

Na verdade o *organizador da turma* argumenta no sentido de mostrar a vantagem de tirar caranguejo, considerando a possibilidade de ganhar um bom dinheiro, sobretudo nos fins de semana. Pois para ele o *serviço de terra* (roça) é escasso, e quando tem, segundo ele, não compensa o esforço com o pouco dinheiro que é pago. As oportunidades são poucas e quando aparecem *os donos das terras* (proprietários de grandes extensões de terra), *querem pagar só uma besterinha*.

Assim, na visão do organizador, fazer bom negócio é tirar o máximo que puder de caranguejo nos fins de semana, sem demonstrar a mínima preocupação com os estoques de caranguejos. Pois, segundo ele, a forma do *tirador* sobreviver é tirar caranguejo. Porque, o mínimo que um *tirador* faz é 10 cambadas e ganham R\$ 25,00 reais que correspondem a quase *duas diárias da terra*.

A dureza de tirar caranguejo, a *facilidade* em vender, a dificuldade de arrumar outro tipo de atividade talvez pelo fato de a maioria ser de analfabetos, ou saber apenas assinar o nome, tendo ou não de roça para cultivo e o desejo de consumo, provoca uma situação que atrai para a atividade de *tiração* de caranguejos um contingente enorme de homens que, segundo o organizador, são principalmente jovens. Essa “*corrida*” aos manguezais apresenta aspectos que podemos encontrar em outros municípios do nordeste do Pará como São Caetano de Odivelas e Curuçá, cidades litorâneas do nordeste paraense.

5.2 A DESPESINHA - OS RECURSOS PARA A VIAGEM

Na *tiração* dos fins de semana, os *tiradores* de caranguejo trabalham mediante um contrato verbal. Para Silveira (1976) e Weinstein (1993); a inexistência de um contrato escrito deve-se ao fato de a maioria ser analfabeta e, portanto, tais contratos verbais apóiam-se na qualidade moral desses trabalhadores. Esses

contratos são feitos entre o *organizador da turma* e o *tirador de caranguejo*, que, para suprir suas “necessidades” recebe “de graça”, o *atilha*, para amarrar os caranguejos, meio quilo de farinha, duas folhas de papel, uma caixa com fósforos e um pedaço de tabaco.

Relação que já fora observada pela a autora quando se reporta ao sistema de aviamento nos seringais da Amazônia: as ferramentas, utensílios e mantimentos fazem parte dos vínculos de endividamento, colaborando para a contínua sujeição e exploração do trabalhador. Por outro lado, as relações sociais entre o organizador e o *tirador* transformam-se em ajuda mútua e nos arranjos entre eles é que se estabelecem as relações de amizade e compadrio também (LEITÃO, 1997); (SOUSA, 2000).

O vínculo de endividamento, que no contexto desse estudo é chamado de *despesinha* tem um peso moral e uma compreensão simbólica bastante significativa, sem deixar de valorizar o material, mas esse material tem um valor monetário muito baixo (de R\$ 1,40 a R\$ 2,00 reais no máximo) e alguns tiradores não pegam a *despesinha*, mas viajam no caminhão. Dessa forma são criados mecanismos de dominação para garantir a *tiração*, dominação esta simbolizada pela presença do caminhão.

Assim todo *tirador de caranguejo* que subir no caminhão fica desde esse momento avisado de que só pode vender o caranguejo para os *comerciantes do caminhão*. Este paga em dinheiro, ainda no ponto de desembarque dos caranguejos.

Esses elementos de troca são importantes para o entendimento da discussão analítica sobre a organização dos tiradores e a fidelidade de venda dos caranguejos, pois muitos *tiradores* entendem que a viagem é “de graça” e se viajassem no ônibus teriam que pagar a passagem. Na verdade, porém, a *tiração* nos fins de semana é uma forma de pagamento de dívidas, não de despesa aviada no comércio, ou da *despesinha* como a farinha, papel, tabaco e fósforo.

A atividade desenvolvida pelos tiradores de caranguejos nos manguezais de Bragança nos fins de semana inicia-se com a chegada do caminhão na vila do Acarajó. Os *tiradores* são transportados em caminhões alugados (*fretados*), pelos comerciantes, que viajam pela rodovia até as pontes que dão acesso aos furos do do rio Caeté, cortados pela estrada, que viabiliza o deslocamento dos *tiradores* até os pontos.

Muitos se deslocam de canoa, ou a pé, a partir desses furos, até os manguezais considerados distantes pelos *tiradores*. Quanto mais se deslocam para os *pontos* distantes, maior é a possibilidade de retirar caranguejos graúdos, para os quais, segundo os *tiradores*, a venda é garantida. Os furos dos rios são considerados *pontos* de embarque de *tiradores* e desembarque de caranguejos, denominados de *porto*, sendo o mais importante deles o furo chamado de *Furo Grande*.

5.3 A VIAGEM PARA O MANGAL

A chegada do caminhão na vila do Acarajó varia entre as 05h00 e 07h00, no máximo. Este horário depende do movimento da maré, ou “tempo natural” que para Nascimento (1995) predomina em relação ao “tempo do relógio”, o que proporciona uma interação mais forte com a natureza, ou, como afirma o *comerciante do caminhão*: *quem rege o tempo aqui é o papai do céu*. Este tempo que predominava no passado, de certa forma continua atuando nas pequenas comunidades de pescadores. Mas os moradores da Vila do Acarajó utilizam os dois tempos simultaneamente. Os *tiradores* do Acarajó nos fins de semana utilizam o tempo para capturar a maior quantidade possível de caranguejos, prática incorporada ao cotidiano dos *tiradores* da vila porque: *O patrão não carece avisar e reunir os tirador para perguntar se eles vão ou não tirar caranguejo, eles já sabem que o caminhão vem, quando chega o caminhão na vila é só reunir e subir no caminhão*, afirma um *tirador*.

No caso da Vila do Acarajó existe um entrelaçamento dos dois tempos. O tempo de espera dos *tiradores* é em frente à casa do comerciante, que *organiza a turma*, pela manhã bem cedo, para viajar até os furos do rio Caeté e Taperaçu. Portanto, considera-se o tempo do relógio para chegar até os furos de rio, para dar início à *tiração*; o tempo da natureza impõe sua vontade: a maré deve estar cheia para as canoas poderem deslizar suavemente nas águas do rio, bem cedinho, para que os *tiradores* possam tirar caranguejos e assim o tempo está começando a se transformar em dinheiro, afirma Thompson (1998, p.155):

[...] Toda a economia familiar do pequeno agricultor pode ser orientada pelas tarefas; mas em seu interior pode haver divisão de trabalho, alocação de papéis e a disciplina de uma relação de empregador – empregado entre

o agricultor e seus filhos. Mesmo nesse caso, o tempo está começando a se transformar em dinheiro, o dinheiro do empregador, Assim que se contrata mão-de-obra real, é visível a transformação da orientação pelas tarefas no trabalho de horário marcado [...] E o empregador deve usar o tempo de sua mão-de-obra e cuidar para que não seja desperdiçado: o que predomina não é a tarefa, mas o valor do tempo quando reduzido a dinheiro. O tempo é agora moeda: ninguém passa o tempo, e sim gasta.

E para “gastar” esse tempo o *tirador de caranguejo* maximiza suas atividades, retirando grandes quantidades de caranguejos no período em que permanece no manguezal. Para isso o caminhão chega bem cedo e o ronco do motor quebra o silêncio da Vila contrastando com o cantar dos pássaros que anunciam o amanhecer; o sol ainda tímido mantém-se à espreita e algumas vezes ainda não nasceu.



Fotografia 28 - Tiradores de caranguejos no caminhão
Fonte: Regina Reis, em fevereiro de 2006

Os *tiradores de caranguejos* surgem de todos os lados. Aos poucos eles chegam de dois, três, trazem na mão direita o *gancho* indispensável à captura, na esquerda uma sacola com roupa pra proteger o corpo, faca para cortar os galhos e colocar sobre o solo para dar firmeza no momento da caminhada, nas partes mais lamacentas e retirar os galhos de vegetação incômodos, encontrados ao longo do caminho, nos locais de tiração. Levam a água para misturar com a farinha, para fazer o *chibé* e algumas frutas, mas, segundo informação de um tirador não podem comer muito, porque isso dificulta sua caminhada por entre, sobre e sob as raízes. Assim estão armados para a *guerra* contra, principalmente, o mosquito maruim,

pertencente à família dos *Ceratopogonídeos*, conhecidos na linguagem local por *muçum*, que são ali abundantes e todo tipo de intempérie na *lama*⁶⁰.

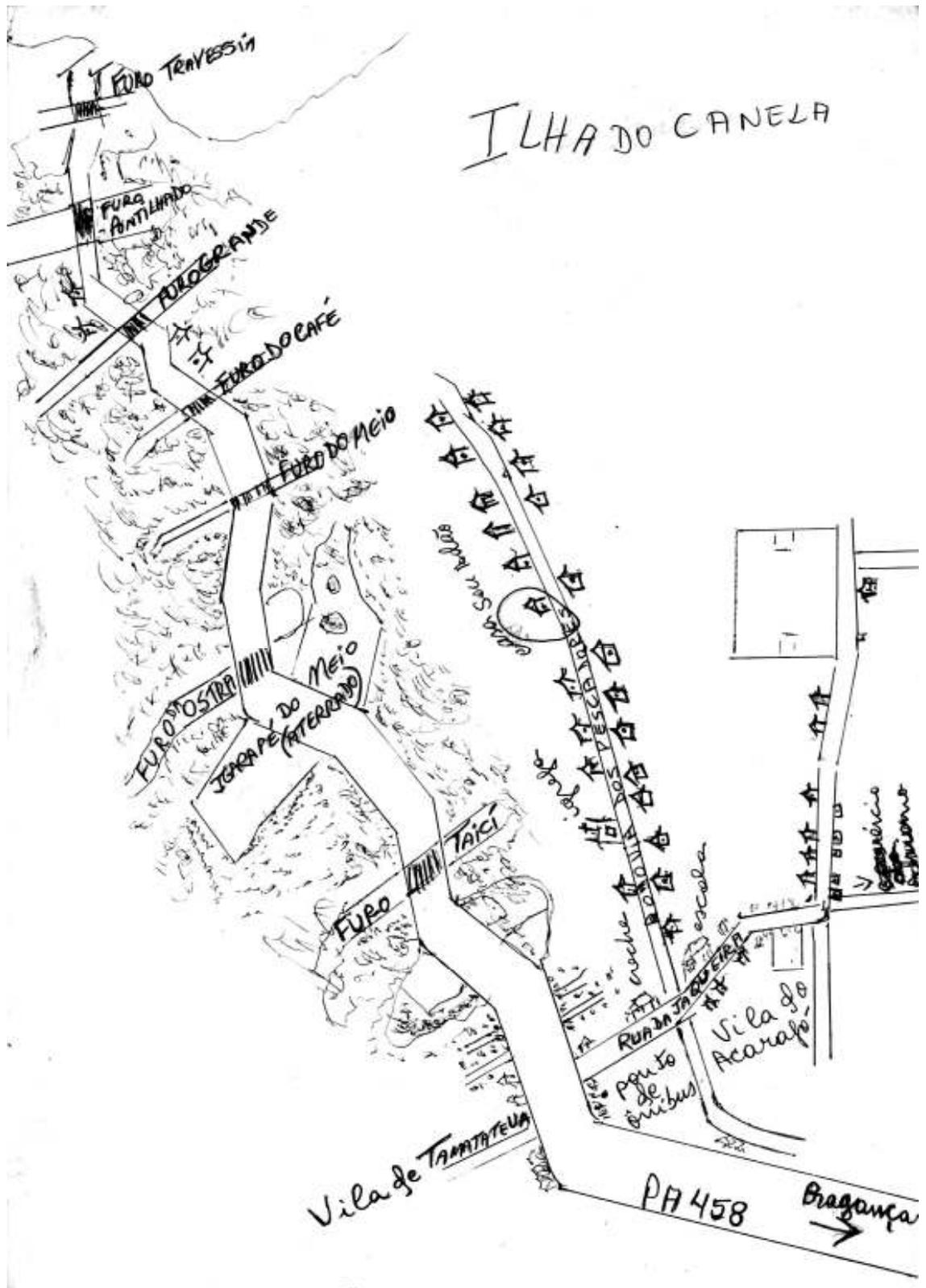
Quando cessa a *chegada*, está na hora de partir, ainda na Vila, na passagem do caminhão, há sempre um “tirador” à espera. Chega-se à rodovia, na entrada ou saída da Vila do Acarajó, o motorista pára no *Ponto do Careca ou Caneta*, local em que se concentra, nos fins de semana, uma quantidade enorme de *marreteiros*⁶¹, *tiradores de caranguejos e comerciantes do caminhão*.

O *Ponto do Careca* é presença forte no imaginário dos *tiradores de caranguejos*. Estão sempre se referindo ao Careca como aquele tirador que lutou muito, guardou dinheiro e *se deu bem na vida, subiu na vida*, pois como eles, o Careca lutava na *tiração de caranguejo* e hoje tem comércio que vende peixe, bebidas, mantimentos, ou seja, melhorou de vida. Esta é uma referência importante para os tiradores, tanto que eles mesmos criaram o *Ponto do Careca* no manguezal, local que fica afastado da rodovia e contém bastante caranguejo.

O *organizador da turma* inclui alguns tiradores da Vila do Patalino, todos eles aguardam o caminhão no *Ponto do Careca*, ou ao longo da rodovia Bragança – Ajuruteua.

⁶⁰ Lama são partes moles do solo característicos do ecossistema manguezal, que dificulta bastante a caminhada dos tiradores, principalmente no período chuvoso. Conhecido pelos tiradores como tijuco.

⁶¹ Categoria referente da do comerciante que compra e vende caranguejos para comercializar diariamente, são aqueles que compram sempre em pequena quantidade esperam os tiradores no ponto do Careca e atendem somente o mercado interno.



Desenho 2 – Rodovia PA-458, Bragança-Ajuruteua
 Fonte: João Moraes, em setembro de 2006

Neste dia o caminhão saiu da Vila com 25 tiradores e outros 25 de forma intermitente aguardavam na rodovia, às proximidades da Vila de Bacuriteua, a passagem do caminhão. A *tiração de caranguejo* às sextas e sábados é considerada *principal* e perder o caminhão é perder a oportunidade de *passar o fim de semana com um dinheirinho no bolso*, melhorar a refeição do domingo, dia em que se come uma *comidinha melhorzinha*, ou deixar de ganhar um dinheiro extra. Para os jovens significa deixar de ir às festas.

Paralelamente, durante a viagem no caminhão, muitos tiradores *bicicleteiros* deslocam-se para o manguezal até os furos do rio de sua preferência, colocam cadeados nas bicicletas, preparam o *porronca*⁶². A diferença é que não estão presos, de certa forma, aos *comerciantes do caminhão*, estão, na verdade, aparentemente *livres* (são autônomos) para poder vender o caranguejo para quantos *marreteiros* e *comerciantes dos caminhões* desejarem, desde que estes paguem um preço a mais em relação ao que pagam para os que viajam nos caminhões. Mas no caso dos tiradores *bicicleteiros* o desgaste físico é dobrado, por pedalar na estrada (44 km ida e volta), além do exercício da atividade, que exige um esforço físico muito grande, que compensado, porém, segundo eles, com o dinheiro que ganham.

A maioria dos *tiradores* que viajam no caminhão escolhe o *Furo Grande*, considerado *ponto* importante de deslocamento e chegada dos *tiradores*, pois é nesse local que é feito o pagamento. Outros preferem os *furos do Meio, Café e Arai*. Recebem a *despesinha*, para descontar no momento em que é feito o pagamento das cambadas, ou seja, na chegada dos *tiradores*, quando desembarcam os caranguejos das canoas.

Às proximidades do *furo grande* encontram-se casas construídas de madeira sobre o manguezal, com antena parabólica, dois bares com bilhar, cerveja e muita música.

⁶² Porronca é um cigarro feito de tabaco desfiado, com bastante papel para afugentar os mosquitos abundantes no *mangal* (DRUDE,2003).



Fotografia 29 - Casa construída sobre o manguezal
Fonte: Regina Reis, em fevereiro de 2006

Um dos bares serve de apoio ao comerciante Cabo Velho, que possui oito (8) canoas a remo, quatro somente no *furo da Salina*, e outras canoas nos outros furos, e aluga para os *tiradores* se deslocarem aos manguezais afastados da estrada.



Fotografia 30 - Canoas a espera dos tiradores de caranguejos
Fonte: Regina Reis, em fevereiro de 2006

Maneschy (2003) observa que as rodovias e o emprego de embarcações motorizadas tornam possível alcançar áreas de manguezal mais distantes, por barcos chamados *botes*, ou em caminhões.

5.4 A ESCOLHA É PELA GRAUDEZA DO CARANGUEJO – OS PONTOS DE TIRAÇÃO

Com a chegada do caminhão nos furos dos rios, os *tiradores de caranguejos do caminhão*, igualmente os *tiradores bicicleteiros* obedecem a um ritual de preparação para adentrar o manguezal. Ainda na rodovia preparam o *porronca* para espantar os mosquitos, vestem roupa e sapato para proteção (MANESCHY, 1995); (DRUDE, 2003).



Fotografia 31 - Ritual de preparação para adentrar o manguezal
Fonte: Regina Reis, em fevereiro de 2006



Fotografia 32 - Ritual de preparação para adentrar o manguezal
Fonte: Regina Reis, em fevereiro de 2006

A entrada no *mangal* é sempre na maré grande; quanto mais longe da estrada, maior é a probabilidade de capturar caranguejos graúdos. Segundo a localização das tocas, o manguezal recebe denominação diferente. As tocas mais rasas, onde não é necessário usar o gancho, são nomeadas *mangal de areia*; as

partes em que *a marezada lava o mangal* e a captura só é possível com o gancho, seja no inverno, ou no verão, são denominadas *pontos do fundão*.

Os *tiradores* que viajam de canoa, geralmente em grupo de oito homens, remam até os *pontos* onde eles acreditam ter bastante caranguejo, sob o *protesto* dos guarás (*Guara rubra*), aves de beleza exuberante, de cor vermelha. Na medida em que a canoa desliza silenciosamente nas águas do rio, as aves fazem uma demonstração de insatisfação diante a presença humana, com revoada para o topo das árvores, passando na frente da canoa, com gritos estridentes. Por outro lado, as garças brancas (*Casmerodius albus*), indiferentes, estão preocupadas com os caranguejos pequenos denominados *chama-maré*, que lhes serve de alimento. Elas, em silêncio, ignoram qualquer movimento.



Fotografia 33 - Deslocamento dos tiradores em canoa para os pontos de tiração
Fonte: Regina Reis, em junho de 2006



Fotografia 34 - Na passagem das canoas a presença de Guarás
Fonte: Regina Reis, em junho de 2006

As viagens em canoas aos arredores dos manguezais de Bragança proporcionam momentos inesquecíveis, que põem o ser humano em contato íntimo com toda a imensidão e exuberância da natureza, mas, contraditoriamente, o próprio homem despreza essa oportunidade com ações predatórias. São lugares em que o silêncio profundo e misterioso oportuniza contemplar a imensidão das águas e da vegetação, um ecossistema singular, resultado do encontro da água doce do rio com a água salgada do mar. Um lugar que ao mesmo tempo em que atrai, apavora e aguça a curiosidade e propõe grandes desafios.

As canoas em que viajam os *tiradores* são de propriedade de *comerciantes do caminhão* e de *tiradores* que trabalham em parceria com irmãos. Elas ficam atracadas nos *furos dos rios* para o embarque; um deles é eleito responsável pela canoa e pelos remos, que podem ser dos *tiradores*, ou dos comerciantes, guardados pelo dono do bar na *ponte grande*, enterrados pelos *tiradores*, ou, ainda levados, para serem guardados em suas residências.



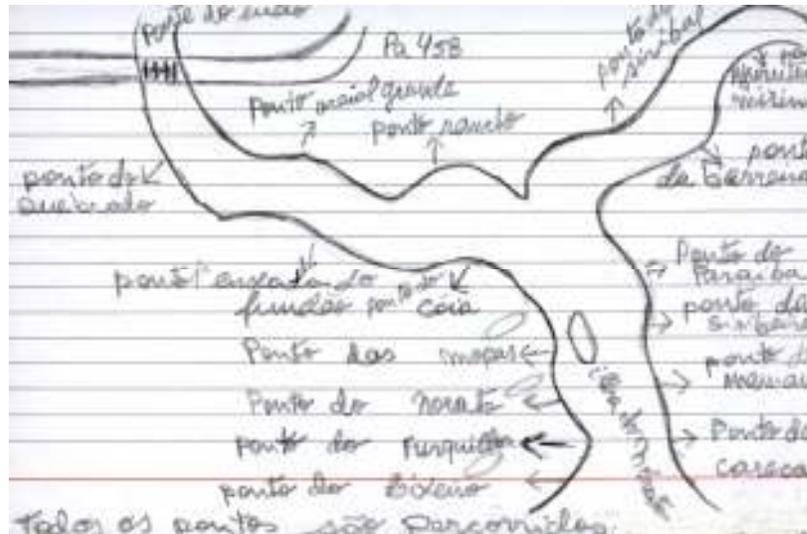
Fotografia 35 - Tirador de caranguejo com os remos, no Furo do Meio
Fonte: Regina Reis, em fevereiro de 2006

Os *pontos* são variados e percorridos em mais de um dia. O *tirador*, em dias alternados, percorre pontos diferentes, por isso a comparação com a categoria *volante*, pois as duas apresentam características que as aproximam e distanciam. O *volante* percorre as fazendas, desloca-se nas carrocerias dos caminhões, para vários lugares, sem qualquer tipo de autonomia, mas é indispensável que tenha um bom preparo físico; os *tiradores de caranguejos* utilizam o caminhão para fazer parte do percurso, mas percorrem os *pontos de tração*, conduzidos apenas pelo conhecimento que trazem na bagagem cultural.

Quem escolhe os pontos e por que escolhe
1. O conhecimento conduz. <i>Nós sabe</i> onde o mangal tá revirado
2. Nós mesmo, é para onde <i>nós quer ir</i> e tem mais caranguejo
3. O mangal de areia é melhor para trabalhar: o caranguejo é raso e a gente escolhe; o pessoal da colônia que tira macho e fêmea e <i>nós só tira macho</i>
4. Nós mesmo achamos que é o local certo
5. Não respondeu
6. Nós mesmo <i>sabem</i> onde tem os maiores
7. Não respondeu
8. Pontos variados: cada fim de semana é num ponto
9. A gente mesmo
10. Nós
11. Não respondeu
12. Não respondeu
13. Eu conheço o trecho e nós vamos em 8 e aviso a eles, mas tem gente que trabalha só e nem avisa
14. Eu
15. A gente mesmo
16. Eu mesmo
17. Não respondeu
18. Eu
19. Não respondeu
20. Escolhe vários pontos porque é muito tirador, se todos <i>ficar</i> no mesmo lugar, bota gente nisso e o mangal é grande.
21. Eu, gosto de trabalhar só eu e Deus, para os outros não <i>esbandalhare</i> tudo
22. Eu, tiro em todo canto
23. Somos nós mesmo
24. Não respondeu
25. Nós, nos furos dos rios

Quadro 10 - Sobre a escolha dos pontos e o conhecimento do tirador

No *Furo do Meio*, os *tiradores* seguem a pé, ou embarcam em canoas a remo, até chegar ao *ponto do Lonjão*. Segundo seu João, *são duas horas de relógio para se chegar até lá*. Além do *ponto da Salina, Jabuti, Jatiquera, Araí, Ostra, Capinzal, Tralhoto e Lixeiro(s)*, conhecem cada igarapé como o *Arreboque, Fundão, Burateu, Moça*. Neles, tiram a lama do corpo e dos caranguejos, para diminuir o peso da carga.



Desenho 3 - Pontos de tiragem de caranguejos, (Furo do Meio)
 Fonte: João Moraes, junho de 2006



Fotografia 36 - Embarque da pesquisadora para os pontos no manguezal
 Fonte: José Maria Siqueira, em junho de 2006

Nos “pontos” nos manguezais denominados *Lixeiro* fica acumulado todo tipo de lixo trazido pela maré. Desde garrafa térmica, chinela, isopor, estojo com CD, pedaços de pau, remo de canoa, garrafa plástica. Tais objetos constituem uma agressão ao ecossistema: onde o lixo fica acumulado, a vegetação do manguezal está seca, facilitando a penetração de raios solares que ressecam a parte mole do manguezal o que, para Souza Filho (2001), contribui para a degradação ambiental. Esse lixo, segundo o *tirador*, é jogado pelos veranistas na praia de Ajuruteua.



Fotografia 37 - Ponto de tiração denominado de Lonjão
Fonte: Regina Reis em junho de 2006



Fotografia 38 - Ponto de tiração denominado de Lonjão
Fonte: Regina Reis em junho de 2006

No entanto, também nos manguezais que ficam nas proximidades da estrada, encontram-se latas de conserva, garrafas plásticas, vidro de refrigerantes e bebidas alcoólicas, sacos plásticos... deixados, provavelmente, pelos *tiradores*, turistas e outros.



Fotografia 39 - Lixo jogado no manguezal à beira da rodovia PA 458
Fonte: Regina Reis em junho de 2006



Fotografia 40 - Lixo jogado no manguezal às proximidades da rodovia PA 458
Fonte: Regina Reis, em junho de 2006

Os *tiradores* deslocam-se para vários *pontos* e cada fim de semana a *tiração* é num *ponto*, devido à quantidade de *tiradores* ser muito grande: e *bota gente nisso*. Devido à intensa captura, o *mangal* fica liso, sem buraco no *tijuco*, o que os leva a afirmar que o jeito é *sair fora se tiver esbandalhado*, em busca de outro *ponto* seguindo seus conhecimentos, percepção e divisão do espaço. Os *tiradores* sabem onde se encontram os caranguejos maiores, considerados *pontos certos* de *tiração*.

Esses conhecimentos sobre os territórios produtivos percorridos pelos *tiradores* de caranguejos são visualizados e compreendidos por eles.

Um dos *tiradores* entrevistados informou que tira caranguejos com três irmãos e caso encontre um *ponto bom*, (aquele onde tem somente caranguejo graúdo) é mantido o segredo entre os quatro, ninguém poderá saber. O conhecimento dos *tiradores* pode ser aproximado à idéia de “mestrança” discutida por Maldonado (1976) como uma espécie de “chamado”, conjunto de capacidade, vocações pessoais, que vão além do saber ir e voltar. Pois para Seu João:

O segredo lá é quando tá numa parte que tá mais raso, é que a gente não diz pros outros, sabe? Não é toda a marezada que o caranguejo tá raso, aí a gente não conta, que se contar eles vão e aí quando a gente chegar lá de novo já está todo *esbandalhado*. Ninguém faz nada nesse trecho do mangal aqui de Ajuruteua até aqui o Taicí [furo de rio] eu acho que não tem uma parte do mangal aí que ainda não andou gente, tanto faz aqui, pertencendo o rio Caeté, como o rio do Taperaçú. Tem um ponto do Lonjão, que eles vão lá. É duas hora de relógio pra chegar no ponto, pra tirar o caranguejo (Seu João, fevereiro /2006).

No retorno do manguezal, a canoa é prioridade para o transporte das cambadas de caranguejos. Metade dos *tiradores* retorna a pé: caminham pelo manguezal, ou nadam pelo rio, conforme o fluxo das marés.

Mas as canoas e os barcos a motor não são os únicos veículos de acesso aos manguezais, também são utilizados botes, ou *voadeiras*, como são conhecidas, pois estes veículos são mais velozes e acessam pontos cada vez mais distantes. Esta situação ocorre porque devido à intensa captura, os *tiradores* estão se deslocando para lugares inexplorados, onde só tem caranguejos *graúdos*, o que facilita a venda. Inclusive tive conhecimento, através de conversa informal em Bragança, que os comerciantes que possuem bares e restaurantes na praia de Ajuruteua, conhecidos por barraqueiros⁶³, querem se reunir para não comprar mais caranguejos, por causa do tamanho que está cada vez menor.

Muitos *tiradores* deslocam-se para uma APA localizada na ilha de Canela e ponta do Mauaú para, em dois dias, cada um capturar de trinta a setenta cambadas, que conseguem vender a R\$ 4,00 e R\$ 5,00 reais a cambada, para os *comerciantes do caminhão*, que as revendem por R\$ 8, 00, R\$ 10,00 e R\$ 12,00 reais cada, conforme a cidade de destino do caranguejo.

⁶³ Barraqueiros são comerciantes proprietários de bares e restaurantes, que vendem caranguejos cozidos (toc-toc) servidos como tira-gosto e refeição. Fazem parte de uma associação há 16 anos, são pernambucanos em sua maioria.

Esses *tiradores de caranguejos* viajam em grupo de 12 pessoas. Saem da vila de Bacuriteua, convidados por algum parente, geralmente *tiradores* adolescentes que precisam de dinheiro para beber, fumar e ir para as festas, ou aqueles que vão em busca de ganhar mais dinheiro, o que é evidenciado em entrevista com esposa de comerciante da vila, que afirma o seguinte:

Os mais novos vão pra festa, os pai de família não dá pra ficar esnobando dinheiro assim, o dinheiro é pouco [...] o pessoal vai pra cá pra baixo, pro lado do Canela [ilha]), que tiram de 30, de 40, de 50 cambada aí eles vendem de R\$4,00 e R\$5,00 né, dá? [...] *tenho um primo que tirou 70 cambadas em dois dias, os mais fracos tiram 30, 40 aí dá pro cara ganhar um dinheirinho a mais né?* [...] vão pra lá porque não é tanto consumido (tirado) como pra cá e lá é só caranguejo grande, assim o cara ganha mais uma besteira e quem sabe aproveitar o dinheiro, o dinheiro dá pra comprar alguma coisa, agora se não sabem, aí gastam tudo a toa até um filho meu que mora pra li já foi (Roca, Fev/ 2006).

Então percebe-se que a extensão dos lugares de *tiração* é cada vez mais ampliada, basta criar mecanismos de acesso conveniente com a necessidade do mercado e após 10 a 12 horas de intensa captura no manguezal, por volta das 16 horas, os *tiradores* de caranguejo retornam à ponte do Furo Grande, onde caminhões e seus respectivos motoristas já aguardam, desde as 15 horas, para o carregamento das cambadas de caranguejo.

5.5 A CHEGADA EM SILÊNCIO E “VÁ COM DEUS”.

O amor ainda está aqui, vá com Deus e tente sorrir por mim [...] se o destino está traçado vá com Deus, vá com Deus o amor ainda está aqui [...] a cada dia que se passa um rosto bonito se perdeu na indiferença [...] Vá com Deus o amor ainda está aqui, vá com Deus, vá com Deus (Roberta Miranda).

Tento através da estrofe da música *Vá com Deus*, das fotografias e da escrita, traduzir o vivido por mim em campo, mas a dimensão é muito abrangente e a ansiedade fez com que procurasse elementos no próprio contexto que justificassem essa dimensão. Busquei o contraste do ambiente com a ironia da música, a indiferença da prefeitura, a sedução do *comerciante do caminhão*, a esperteza do *organizador da turma*, bem como o cansaço expresso na fisionomia de cada *tirador de caranguejo*. Olham no vazio à procura de uma explicação, exatamente no momento em que passa um carro da prefeitura de Bragança em direção à sede do município.

Os *tiradores* chegam de forma intermitente, retiram as cambadas das canoas, em média oito, dez ou quinze cambadas por *tirador*. A expressão do *tirador de caranguejo* é de cansaço e sem nenhum sorriso. Aliás, que motivos teriam para sorrir? Em silêncio, eles vão amontoando as cambadas de caranguejos na pista. Sentam no meio-fio da estrada e esperam a conferência.



Fotografia 41 - Desembarque de caranguejos, das canoas, na Ponte Grande
Fonte: Regina Reis, em fevereiro de 2006



Fotografia 42 - A chegada dos tiradores de caranguejos na Ponte do Furo Grande
Fonte: Regina Reis, em fevereiro de 2006

Sem levar em consideração o esforço despendido e o conhecimento empírico indissociáveis da prática produtiva, os *comerciantes do caminhão* tornam a tiração pouco compensatória para os *tiradores*, que precisam trazer a maior

quantidade possível de caranguejos para os comerciantes, a fim de conseguir um dinheiro razoável. E o resultado leva a uma pequena trapaça: em toda cambada de caranguejos são amarrados quatro a seis caranguejos *miudinhos*, com tamanhos inferiores a 6 cm, tamanho mínimo estabelecido para a captura do animal (DIELE, 2005), pois o caranguejo é animal relativamente grande e de crescimento lento, que pode viver até dez anos e atingir 9 cm de carapaça⁶⁴. Foto dos caranguejos medidos

No momento em que observo esta situação, os *tiradores* amarram seus caranguejos em varetas de pau, retiradas do próprio manguezal, formando 10 cambadas o que facilita a conferência. Assim, no total, um *tirador* vende para cada caminhão, em média, 140 caranguejos⁶⁵ e 50 *tiradores* que viajaram no caminhão nesse dia retiraram juntos 7.000 unidades de caranguejos. Ressalto que a quantidade observada foi em apenas um caminhão.

Após o descarregamento das canoas, os *tiradores* de caranguejo esperam a conferência feita pelo *organizador da turma*. Este, com uma lista dos nomes na mão, anotados pela manhã, faz os respectivos descontos. Caso os *tiradores* precisem de dinheiro, dirigem-se ao *comerciante do caminhão* que faz o adiantamento, sempre com um lembrete: *Todo caranguejo que vocês tirarem eu compro e mesmo que vocês não venham no caminhão eu pago a passagem de ônibus*.

⁶⁴ O tamanho do caranguejo foi medido na feira-livre de Bragança, nos pontos de venda espalhados pelos bairros e nos pontos (furos do rio Caeté) de desembarque como a Ponte Grande, Ponte do Meio e no Ponto do Careca atingiu 8 cm de carapaça.

⁶⁵ Contudo, alguns *tiradores* formam duas vezes ou 20 cambadas cada um, vendendo ao caminhão 280 caranguejos.



Fotografia 43 - Tiradores e caranguejos a espera da conferência
Fonte: Regina Reis, em fevereiro de 2006



Fotografia 44 - Embarque dos caranguejos nos caminhões na ponte do Furo grande
Fonte: Regina Reis, em fevereiro de 2006



Fotografia 45 - Embarque dos caranguejos nos caminhões na Ponte do Furo Grande
 Fonte: Regina Reis, em fevereiro de 2006

Sem se levantar, este comerciante, continua sentado, tomando cerveja, tira de dentro da bolsa, tipo pochete, pacotes de dinheiro suficiente para adiantar um *vale* para quantos *tiradores* de caranguejos precisarem, para ser descontado no próximo fim de semana. Deixa a bolsa aberta e o dinheiro à vista dos *tiradores*, numa atitude de poder e reforçando, ao mesmo tempo, a relação de exploração (aviamento) característica da região, que entende o crédito como ajuda, com a introdução do dinheiro que seduz os *tiradores*.

Assim, ao contrário de Aramburu (1994) que afirma que na Amazônia raramente a relação de troca é intermediada por dinheiro, no caso da tiração de caranguejo os valores são monetários. *Comerciantes do caminhão* e *marreteiros* pagam à vista e somente à vista os *tiradores*, regularmente: *é acabou, banhou*, dizem os *tiradores*. Esta situação não é ocasional, repete-se durante todo o ano.

Por outro lado, é estabelecida uma relação de compadrio, pois alguns *tiradores* chamam o *comerciante do caminhão* para batizar um dos seus filhos, tornando-se assim compadre. Dessa forma, se por um lado, há uma relação de exploração/subordinação, por outro, há obrigação de dar e receber, nesse caso o convite para ser padrinho é irrecusável para o comerciante.

5.6 A CHEGADA NO PONTO DO CARECA OU CANETA

A chegada no *Ponto do Careca* acontece por volta de 20h00, os caranguejos são transportados para caminhões maiores, para venda em diferentes cidades do estado do Pará. Enquanto é feito o transporte dos caranguejos, os comerciantes continuam comprando caranguejos dos *tiradores*, porque toda quantidade de caranguejo que chega é comprada.

A quantidade de caranguejos depende da cidade de destino. No caso da viagem para a cidade de Paragominas o mínimo da carga é de 800 cambadas de caranguejos, para Marabá, Parauapebas e Belém a quantidade fica em torno de 2.000 por caminhão e assim sucessivamente.



Fotografia 46 - Embarque dos caranguejos nos "Mercedes", Ponto do Careca

Fonte: Regina Reis, em fevereiro de 2006

Os caranguejos, nas sextas feiras, são entregues por vários *comerciantes do caminhão*, em consignação, para os motoristas dos caminhões. Muitos deles são vendidos em outros municípios pelos proprietários mesmo⁶⁶. Práticas que podemos compreender melhor através de entrevista concedida por um tirador de caranguejo da Vila do Acarajó, que tira caranguejo há bastante tempo e sempre em parceria com mais três irmãos, possui rancho⁶⁷ às proximidades do Furo do Meio e sempre

⁶⁶ Na linguagem dos comerciantes do caminhão, vender para outros municípios é dito *atravessar*.

⁶⁷ Ranchos são abrigos de madeira cobertos de palha.

se desloca para os *pontos* em canoa, também de propriedade dele com os irmãos, todos moradores da Vila do Acarajó.

Eis o nosso diálogo:

- O senhor vê o pessoal tirar caranguejo pequeno?

João (tirador) – Vejo.

- Mas o senhor não tira?

João – Não, nós que trabalha lá (Furo do Meio), que é acostumado lá, aí o pessoal lá já sabe, porque lá é o rio considerado o caranguejo mais graúdo dessa rodovia aí.

- De onde é?

João – Lá do Furo do Meio e aqui a gente é conhecido como “a turma do caranguejo graúdo”, porque o nosso caranguejo é só graúdo.

- O senhor e os irmãos?

João – É os irmão, somos quatro irmão e mais um senhor lá de fora, seu Antônio.

- De onde ele é?

João – Ele mesmo é do Maranhão, ele nasceu no Maranhão, mas ele mora lá, lá fora, casado com uma menina daí.

- Daqui?

João – É, filha do Caneta, lá.

- Ah! Eu sei, onde começa a luz ali?

João – É, ele trabalha com a gente há muito tempo, ele veio de lá pra trabalhar numa serraria, serraria não, aleria (olaria), aí a aleria fechou, ele sabia fazer serviço também no mangal, aí ficou tirando caranguejo com a gente, é o nosso companheiro de todos os dias, quando a gente vai.

- Vocês são considerados a turma do caranguejo grande então tem venda certa, não tem? E vocês têm comprador certo?

João – Tem, tem.

- E o senhor vende para quantos marreteiros?

João – No meio da semana, eu vendo pro Lojão, só pra ele.

- O senhor não vende pra outro, é fiel a ele?

João – Pra outro marreteiro ninguém vende, porque a hora que a gente chega é só ele e outro Aleixo que tão aí, só eles dois.

- Vende para o Vadico também?

João – Não, não o meu caranguejo é contratado dia de sexta, de nós irmão, pra ele, pro Siriri.

- Siriri também é marreteiro?

João – Marreteiro, mas só trabalha dia de sexta ele, outro dia ele não compra.

- Mas ele tem caminhão?

João – Não, não ele vai de carro fretado, ele pega o carro de um senhor lá de Tamatateua que vai pra Paragominas, aí ele vai com ele no carro.

- Ele leva o caranguejo para onde?

João – Paragomina. Paragomina, Ipixuna, São Miguel, aqui pro Quarenta e Oito, pro Doze, fica aqui pra Santa Maria, eles começam a deixar.

- Quer dizer que tem vários caminhões? Este esquema do Vadico é um e vários?

João – Esse do Vadico é um, e têm outros.

- Mas tudo no Caneta?

João – Não, não, aí dessa região aqui Ajuruteua e Tamatateua, tudo passa aí no Caneta, agora têm da Serra, daqui do Piriá, têm de Marapanim, esses também que sai pra lá, mas daqui de Ajuruteua sai, dia de sexta sai do Vadico, sai do Siriri, sai o do Barozinho e sai do Luiz, do Luiz vai até Marabá, nessa rodovia aí que vai pra Marabá ele sai.

- Entra em Capanema, até Marabá? Vai pra Parauaebas?

João – Não, pra Parauaebas vai desse do Barozinho, vai deixando aí.

- É muito caminhão então? Todos cheios de caranguejos?

João – Tudo cheio, aí sai um pra um canto, sai outro pro outro.

- O senhor não tem idéia quantas cambadas tem em cada caminhão?

João - Acho que vai quinhentas, mil, por baixo, cada caminhão. É o Luis que vai pra Marabá, o mínimo que ele viaja pra lá é de oitocentas cambadas e o caminhão é dele.

- Me diga uma coisa, o senhor sabe de onde eles são? Se são nordestinos, se são daqui?

João – Não, não, são paraenses mesmo, são comerciantes bragantinos.

- A venda dos caranguejos é na feira, o senhor não sabe se ele vende para supermercado?

João – Não. É só nas feiras, só ficam nas feiras, eles não vende pra supermercado, em outros cantos, em outro comércio, é só na feira pro consumidor.

- E no sábado o senhor vende para quem?

João – No sábado eu vendo pro Cabo que é parceiro do Vadico, ele só compra dia de sábado.

- Ele só compra dia de sábado?

João – É, eles andam junto sexta-feira, mas ele não compra tudo é do Vadico na sexta, agora no sábado, no sábado tem uma parte que sai pra ele, do Cabo Velho, ele tem uns tirador e o Vadico tem outros, quer dizer que os que andam no carro dia de sexta, todos tiram pro Vadico.

- A cambada é comprada por dois reais? E quantas cambadas vocês tiverem eles compram? Compram caranguejos pequenos também?

João – Compra

- Compram pequenos ou grandes?

João – Pequeno, ou grande, tudo eles compram, principalmente começo de mês, eles num, pra eles não vale o tamanho é a quantidade, bom de vender é no sábado o caranguejo do Cabo vai pra Belém.

- O senhor sabe me dizer se em Belém eles vão deixando nas feiras também?

João – Vão, vão deixando nas feiras, tudo quanto é feira. Começa a deixar na Cidade Nova, aí vão todinha as feira, eles vão deixando, vai ficando ali, o vendedor com o caranguejo, aí na volta o caminhão vem direto, eles pegam ônibus e vêm pegar aqui em Marituba, lá no posto, eles já sabe o posto lá, o caminhão chega espera eles chegar todinho, os vendedor, pra fazer a viagem pra Bragança [...] vai uma faixa de trinta pessoas lá pra Belém.

- E a quantidade de caranguejo? Mil cambadas?

João – Leva mais, chega uma base de levar duas mil cambadas todo sábado.

fevereiro/2006

A outra parte dos caranguejos é vendida para os *comerciantes do caminhão*, e apenas no caso de os *tiradores* não terem comprador no momento, pois eles alegam que praticamente *dão* o caranguejo, pois o pagamento que os comerciantes oferecem por cambada é muito pouco. Contraditoriamente, o Cabo Velho é o grande comprador da região, mas paga o menor preço.

O “*esquema*” da comercialização na sexta-feira entre o *organizador da turma* com o *comerciante do caminhão* é somente de buscar o caranguejo na Ponte Grande e repassar imediatamente, no *Ponto do Careca*, em consignação para os donos de caminhões, ou donos do frete. Estes levam os caranguejos para vender em várias cidades do estado. A mesma prática é utilizada por outros comerciantes

que, em parceria, organizam⁶⁸ os *tiradores* de Bacuriteua que viajam no caminhão. Outros, em bote, contratam os *tiradores de caranguejos* para o deslocamento até a ilha do Apeú, áreas consideradas distantes e *pontos* onde se encontram os caranguejos mais graúdos, para obter um preço maior. Além de Marabá, estes viajam para Paragominas e retornam com madeira; outros comerciantes viajam para Parauapebas.

Esta transação acontece todas as sextas, repassam o caranguejo a outros comerciantes, em consignação, para venda em outros municípios. Nos sábados, *separam* a parceria⁶⁹ e cada um *freta* um caminhão e são diretamente responsáveis pela venda dos caranguejos em cidades diferentes.

Essas relações de exploração e as mudanças sociais ocorridas são evidenciadas no depoimento de um *ex-tirador*, que desenvolveu atividade no manguezal de Bragança por quarenta anos, depoimento que reflete o contexto atual e as mudanças nas relações sociais de exploração dos recursos dos manguezais. Na ocasião, pergunto o que mudou em relação à tiração de caranguejos, a resposta veio imediatamente, dessa forma:

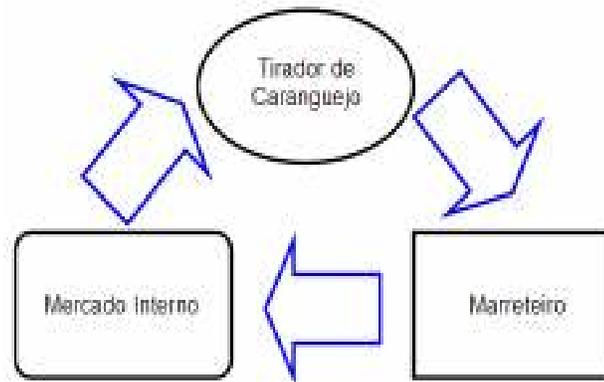
Mudou muito daquele tempo novo quando nós começamos a tirar caranguejo. Agora ficou já mais miúdo, ele ficou numa frase (fase) mais miúda e diminuiu também muito, que daquele tempo a gente tirava caranguejo, não tinha precisão de entrar no meio da raizada do mangueiro pra tirar, eles tirava no meio do lavado mesmo, que tinha muito buraco, o caranguejo era raso, hoje em dia não, o caranguejo é mais fundo e os buraco já ficou já mais difícil pra gente conseguir o buraco, e o caranguejo mudou muito, muito, muito, muito mesmo [...] era graúdo, hoje não, hoje o caranguejo já mudou muito [...]o máximo que tirava era dez, doze pessoas que tirava caranguejo, agora não, agora já perdeu até as conta de quantas pessoas tem tirador[...] de 200 pra melhor, fora o carro do Vadico, também de bicicleta e ninguém ainda não conferiu a porcentagem, mas tem dia que a gente confere, às vez vai quarenta, cinqüenta peão, dentro do horário (6:00 horas da manhã no ônibus), pra tirar caranguejo (Adão, janeiro /2006).

Os estudos mostram que as relações de exploração têm concomitantemente duas situações: a primeira pode ser denominada de “exploração anterior”, que se baseia nas relações diretas de dependência entre o *tirador de caranguejo*, trabalhador autônomo, que escolhe os dias da semana para se dedicar

⁶⁸ Na linguagem de um dos comerciantes dos caminhões organizarem os tiradores é dito *manipular*.

⁶⁹ Outro parceiro na comercialização do caranguejo é responsável pela organização dos tiradores da vila do Patalino.

à tiração de caranguejo, que se constitui em atividade complementar, ou sazonal e o marreteiro, com a “produção” voltada para o mercado interno, compra em pequenas quantidades diariamente, com poder aquisitivo reduzido. Conforme demonstramos no fluxograma a seguir:



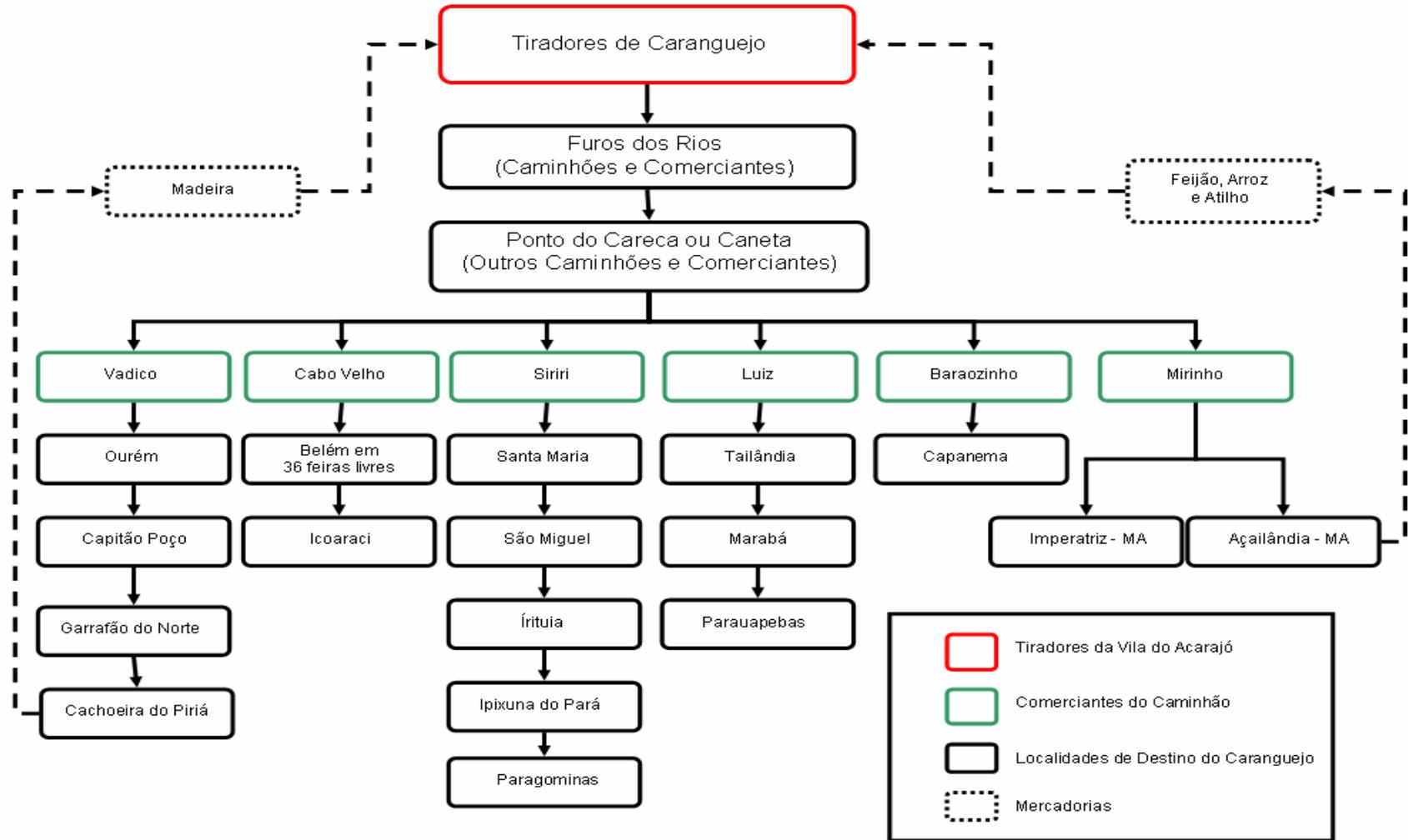
Fluxograma 1 - Distribuição dos caranguejos pelos comerciantes do caminhão.

A segunda situação de exploração em Bragança é possível afirmar a partir da presença de *comerciantes do caminhão*, que vendem caranguejo para atender o mercado externo. Assim, os comerciantes do caminhão acabam por criar uma situação de dependência entre eles e os *tiradores*, tendo como base o uso do caminhão, que aparece como símbolo de dominação sutil. Pagam para o *tirador* de caranguejos preços mais baixos, pela cambada de caranguejo, do que os praticados no mercado.

Tal situação denomino “exploração atual”. Os *tiradores* de caranguejo são organizados em turmas, para tirar caranguejos nos fins de semana, no trecho que compreende da estrada de Bragança até a Praia de Ajuruteua. A relação entre os comerciantes e *tiradores* é intermediada por um comerciante local, que organiza os *tiradores* em turmas para tirar caranguejo, com vistas ao atendimento do mercado externo. A autonomia dos *tiradores* de caranguejos passa a ser somente na escolha dos pontos, buracos que contêm bastante caranguejo e na decisão de ir, ou não, no caminhão, nos fins de semana. Estão relativamente presos a uma lógica de sujeição, por vender os caranguejos apenas para o comerciante para o qual foram “contratados”. O comerciante, por sua vez, destina os caranguejos para vários

municípios do estado do Pará e algumas cidades do nordeste do País. As duas situações referidas são denominadas na Amazônia *aviamento*⁷⁰.

⁷⁰ Na concepção de Aramburu (1994) o *aviamento*, na Amazônia, sofreu modificações e desdobramentos na modernidade. As relações econômicas entre marreteiros e fregueses, com características mais fluidas, com base na concorrência. Assim, quando o marreteiro se torna habitual e se estabelece numa base geográfica definida, reduz o potencial de ajuda, trabalha com pouco capital com um número reduzido de fregueses, rouba os fregueses dos patrões e contribui para a debilidade do seu poder. Já os *comerciantes do caminhão* fazem questão de adiantar um vale e incentivar os tiradores a tirar mais caranguejos.



Fluxograma 2 - Distribuição dos caranguejos pelos comerciantes do caminhão.

No momento da venda, o motorista desconta as despesas e no retorno entrega o lucro para os comerciantes. Os *tiradores* assistem a tudo e aos poucos retornam para suas residências. Percebemos que os *tiradores* sabem por quanto os *marreteiros* e *comerciantes do caminhão* vendem cada cambada de caranguejo e que os comerciantes ganham muito dinheiro, por isso a maioria dos *tiradores de caranguejos* moradores na vila do Acarajó alimentam um sonho que é de um dia conseguir comprar um caminhão, para poder comercializar o caranguejo para fora do município de Bragança e eliminar o *atravessador*, que compra a cambada de caranguejo a R\$ 2,00 reais e imediatamente vende por R\$ 4,00 a R\$ 5,00 reais, dependendo da cidade a que se destina o caranguejo. Uma cambada pode chegar até R\$ 15,00 reais, dessa forma, o *tirador* tem como perspectiva de futuro ser um comerciante de caranguejo. Porque o *tirador* é sempre o mais prejudicado, quando se estabelece uma relação de compra e venda. Situação que se compreende na fala de uma moradora do Acarajó que para viver cria galinha, vende os ovos e costura para os moradores da Vila.

A tristeza maior é que o que trabalha mais é o mais injustiçado e aquele que não faz nada [neste contexto ela se refere ao comerciante ou marreteiro] é o que leva o lucro. O pescador faz o curral pega peixe e o atravessador compra por R\$ 0,40 ou R\$ 0,70 centavos o kilo e no mercado e na feira a gente vê o peixe a R\$ 7,00 reais o kilo e isso é muito triste. Assim é com o tirador de caranguejo no inverno eles vendem por R\$ 2,00 reais a cambada, trabalham num *servicinho* desgraçado e quando chega verão o preço cai para R\$ 0,70 ou R\$ 1,00 a cambada (Ana, moradora da Vila do Acarajó, junho/2006).

No sábado, dia também de muito movimento, considerado excelente para a venda de caranguejo, os comerciantes que na sexta-feira vendem o caranguejo em parceria separam-se e cada um viaja em caminhões para cidades diferentes. Um dos exemplos é o comerciante do caminhão conhecido por Cabo Velho, que vende o caranguejo para as cidades de Ananindeua, Belém e Icoaraci.

Viaja sempre aos sábados à noite e abastece 36 feiras livres da capital, deixa um ou dois vendedores em cada feira-livre com as respectivas cambadas (50, 60 cambadas para cada vendedor), começa pelas feiras da Cidade Nova, Cremação, Terra firme, São Brás, 25 de setembro, além de Icoaraci. Na venda em Belém, o comerciante paga \$ 20,00 reais a cada vendedor, mesmo que cada um deles venda 50 cambadas.

Essas relações comerciais repetem-se em outros municípios, conforme informações dos comerciantes entrevistados e através de conversas informais com os *tiradores de caranguejos*.

Os comerciantes eventuais, denominados de *aves de arribação*⁷¹ viajam com caranguejos para Açailândia e Imperatriz, no estado do Maranhão, retornam com atilho, arroz e feijão. Segundo informações adquiridas em Bragança, um desses comerciantes faz parte da elite bragantina, como membro da família, atuando em Secretarias da Prefeitura de Bragança.

Garantem assim a compra do produto e o pagamento feito pela quantidade de caranguejos capturados, amarrados em forma de cambadas. É expressamente proibida a venda para outros comerciantes locais denominados *marreteiros*, caso aconteça de algum destes comprar caranguejos do *tirador do caminhão* são denominados de *marreteiros desguiados*, alegam que estes oferecem um preço maior para os *tiradores*, porque não têm despesa com frete e gasolina.

A atividade que envolve a tiração e compra dos caranguejos nos fins de semana pelos comerciantes é feita em parceria, sempre o comerciante morador na cidade de Bragança ou não, responsável por parte da compra do caranguejo do trecho Bragança - Ajuruteua transporta os caranguejos em caminhões, desde a construção da estrada, lembra Seu Adão.

O Vadico começou com essa marreta (venda de caranguejo) quando era solteiro ainda, casou e o trabalho dele é isso [...] é ele e o Cabo Velho é mesmo que filho [...] nem filho com o pai faz isso, ali são muitos agarrados aqueles dois a vida deles é assim, trabalham juntos há muito, muito, muito tempo, Ave Maria!!! São parceiros de bainha de calça, são parceiros há muito tempo, o Vadico já compra a mais da porcentagem (quantidade) dele leva pra estrada, ele já compra pro Cabo Velho, olha o Cabo [...] e quando o Vadico quando compra a menos o Cabo compra e diz olha fulano inteira a tua carga, e assim eles são assim, e outro dia eu estive dizendo pro minino, Olha rapaz, o Vadico e o Cabo Velho quem se bater por causa deles dois não tem o que fazer (Seu Adão, Fev/2006).

Esta parceria tem sempre a preocupação de estimular os *tiradores* ao exercício da atividade, mas o preço da cambada é estipulado pelo *comerciante do caminhão*. Essas questões fazem-me pensar na possibilidade de o manguezal ser simbolicamente propriedade dos comerciantes do caminhão, pois eles estão sempre

⁷¹ Linguagem utilizada por um *comerciante do caminhão* que significa falta de regularidade na compra de caranguejos nos fins de semana.

se referindo aos outros compradores como *particular*, ou *desguiado*. Faço tal conjectura porque a quantidade de caranguejos retirados dos manguezais de Bragança, nos fins de semana, não é alvo de fiscalização, ou a fiscalização é ineficiente. Ela é feita pelo Estado, representado pelo Ibama, Prefeitura do Município, ou pela Resex.

Nos meses de abundância de pescado a tiração intensiva no caminhão é ampliada para às terças e quartas feiras, já que embora essa abundância de pescado na região de Bragança altere a venda de caranguejos no mercado interno, que diminui bastante, a venda para fora do município é ampliada.

Devido a quantidade de peixes na região grandes quantidades são salgadas, exceto alguns tipos de peixes que estão com venda proibida como o Mero. Nesse período, os consumidores de Bragança preferem a compra do peixe gó, vendido na feira de Bragança a R\$ 1,00 o kilo⁷² enquanto a cambada de caranguejo nesse momento é vendida a R\$ 5,00 reais na mesma feira. O tirador que acessa o manguezal de ônibus e bicicleta e vende apenas no mercado interno perde, assim, o interesse pela atividade, mais ainda pela dificuldade de tirar o caranguejo, que, nessa época, encontra-se muito fundo no buraco, difícil de ser alcançado com o gancho, o que demanda maior esforço físico do *tirador*⁷³. A saída dos caranguejos para os municípios, porém, é mantida sem interrupção, assim os "*tiradores do caminhão*" continuam regularmente durante o ano todo.

⁷² Observo que a comercialização de peixe fresco nos pontos de venda é abundante nos meses de maio, junho e julho, com preços variados.

⁷³ Situação do tirador de caranguejo que preferencialmente vende para o marreteiro, apesar de este geralmente pagar um preço melhor, em relação ao do *comerciante do caminhão*.



Fotografia 47 - Peixe Gô salgada à venda, na Vila do Acarajó
Fonte: Regina Reis, em maio de 2006



Fotografia 48 - Peixe Gô salgada à venda, na Vila do Acarajó
Fonte: Regina Reis, em maio de 2006

1. Pratiqueira, conhecida por Caíca	10. Cangatã (raro)
2. Cação	11. Peixe pedra
3. Gó (em abundância)	12. Corvina
4. Serra	13. Bandeirada (em abundância)
5. Bagre	14. Gurijuba
6. Canguira	15. Arraia
7. Timbira	16. Parú
8. Uricica (baixo valor comercial)	17. Mero (proibida a pesca)

9. Pacamum (raro)	18. Piramutaba (vem de Belém).
-------------------	--------------------------------

Quadro 11 - Tipos de peixes, à venda, no Ponto do Careca.
 Fonte: Pesquisa de campo realizada no mês de maio /2006.

A viagem para o manguezal, no caminhão, repete-se todos os fins de semana, com exceção dos cinco primeiros dias dos meses de janeiro, fevereiro e março, devido à proibição decretada pelo governo estadual, sob o número 3.181, de 10 de novembro de 1998, que regulamenta a lei do defeso do caranguejo e qualquer caminhão carregado de caranguejos fica proibido de sair nesses dias.

Em compensação, nos bairros e na feira livre de Bragança, sobra caranguejo devido à quantidade capturada ser muito maior que a demanda, pois a proibição é somente para a venda de caranguejos que viajam para fora do município e em Bragança muitos caranguejos morrem por falta de comprador. Nos meses seguintes segue a *normalidade* com a intensa captura.

5.7 SAI CARANGUEJO PRA TUDO QUANTO É CANTO

Daqui de Bragança mesmo que sai pra fora caranguejo são uns dez caminhão tudo cheio, aí sai um pra um canto, sai outro pra outro. (Tirador de Caranguejo, fev/2006).

Os caminhões que viajam para outros municípios com o carregamento de caranguejos são maiores, se comparados com aqueles que levam os *tiradores* para o manguezal, sempre um *Mercedes*. A cobrança de frete fica em torno de R\$ 600,00 a R\$ 700,00 reais por dois dias, caso o caranguejo venha a ser vendido em Belém e outros municípios próximos a Bragança. Mas o que determina o preço do frete e da cambada de caranguejo é a distância das cidades de destino, o tamanho do caranguejo e a falta de caranguejo na cidade a que se destina, pois a escassez dá condições para cobrar até cinco a oito vezes o preço de cada cambada.



Fotografia 49 - Embarque dos caranguejos nos caminhões Mercedes no Ponto do Careca
 Fonte: Regina Reis, em fevereiro de 2006

Os *comerciantes do caminhão*, quando estipulam o preço da cambada de caranguejo, tornam a relação muito mais exploratória, argumentam que o caranguejo é um produto barato e dessa forma não podem pagar mais. Resta ao *tirador* aumentar o ganho através da quantidade de caranguejos capturados.

Os caranguejos pequenos não são recusados pelos comerciantes, mas recebem um preço menor, em relação às cambadas de graúdos, ou com poucos caranguejos pequenos. Nesses casos o preço é maior, a cambada valorizada e o *tirador respeitado*, porque tira caranguejo graúdo.

Esses caranguejos são vendidos em grande quantidade nos fins de semana⁷⁴. O destino são as diversas cidades do estado do Pará e nordeste. Penso que essa prática compromete a relação equilibrada homem-manguezal, estabeleceu-se uma troca negativa que contribui para o desequilíbrio do ecossistema, escassez do caranguejo, em longo prazo, e conseqüentemente o desequilíbrio social, retirando a possibilidade do sustento de milhares de famílias que sobrevivem da atividade que, para alguns, é uma das poucas opções para ganhar dinheiro.

Esses últimos vivem as conseqüências de fatores que contribuem para o processo, como a escassez de terra para cultivo, os entraves burocráticos para aqueles que procuram legalizar seus terrenos e pessoas vindas de fora, ou ainda

⁷⁴ Existem situações em que o caminhão leva os tiradores para o manguezal nas terças e quartas feiras, nos meses de maio e junho, devido às *marezadas* do peixe gó, que, pela abundância, interfere na compra do caranguejo pelos consumidores do município e de outras cidades próximas. Mas nas cidades que ficam distantes de rio e mar a procura pelos caranguejos não é alterada.

alguns funcionários da prefeitura de Bragança à procura de alguma vantagem financeira na compra de terrenos dos *tiradores*, tirando o pouco que lhes resta, explica seu Adão.

Esse terreno era do meu sogro, já morreram debaixo da minha casa [...] e isso aqui teve um remelexo depois que o velho morreu, a terra não tinha documento fomos pra Belém no Interpa peguemos o título de requerer a terra, foi um remelexo naquele tempo foi mil e duzentos para depois ir no Incri foi uma formalidade danada. Tenho um cunhado mais fraco da cabeça e queria vender um pedaço de terra (piçarreira) [...] era um cara da prefeitura que veio comprar [...] nós vamo medir o que é que tem quantas tarefas dá e receber na hora em pedaços não dá [...] e veio o Mizaél que mexe com a caçamba da Prefeitura, queria comprar para nós vender a carrada. Ah! rapaz, nós não vende assim não, sabe por que não vende?, porque todo o negócio com a Prefeitura é enroscado, a gente vai hoje vai amanhã todo serviço da Prefeitura é assim [...] eles têm uma coisa de vim hoje, amanhã e assim eles vão mastigando as pessoas (Adão, Fev/2006).

Dessa forma, o capitalismo expande-se, buscando novas áreas, ainda inexploradas, ou pouco exploradas. Porque, no caso específico das áreas de manguezais de Bragança, algumas já apresentam sinais de saturação devido à busca incessante de acumulação de riqueza material, provocando aumento das desigualdades sociais, criando necessidades materiais cada vez mais difíceis de satisfazer para quem habita nessas regiões (PENNER, 1984).

Os caminhões com o carregamento de caranguejos retornam a partir das 18h30 em direção a Bragança; no retorno recolhem os *tiradores* que escolheram outros furos para o deslocamento. Alguns já aguardam o caminhão desde as 15h00 na pista, esperando o retorno que aconteceu somente às 18h30. Seu Arlindo Eupídio, carpinteiro e atualmente *tirador de caranguejo* de 60 anos, morador do Acarajó, já aguardava o caminhão de retorno há mais de 3 horas.

O caminhão pára na Vila de Bacuriteua em uma casa, próximo à estrada onde um dos *comerciantes do caminhão* já acumulou bastante cambada de caranguejo, até atingir a quantidade desejada. Esse comerciante compra parte do caranguejo dos *tiradores* que viajam de ônibus, bicicleta e dos *tiradores* que aparecerem nos fins de tarde, ou na *boca da noite*.

Outra parte é comprada pelos *marreteiros* que vendem na feira de Bragança. Em parceria com os *organizadores da turma*, os respectivos comerciantes compram também dos *tiradores de caranguejos* que vão de *bote*, de sua propriedade para os manguezais distantes.

Observamos que no caso de um dos *comerciantes do caminhão* não conseguir a quantidade desejada, outros *comerciantes do caminhão* disponibilizam o caranguejo e, quando a quantidade não atingiu a meta desejada, compram, mesmo mais caro de outros *tiradores* de caranguejos para completar a carga, que segundo eles fica em torno de 650 a 2.000 cambadas, em apenas um caminhão.

Em dada ocasião, um dos *comerciantes do caminhão* retornou do manguezal com carregamento de 550 cambadas, mas era preciso completar a carga, para cumprir a *meta* pretendida por ele. Para isso, comprou mais 150 cambadas, no Ponto do Careca, daqueles *tiradores* que chegaram na ocasião, somando 700 cambadas, ou 9.800 unidades de caranguejos.

A venda do caranguejo para fora do município de Bragança nos fins de semana favorece o surgimento de duas categorias de vendedores de caranguejo. Viajam no caminhão para os outros municípios, na maioria jovens e adolescentes, na faixa etária de 16 a 22 anos.

5.8 NOVAS CATEGORIAS DE TRABALHADORES – O TIRADOR/VENDEDOR E O VENDEDOR/NÃO TIRADOR

Essas novas categorias surgiram nos manguezais de Bragança, quando a tiração de caranguejos tornou-se uma atividade exclusivamente mercantil e permanente durante todo o ano na Vila do Acarajó, às sextas e sábados. Verifica-se que alguns *tiradores* de caranguejos e também não *tiradores*, viajam para vender os caranguejos.

A viagem em caminhão nesse caso é feita por parentes e vizinhos do comerciante que *organiza a turma*. Viajam na carroceria dos caminhões junto com os caranguejos, que são simplesmente amontoados dentro dos caminhões, sem um armazenamento especial. Esses jovens sofrem todos os tipos de dificuldades, fazem a viagem, sentados entre os caranguejos, sem poderem se mexer. Se chover, não têm onde se abrigar...

A saída no caminhão para os outros municípios acontece sempre às 22h00 do sábado. O caminhão com caranguejo para o município de Piriá fica sai com 800 a 1.200 cambadas de caranguejo às sextas, e igualmente aos sábados; no caso de cidades como Belém, Marabá e Parauapebas a quantidade fica em torno de 2.000 mil cambadas, ou 28.000 unidades de caranguejos, para cada cidade.

O comerciante do caminhão compra do tirador de caranguejo. NO MÁXIMO	O comerciante do caminhão entrega aos vendedores para ser comercializado nas feiras-livres dos municípios. NA MÉDIA	Margem de lucro do comerciante
R\$ 1,50 a R\$ 2,00 reais a cambada	R\$ 4,00 a R\$ 5,00 reais a cambada SOFRE VARIAÇÕES para mais	R\$1.500,00 a R\$1.800,00 EM APENAS UM DIA – Sexta ou sábado

Quadro 12 - Simulação de compra e venda do caranguejo na região de Bragança
Fonte: pesquisa de campo realizada nos meses de janeiro e fevereiro de 2006.

Não estão incluídos os valores referentes ao frete de peixe, cobrado a R\$ 0,50 centavos o kilo. Geralmente levam 400 kg de peixe, totalizando R\$ 200,00 reais de frete. No retorno, o caminhão volta carregado de madeira e é cobrado o frete de cada pessoa que encomendou a madeira.

Chega a Ourém por volta de 01h00 da manhã. Descem dois vendedores com as respectivas cambadas de caranguejos. Definido o preço, por exemplo, o dono entrega a cambada a R\$ 4,00 reais, o vendedor acrescenta R\$ 1,00 ou R\$ 2,00 reais em cada cambada. Caso não consiga vender pelo preço estipulado, o vendedor *ganha* somente o almoço.

Dois vendedores ficam em frente a um Posto de Saúde local, onde guardam os caranguejos, passam a noite na calçada, ou dentro desse posto. Às 06h30 da manhã, vão até a frente das casas, para vender os caranguejos. Dependendo do movimento comercial, a venda termina às 12h00, ou 13h00 e a opção que eles têm para almoçar é pedir nas residências para alguém cozinhar alguns caranguejos, ou comprar comida pronta. Após a refeição, tomam banho em algum igarapé nas proximidades e andam pelas ruas, à espera do caminhão que retorna por volta das 19h00 do domingo.

Segundo informação, para que o carregamento de caranguejos não seja apreendido pelos policiais nos limites entre os municípios, é doada a cada um deles uma cambada de caranguejos. Para deixar passar o caminhão na barreira (Posto da Polícia Militar do Estado), caso haja cinco policiais, é uma cambada para cada um,

para *agradar* e deixar passar o caminhão, pois este retorna com carregamento de madeira.

Outras formas de pagamento de taxas, referentes a saída com carregamento de caranguejo é verificada, através de órgão do Governo do Estado do Pará que através da Lei 6.713, de 25 de janeiro de 2005 criou a Agência de Defesa Agropecuária do Estado – ADEPARÁ. Em Bragança funciona através da Portaria 094/2005, que definiu a cobrança de R\$ 20,00 reais o milheiro de qualquer animal vivo, inclusive o caranguejo.

Portanto a partir de janeiro de 2006, o comerciante que deseja vender o caranguejo fora do município de Bragança deve dirigir-se à Agência, para emissão da documentação e pagar a taxa correspondente à quantidade de caranguejos. A esses pagamentos de taxa e procedimentos burocráticos o Estado, através da referida agência, chama de *educação* e para os *menos educados* existe uma tolerância para o pagamento, caso algum caminhão não apresente a documentação exigida. A preocupação do órgão, segundo o médico veterinário que me atendeu na ocasião, é somente com a cobrança da taxa e não em relação à quantidade de caranguejos capturados o que denota completo desinteresse quanto à intensa captura e suas funestas conseqüências para o ecossistema da região de Bragança.

Em relação ao Ibama, órgão a quem cabe cadastrar, licenciar, além de fiscalizar e disciplinar as atividades de exploração dos recursos naturais, visando a sua conservação e desenvolvimento, não basta apenas fiscalizar eventualmente e tomar medidas proibitivas, como por exemplo, a apreensão de carga de mil e oitocentas unidades de caranguejos, que corresponde a menos de 100 cambadas. Sob o título “Caranguejos são apreendidos: Ibama apreende 1.800 caranguejos”, capturados no período do defeso e noticiado nos veículos de comunicação de Belém no dia 03 de fevereiro de 2006 e 11 de janeiro de 2007.

Ibama apreende 1,8 mil caranguejos

Em operação realizada na madrugada de ontem, fiscais do Ibama apreenderam 1.800 caranguejos vivos que estavam sendo vendidos nas feiras do Estrutramento e do JardimTianda. Os crustáceos foram

capturados no período de defeso da espécie, que termina na próxima segunda-feira. Até este dia somente será permitida a comercialização de caranguejos capturados antes do defeso. Metrôpolis, 2.



A apreensão faz parte de uma operação iniciada ontem em todo Estado

Ilustração 1 - Ibama apreende 1,8 mil caranguejos
Fonte: Jornal Amazônia, dia 03 de fevereiro de 2006

REUNIÃO >> Encontro visa garantir preservação e aumento da produção

Jornal "o Diário do Pará" 11-01-2007

Ibama debate defeso do caranguejo em Belém

Luiz Fátima

O Ibama reuniu a partir das 10h da tarde na sede do órgão em Belém, com várias associações e representações de pescadores artesanais e produtores de caranguejo para debater a proposta nº 34, que trata da regulamentação da captura de crustáceos e da Instrução Normativa nº 1, de 10/12/06, que trata do período de defeso da espécie. Também será discutido se que comecem as feiras pagamentas de venda de caranguejo vivo.

De acordo com a assessoria ambiental do Ibama, Alairton Nêto, a coleta proibida de caranguejo vem afetando os fazendeiros e a atividade de comercialização de crustáceos vivos, gerando a falta de

previsão a não somente ao preço. Uma justificativa para a proibição da comercialização é a redução da produção de caranguejo vivo, que não pode ser armazenado por um longo período de tempo. Isso não faz do defeso uma medida de preservação da espécie, afirma o analista.

De acordo com a Instrução Normativa nº 1, de 10 de Dezembro de 2006, do Ibama, será proibida a captura, transporte, beneficiamento, industrialização, armazenamento e comercialização de quaisquer indivíduos de Caranguejo-de-água-doce (Decapoda: Stomatopoda) vivo, que não tenham sido previamente avaliados, bem como as partes isoladas (patas, pinças, pedúnculo gurnel, antenas etc.) Para, durante a época de "abafada" em 2007, as seguintes portarias do IBAMA nº 22 e 23/01 de 13 e 23/01, e de 21 e 25/01. A "abafada" é o período igual a 30 dias em que os caranguejos

maiores e menores são de mais qualidade (tamanho) e podem ser armazenados, para posteriormente serem liberados de novo.

De acordo com a Instrução, os pescadores artesanais ou produtores de caranguejo em Belém, com o objetivo de evitar a perda de renda, devem aguardar até o período de defeso para comercializar os crustáceos vivos. Isso pode ser feito em feiras pagamentas, onde os caranguejos são vendidos por um valor fixo, independentemente do peso e da qualidade do produto.

De acordo com a Instrução, a comercialização de caranguejos vivos deve ser feita em feiras pagamentas, onde os caranguejos são vendidos por um valor fixo, independentemente do peso e da qualidade do produto.

De acordo com a Instrução, a comercialização de caranguejos vivos deve ser feita em feiras pagamentas, onde os caranguejos são vendidos por um valor fixo, independentemente do peso e da qualidade do produto.

ANDADA

Período reprodutivo em sua maioria é durante os meses de verão, quando os caranguejos são capturados e comercializados.

Ilustração 2 - Ibama debate defeso do caranguejo em Belém
Fonte: Jornal "o Diário do Pará", dia 11 de Janeiro de 2007

Essa quantidade pode ser considerada pouco representativa, se comparada com a quantidade de caranguejos retirada dos manguezais somente na região de Bragança, em um trecho que compreende a rodovia PA458 com 36 km de extensão. Fazem-se necessárias tomadas de decisões concretas, eficazes e

substanciais, no sentido de diminuir a retirada de quantidade intensiva de caranguejos dos manguezais.

O caranguejo tem grande aceitação no mercado e possibilita alta rentabilidade para os comerciantes do caminhão. Na expectativa de tornarem-se comerciantes, reafirmo que muitos *tiradores de caranguejos* da Vila do Acarajó alimentam o sonho de um dia adquirir um caminhão, para vender o caranguejo fora do município de Bragança e criar possibilidades de ganho real e ascensão social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para construção desta investigação, a inspiração partiu do estudo sobre o volante, ou bóia-fria, feito por D' Incao (1974). O objetivo foi verificar quais as categorias encontradas naquele estudo que se aproximavam, ou se distanciavam dos tiradores de caranguejos, no contexto pesquisado.

Nesta dissertação descrevo e analiso a organização dos tiradores de caranguejos nos fins de semana, a partir da hipótese de que os tiradores de caranguejos exercem a atividade como uma das poucas opções que resta a um grupo de pessoas impossibilitadas de adquirir materiais para a prática da pesca e roça. Assim, o manguezal tido como bem comum onde os tiradores alocam sua força de trabalho disponível, até pelo fato de a política pecuária inviabiliza a possibilidade de aquisição de *mato* para o cultivo.

Para refutar, ou confirmar a hipótese foi necessário, observar, descrever e participar das atividades que os tiradores desenvolviam durante a semana, o que nos permitiu ver que, para compreender a organização dos tiradores de caranguejos nos fins de semana, deveríamos considerar dois pontos fundamentais: em primeiro lugar, considerar a construção (1983) da rodovia PA 458 que liga a cidade de Bragança à praia de Ajuruteua, construída com o objetivo de desenvolver as potencialidades turísticas da região através de suas belas praias, mesmo que causasse danos ao ecossistema manguezal. Em segundo lugar, devemos considerar o sistema de parentesco da Vila do Acarajó, entre o *organizador da turma* e os *tiradores de caranguejos*.

A construção da estrada facilitou o surgimento de grupos de tiradores de caranguejos organizados em turmas que, nos fins de semana, deslocam-se em caminhões para tirar a maior quantidade possível de caranguejos, a fim de atender o mercado externo, incluindo algumas cidades do nordeste do País. Por outro lado à construção da estrada encurtou o tempo entre os manguezais e as residências dos tiradores diminuindo significativamente as horas que envolvem a atividade. Pois, segundo eles, passavam até três dias fora de casa, dormiam em canoas de forma bastante desconfortável. Essa construção viabilizou também o aumento da quantidade de tiradores e comerciantes envolvidos na compra e venda de caranguejos. E assim para os tiradores que utilizam a estrada para escoar os caranguejos dizem que *se melhora por um lado, piora por outro*.

O sistema de parentesco, configurado em longo prazo entre o *organizador da turma* e os *tiradores de caranguejos* evidencia uma relação que não é igual à do sistema de mercado monetário, que estabelece uma relação impessoal de compra e venda entre “patrão” e “freguês”, nem se esgota em uma simples relação comercial, pelo contrário. O organizador da turma é primo, tio, sobrinho e cunhado que ajuda os tiradores, na maioria seus parentes consangüíneos, aviando-os em suas tabernas, fornecendo a *despesinha do mangal* e trazendo madeira por um preço inferior, para construção de casas. Essa “ajuda” é fundamental para a manutenção da atividade, pois os tiradores não estão presos a uma lógica de exploração material apenas, o pagamento da dívida é moral.

Reafirmo que as relações de parentesco facilitam a regularidade nos fins de semana, pois para o *organizador da turma* é sempre importante contar com os parentes, para garantir a alta rentabilidade que a venda do caranguejo proporciona aos *comerciantes do caminhão*.

A tiração de caranguejo constitui atividade extrativa, em que o tirador “tira” (extrai, captura) diretamente da natureza o maior número possível de caranguejos que irá trocar com dinheiro, elemento de troca bastante valorizado na compra e venda dos caranguejos.

Verificou-se que a tiração de caranguejos é exclusiva somente as sextas e sábados. Considerados como “monovalentes”, no sentido empregado por Furtado (1993), os tiradores ficam impossibilitados de exercer outras atividades como plantio, colheita, pesca, pequenos consertos e construção de casas dentre outras, nesses dois dias.

Por outro lado, alguns agricultores são *tiradores de caranguejos* somente às sextas e sábados. Viajam nos caminhões, vendem os caranguejos para os comerciantes, argumentam que trabalham na roça durante a semana e só vão para o *mangal* quando querem um dinheiro extra. Outros vão todos os dias, porque, ainda que não tirem bastante caranguejo, estão com os companheiros, para se divertir, conversar e trocar experiências.

Verificou-se também que a organização da atividade nos fins de semana é composta somente por homens adultos que têm bastante experiência na atividade. É facultada a participação de mulheres e crianças nos caminhões, pois os manguezais considerados distantes das residências, somente os homens podem frequentar.

A tiração de caranguejos historicamente constitui-se uma atividade coletiva e os *tiradores de caranguejos* sempre se deslocaram para os manguezais em grupos, principalmente se o acesso for à canoa, viajam até oito tiradores. No entanto observa-se que alguns tiradores mesmo que se desloquem em grupos, nos caminhões, até os furos dos rios, adentram os manguezais sozinhos, pois alguns afirmam que preferem trabalhar a sós porque é muito tirador e se todos permanecerem nesses mesmos *pontos*, fica *todo revirado*. Outros mostram a vantagem de estar só e não ter que dividir o ponto com outros tiradores, pois assim evitam andar para procurar outro ponto que tenha quantidade suficiente para fazerem dez ou vinte cambadas.

O comportamento dos tiradores que tiram caranguejos sozinhos é característica dos que não acreditam na punição das entidades sobrenaturais ou encantados que eles denominam de visagens, pois eles argumentam que não são *homens de ver marmota e não acreditam em bobagens*.

Por outro lado, muitos tiradores argumentam que essas visagens existem, fato comprovado por vários companheiros que não adentram os manguezais todos os dias. Viajam em dias alternados, como forma de evitar qualquer punição e alguns leva dentes de alho para se prevenir de algum ataque.

É interessante destacar a manutenção da autonomia dos tiradores de caranguejos, seja em relação à escolha dos pontos ou em relação de venda de caranguejos que se estabelece durante a semana, pois vendem para quantos marreteiros desejarem, basta se encontrar no ponto de venda que geralmente é na saída do manguezal ou no Ponto do Careca. Aqueles que viajam nos caminhões possuem autonomia relativa, escolhem os pontos, mas ficam certos de que a venda dos caranguejos só pode ser feito para o *comerciante do caminhão que financiou a viagem*. Mas não são obrigados a viajar no caminhão todas as sextas e sábados.

Alguns tiradores optam por viajar nos ônibus circular para conseguir um preço melhor na venda dos caranguejos. Para os solteiros perderem o caminhão é deixar de ir para as festas.

A atividade de tiração de caranguejos enquanto produto mercadológico tem sido preocupação de estudiosos de várias áreas do conhecimento que têm suscitado vários debates sobre o caráter predatório das ações dos tiradores de caranguejos e o conseqüente desequilíbrio social e biológico do ecossistema

manguezal com a intensa captura dos caranguejos, que inclui o corte da vegetação para diversas finalidades inclusive para amarrar as cambadas de caranguejos.

Nesse sentido surgem vários projetos de pesquisa e uma vez colocados em prática buscam formas mais adequadas à diminuição das ações predatórias por parte dos tiradores, dependentes diretos dos recursos da natureza. Ações punitivas e operações de apreensão de grandes quantidades de caranguejos no período do defeso e diversos debates sobre a regulamentação da captura feitos pelo o Ibama são manchetes de jornais e noticiário de televisão. Reservas extrativistas são criadas, mas eu pergunto: Porque a intensa captura continua? A criação do seguro defeso resolveria o problema? Porque a lei que regulamenta o defeso não é suficiente para coibir as ações predatórias, comprovadas *in loco*?

A preocupação com os estoques de caranguejos, o desrespeito ao ciclo biológico da espécie, a retirada das fêmeas são assuntos que estão presentes nos discursos dos mais experientes. Responsabilizam os jovens (solteiros) pela a falta de cuidado com o manguezal, mas os jovens, em maioria, não têm a responsabilidade em garantir o sustento da família e geralmente se deslocam, para o manguezal somente nos fins de semana, que eles denominam de *principal*. E durante a semana?

Seriam eles os responsáveis pela a “tiração” dos caranguejos pequenos? Reafirmo a existência de caranguejos pequenos em todas as cambadas de caranguejos na feira-livre de Bragança e pontos de venda da cidade, na Vila do Acarajó, seja pela ocasião do festival do caranguejo ou em Belém em qualquer quantidade vendida.

Com isso deduz-se que todos os tiradores que freqüentam os manguezais de Bragança incluem nas cambadas três a quatro caranguejos *miudinhos*. Criou-se uma cultura do caranguejo pequeno?

Se o tirador de caranguejo, do ponto de vista do capitalismo, é considerado o mais “pobre” da população rural costeira, e o caranguejo exerce uma importante função no alívio da pobreza. Porque não incluir de forma concreta nas políticas públicas a riqueza cultural (o conhecimento sobre o ecossistema) dos tiradores de caranguejos, características de quem vivem na região Amazônica, seja de adaptação, integração, criação e recriação onde as relações econômicas não estão desvinculadas das relações religiosas, políticas e de parentesco, vistas como

atrasadas. Mas de qualquer forma os tiradores de caranguejos querem também a modernização que a cultura capitalista possibilita.

Pois a lógica do sistema capitalista que dissocia, compartimentaliza segrega e que prioriza as relações materiais típica das sociedades burguesas, são verificadas na Vila do Acarajó de forma combinada com múltiplas relações sociais características das sociedades primitivas. Pois a racionalidade econômica que visa o lucro se move junto com a produção de símbolos.

A hipótese foi confirmada em parte, pois a capacidade de criação e recriação do tirador que tem no manguezal uma das poucas opções de ganhar dinheiro é inesgotável. Para tal utilizam a estratégia de trazer parentes aposentados para morar em suas residências e ter garantido, no final de cada mês, o dinheiro que cabe a aposentadoria dos parentes. Caso o caranguejo acabe.

Por outro lado, a extensão dos quintais e terrenos onde moram os tiradores possibilita o cultivo de frutas, animais domésticos, hortas, além do privilégio de situarem-se às proximidades dos rios, igarapés e manguezais, o que facilita a pesca e a extração dos crustáceos e moluscos necessários para sua subsistência. Os tiradores não vivenciam um modo de vida urbano, apesar de alguns esperarem que isso um dia aconteça.

Visualizando a estrutura da organização dos tiradores de caranguejos nos fins de semana, a constituição de novos personagens envolvidos neste processo foi analisada nesta dissertação. São os *tiradores* que viajam no caminhão, mesmo que o pagamento por cambada seja diminuto, mas fica a satisfação de ajuda e segurança, além da garantia de ter dinheiro todos os fins de semana. Para os *comerciantes do caminhão* e somente para eles fica a rentabilidade, o lucro dividido com o *organizador da turma* de tiradores nas sextas-feiras. Aos sábados viajam para cidades diferentes para a venda dos caranguejos.

O *organizador* é um dos elementos fundamentais para que seja possível a retirada de milhares de unidades de caranguejos dos manguezais de Bragança nos fins de semana; os *tiradores*, possuidores de um vasto conhecimento do ecossistema potencializam o sucesso.

A distribuição dos caranguejos é feita em várias cidades dos estados do Pará e Maranhão, nos pontos de venda específicos, pois o embarque e viagem dos caranguejos nos caminhões são feitos juntamente com os vendedores que não são tiradores, geralmente jovens adolescentes.

Surgem, assim, novas categorias de trabalhadores relacionados à organização, tiração e a venda de caranguejos nos fins de semana: TIRADOR/VENDEDOR e VENDEDOR NÃO TIRADOR.

Essas categorias de trabalhadores são responsáveis pela distribuição dos caranguejos nas feiras-livres da capital e pontos espalhados nas cidades de destino, onde cada vendedor é responsável por 50 a 60 cambadas para a venda. Em Belém, especificamente, são distribuídos nas feiras-livres durante a madrugada de sábado e pela manhã de domingo.

O retorno para Bragança, no caminhão, tem a cidade de Marituba como local de encontro (depois da barreira da Polícia Federal), para se reunirem e viajar domingo à noite para Bragança. Na semana seguinte a cidade volta a ser abastecida de caranguejos, durante todo o ano.

A partir dos resultados deste estudo vem surgindo questões, a ser tratada posteriormente, envolvida na temática sobre desenvolvimento social e cultural e conservação dos recursos aquáticos, com a seguinte indagação: Quais os problemas e potencialidades na relação desenvolvimento, modernização e a conservação dos ecossistemas, considerados um importante aspecto a atrair empreendimentos turísticos?

Estudos sobre a exploração dos recursos dos manguezais, considerando as áreas de reservas extrativistas, enfatizando o conhecimento dos personagens envolvidos no processo, como os tiradores de caranguejos, pescadores e agricultores, fazem-se necessários, em futuros trabalhos acadêmicos.

Essas populações são romanticamente percebidas como praticantes de atividades de baixo impacto no ambiente e por isso paradigmática na organização de uma economia que corresponde às diretrizes do chamado desenvolvimento sustentável na Amazônia, com seus três pilares: desenvolvimento econômico, sociocultural e ecológico de forma equilibrada e combinada com a diversidade do conhecimento das populações sobre os diversos ambientes explorados. Há que considerar a sua vulnerabilidade social e política.

Para finalizar apresento no quadro abaixo uma síntese de algumas especificidades, primeiramente a trabalho Volante que serviu de inspiração para esta dissertação e do sistema vigente na Vila do Acarajó em Bragança.

Volante ou bóias-fria na agricultura paulista.	Organização dos tiradores de caranguejo.
<p>Condição de trabalhador rural que foi posseiro, colono, arrendatário, parceiro, sitiante substituída por VOLANTE, têm vários patrões, são contratados por safra que na verdade encobre a relação de um trabalho permanente. Sem instabilidade de emprego são contratados eventualmente na maioria migrantes rurais desempregados que vivem na cidade em condições precárias e miseráveis. Realizam qualquer tarefa que encontram.</p> <p>Levam marmita e comem a comida fria, trabalham o dia inteiro por tarefa, são transportados em caminhões, o motorista recebe por viagem ou por “cabeça”. Um fiscal controla o comportamento para garantir a produção e evitar acidentes.</p> <p>Nos caminhões o pessoal é distribuído por sexo: As mulheres vão do meio para frente, os homens do meio para trás. Os pontos de saída são distribuídos pelos bairros da periferia das cidades. Ficam sempre defronte de um empório ou boteco. O pagamento é por produção feita no sábado descontando o vale que foi feito durante a semana. A jornada é imposta de 10 a 12 horas com um intervalo de 30 minutos para o almoço. O “gato” que arregimenta a turma é homem de confiança do patrão, responsável por todo o trabalho inclusive o pagamento.</p>	<p>Condição do trabalhador rural que é pequeno agricultor que combina roça, pesca e tiração de caranguejos durante a semana de segundas a quintas feira. Os tiradores de caranguejos têm vários patrões durante a semana, mas nos fins de semana somente o patrão do caminhão, contratados verbalmente todas as às sextas e sábados durante todo o ano. Nunca foram empregados formalmente, exploram os diversos recursos naturais em uma relação direta extraindo suas necessidades matérias ao mesmo tempo em que buscam explicações simbólicas. Não são migrantes e vivem em vilas nas proximidades das cidades, levam água e farinha e pescam alguns peixes para a refeição. Os tiradores são transportados em caminhões fretados, o motorista ganha por viagem. O organizador da turma de tiradores deixa-os onde decidem fica é responsável pela a viagem e pagamento feito na hora, mas o comerciante do caminhão que fornece o vale. Os pontos de saída é em frente a casa do organizador e na passagem do caminhão ainda na vila e em frente o ponto de vários comércio, conhecido como o ponto do careca Nos caminhões somente viajam homens adultos, é facultado a participação de mulheres e crianças. O organizador (“gato”) é parente da maioria dos tiradores que viajam no caminhão.</p>

Quadro 13 - Comparação entre volante ou bóias-frias na agricultura e a organização dos tiradores de caranguejo

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

ALVES, A. **Os Argonautas do Mangue**. Precedido de Balinese Character (Re) visitado por Etienne Samain. Editora da Unicamp, São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

ALVES, E. P. **Do Mangue a Casa**: família e trabalho na economia do caranguejo. Dissertação de Mestrado, 2003. Universidade Federal do Pará, Belém.

ARAMBURU, M. **Aviamento, Modernidade e Pós-modernidade no interior amazônico**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais nº 25, ano 9, junho de 1994.

BASTOS, M. N. **A Importância das Formações Vegetais da Restinga e do Manguezal para as Comunidades Pesqueiras**. Boletim do Museu Emílio Goeldi – Deptº de Botânica, Série Antropologia, nº 01, vol 11, 1995.

BELSHAW, Caryl. S. **Troca Tradicional e Mercado Moderno**: modernização de sociedades tradicionais. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

BEMERGUY, A. **A Coleta de Caranguejos em Camará e Marudá – Município de Marapanim**: um exercício etnográfico. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC em História, CFCH / UFPA, 1992.

BERGER, Peter. L. Os Fundamentos do Conhecimento na Vida Cotidiana: In. **A Construção Social da Realidade**: tratado de sociologia do conhecimento, Petrópolis, vozes, 1985.

BLANDTT, L. **Trabalho Infante – Juvenil no Uso do Manguezal e a Educação Fundamental**, Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Sustentável do Núcleo de Estudos Integrados Sobre Agricultura Familiar. UFPA, Belém, 2002.

BRABO, M. J. C. **Palmiteiros de Muaná**: estudo sobre o processo de produção no beneficiamento do açazeiro. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série Antropologia, nº 77, 1981.

CÂNDIDO Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito** (estudos sobre o caipira paulista e a transformações de seus meios de vida). São Paulo: Liv. Duas Cidades, 1971.

Caranguejos São Apreendidos: Ibama Apreende 1.8 mil Caranguejos. **Amazônia**, 03 fev. 2006, Metrópole.

CARDOSO, D. M. **Mulheres Catadoras**: uma abordagem antropológica sobre a produção de massa de caranguejo – Guarajubal – Pará, Dissertação de Mestrado em Antropologia, UFPA, 2000, Belém – Pará.

CARDOSO de OLIVEIRA, Roberto. **O Trabalho do Antropólogo**: olhar, ouvir, escrever. Revista de Antropologia, vol. 39 nº 1, p. 39-67. 1996.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 2. morar, cozinhar**, Luce Giard, Pierre Mayol: tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth – Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: **A Experiência Etnográfica**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p. 17-62, 1998.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à Antropologia Social – Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DAWSEY, John Cowart. **“Caindo na Cana” com Marilyn Monroe**: Tempo, espaço e “bóias-frias”. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 1997, v.40 nº 1.

DIEGUES, Antonio Carlos. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo, NAPAUB, Universidade de São Paulo, 1994.

_____. **Povos e Águas**: Inventário de Áreas Úmidas Brasileiras. São Paulo. Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2002.

D'INCAO, M. C. **Bóia-fria: Acumulação e Miséria**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

DURHAN, Eunice. R. **A Caminho da Cidade: A vida rural e a migração para São Paulo**. Editora Perspectiva, Coleção debates, 1973.

DRUDE, R. H. **Tiradores de Caranguejo: o trabalho sacrificoso no manguezal, Acarajó, PA, Curso de Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável**, UFPA, Belém, 2003.

_____. A mulher e as relações de gênero em comunidades pesqueiras: o caso de Acarajó (Bragança, Pará). In: **Gente, Ambiente e Pesquisa**: manejo transdisciplinar no manguezal, Marion Glaser, Neila Cabral e Adagenor Lobato Ribeiro; Organizadores – Belém: NUMA /UFPA, 2005.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: Uma História dos Costumes, vol I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade, Rio de Janeiro, Jorge Zahar. Ed. 2000

EMMI, M. Da Extração “Livre” ao Aviamento: In. **A Oligarquia do Tocantins e o Domínio dos Castanhais**, Belém, UFPA /NAEA, 1999.

ESTERCI, Neide. **Escravos da Desigualdade**: estudo sobre o uso repressivo da força de trabalho hoje / Rio de Janeiro: CEDI: Koinonia, 1994.

_____. A Ilusão do Trabalho Livre: In. **Fazendo Antropologia no Brasil**. Neide Esterci, Peter Fry e Mirian Goldenberg (organizadores). – Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

EVANS-PRITCHARD, E. **Os Nuer**. São Paulo: Editora Perspectiva/Estudo, 1978.

FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA DO ESTADO DE GOIÁS (FETAEG): **O Bóia-Fria no Estado de Goiás**.

FERNANDES, F. **Organização Social dos Tupinambá**. São Paulo: Hucitec, 1989.

FERREIRA, Paulo Roberto. **Saldo do Caranguejo-uçá**. Em pauta: Revista Agroamazônia, Pará, nº 11, p. 10-15, 2003.

FIGUEIRA, Eleonora. M. M. **Resistência e Permanência das Comunidades na Atividade de Extração de Óleo de Andiroba**: O caso da ilha de Juba, em Cameté – Pará. Dissertação de mestrado em Sociologia, Universidade Federal do Pará, 2005.

FIRTH, Raymond. **Elementos de Organização Social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

FORLINE, Louis & FURTADO, Lourdes. **Novas reflexões para o estudo das populações Tradicionais na Amazônia**: por uma revisão de conceitos e agendas estratégicas. Belém: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia, vol. 18 (2), 2002.

FURTADO, L.G. **Currallistas e Redeiros de Marudá**: Pescadores do litoral do Pará. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 1987.

_____. **Pescadores do Rio Amazonas**: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

_____. Ocupação humana no litoral amazônico: **Ecosistemas Costeiros: Impactos e Gestão Ambiental**, organizadores Maria Thereza R. C. Prost e Amílcar Mendes -Belém: Museu paraense Emílio Goeldi, 2001.

_____. **Pesca Artesanal: um delineamento de sua história no Pará**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série Antropologia, nº 79, Belém, 1981.

_____. Problemas Ambientais e Pesca Tradicional na Qualidade de vida na Amazônia. In: **Amazônia, desenvolvimento, sociodiversidade e qualidade de vida**. Org. Furtado. L.G. Belém: UFPA. NUMA, 1997.

FRANCE, Claudine de. Técnicas Corporais. In: **Cinema e Antropologia**. Tradução: Március Freire - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens** – um estudo da vida religiosa de Ita, Amazonas. Brasiliense, volume 284. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

GEERTZ, Clifford. Do Ponto de Vista dos Nativos: a natureza do entendimento antropológico. In: **O Saber Local**, novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, Vozes, 1998.

GODELIER, M. **Racionalidade e Irracionalidade na Economia**, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, s.d.

_____. **Grandes Cientistas Sociais**, Organizador: Edgar de Assis Carvalho, Coordenador: Florestan Fernandes, Editora Ática, 1981.

_____. Antropologia Econômica. In: COPANS, J. **Antropologia Ciência das Sociedades primitivas?** Perspectiva do Homem edições 70, 1974.

GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, editora Record, 2004.

GONZALES & BASTOS. ÉLBIO N. Maria Inês. O trabalho volante na agricultura brasileira. In: **A Mão-De-Obra Volante na Agricultura**, org. Departamento de Economia Rural da Faculdade de Ciências Agrônômicas de Botucatu, UNESP, s/d.

HERSKOVITS, Melville. A Tecnologia e a Utilização dos Recursos Naturais. In: **Antropologia Cultural – Man and Hiasworks**. São Paulo: Editora mestre Jon, 1963.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, Censo de 1996 e 2000.

LACERDA, Luiz Drude. Os Manguezais do Brasil. In: Org: Vannucci, Marta; **Os Manguezais e Nós**, Edusp. CNPq, 2002.

LEITÃO, Wilma. M. **Pesca e Políticas Públicas**, Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Antropologia, vol 11 (2), Dezembro de 1995.

_____. **O Pescador Mesmo**: um estudo sobre o pescador e as políticas de desenvolvimento da pesca no Brasil, Dissertação de Mestrado em Antropologia – Belém, 1997.

LEMONNIER, P. **Elements for an Anthropology of Technology**. Ann Arbor, Michigan, 1992.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Olhar Distanciado**, Lisboa: Edições 70, 1986.

LOUREIRO. V. R. **Os Parceiros do Mar**: natureza e conflito social na pesca da Amazônia. Belém: CNPq / MPEG, 1985.

Luiz Flávio. Ibama debate defeso do caranguejo em Belém. **O Diário do Pará**, Belém, 11 jan. 2007, Regional A – 9.

MALDONADO, S. C. **Pescadores do Mar**, Editores Àtica, Série Princípios, SP, 1986.

_____. **Mestres & Mares: Espaço e Indivisão na Pesca Marítima**, São Paulo, AnnaBlume, 1993 (série universidade)

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: Tema, objeto e método desta pesquisa. In: **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. Rio de Janeiro: Editora Abril, 1978.

MANESCHY, M. C. **Ajuruteua: Uma Comunidade Pesqueira Ameaçada**. Belém, Universidade Federal do Pará, 1993.

_____. Pescadores nos Manguezais: Estratégias Técnicas e Relações Sociais de Produção na Captura de Caranguejo. In: **Povos das Águas: Realidade e Perspectivas na Amazônia**, orgs: Lourdes G. Furtado, Wilma Leitão e Alex Fiúza, MPEG, Belém-Pará, 1993.

_____. Múltiplas Atividades Femininas nas Estratégias de Reprodução Social de Famílias de Pescadores. In: JACKON, Maria José (org). **Sociologia na Amazônia: debates teóricos e experiência de pesquisa**. Belém, Pará: Universidade Federal do Pará, 2001^a. (165 – 196).

_____. Trabalhadores e Trabalhadoras nos manguezais. In: **Os Manguezais da Costa Brasileira**. Vol.II / Organizado por Marcus E. B. Fernandes. Maranhão: Fundação Rio Bacanga, 2003.

MARION, Glaser & DIELE, Karen. Resultados assimétricos: avaliando aspectos centrais da sustentabilidade biológica, econômica e social da pesca de caranguejo, *Ucides cordatus* (Ocypodidae). In: **Gente, Ambiente e Pesquisa: manejo transdisciplinar no manguezal**, Marion Glaser, Neila Cabral e Adagenor Lobato Ribeiro; Organizadores – Belém: NUMA /UFPA, 2005.

_____. Inter-relações entre o ecossistema manguezal, a economia local e a sustentabilidade social no estuário do Caeté, Norte do Brasil. In: **Gente, Ambiente e Pesquisa: manejo transdisciplinar no manguezal**, Marion Glaser, Neila Cabral e Adagenor Lobato Ribeiro; Organizadores – Belém: NUMA /UFPA, 2005.

MARX, K & ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**, revisão de Maria Clara de Faria, Joaquim José de Faria e Oswaldo de Faria, Ed. Moraes Ltda, São Paulo, 1984.

_____. Trabalho Alienado e Superação Positiva da Auto – Alienação Humana. In: **K. Marx, F. Engels**: História, (Org). Florestan Fernandes, São Paulo, Ática, 1984.

MAUÉS, R. H. **Origens Históricas da Cidade de Bragança**. Separatas da Revista de História nº 72, São Paulo, 1967.

_____. **A Ilha Encantada**: medicina e Xamanismo numa Comunidade de Pescadores. Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Belém, NAEA/UFPB, 1990.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: **Sociologia e Antropologia**, vol II, São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

_____. Noção de Técnica Corporal. In: **Sociologia e Antropologia**, vol II, São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

NASCIMENTO, A. G. **Inventário Cultural e Turístico da Bragantina**, Aldenor Gonçalves do Nascimento, João de Jesus Paes Loureiro, 2ª ed. Belém: Instituto do Desenvolvimento Econômico-Social do Pará, IDESP, 1987.

NASCIMENTO, I. **Homens e Peixes**: O tempo da pesca artesanal, dissertação de mestrado em Antropologia, Universidade Federal da Paraíba UFPB, João Pessoa, 1995.

_____. **Tempo da Natureza e Tempo do Relógio** – tradição e mudança em uma comunidade pesqueira. Belém: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, vol. 11 (1), 1995.

NOVELLI, Iara Schaeffer. **Manguezal: ecossistema entre a terra e o mar** Caribbean Ecological Research. São Paulo, 1995.

OLIVEIRA, A. E. Ocupação Humana. In: **Amazônia: Desenvolvimento, Integração e Ecologia**, São Paulo, Brasiliense - CNPq, 1983.

PEIRANO, Mariza. G. S. **A Favor da Etnografia**. Rio de Janeiro, Relume – Dumará, p. 31 – 57, 1995.

PENNER, Maria. E. S. **A Dialética da Atividade Pesqueira no Nordeste Amazônico**. Belém, Editora da UFPA, 1984.

POLANYI, Karl. **A Grande Transformação**: as origens de nossa época, Rio de Janeiro, Ed. Campus, 2000.

QUARESMA, H. D. **O Desencanto da Princesa**: pescadores tradicionais e turismo na área de proteção ambiental de Algodual / Maiandeuá. Dissertação de Mestrado, UFPA/NAEA, Belém, 2000.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Campesinato Brasileiro**: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil. Petrópolis, vozes, 1976.

_____. **Variações Sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva**. SP: T. A. Queiroz, 1991.

REIS, Maria Regina Ribeiro. **Levantamento Histórico do Uso Social dos Manguezais no Litoral de Bragança no Período Colonial**, Relatório final de Bolsista, MPEG –CNPq, Belém – Pará, 1998.

_____. **“Ele é Quase Caranguejo”**: um estudo etnográfico da organização social dos tiradores de caranguejo e a comercialização nos fins de semana, em Bragança-Pará (Vila do Acarajó). Exame de Qualificação de Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará, Abril de 2006.

REBELO, Flávia. C. **Cartilha do Mangue**. Universidade Federal do Maranhão (laboratório de hidrobiologia), São Luís – MA, 1988.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e Razão Prática**. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979.

SANTANA, G. **Descrição e Análise das Técnicas, Usos e Beneficiamento dos Produtos dos Manguezais**. MADAM, Relatório Final de Pesquisa, Inédito, 1998.

SANTOS, C. **Caranguejo: uma questão de sobrevivência na comunidade do Acarajó em Bragança - Pará**, monografia de especialização UFPA/ NUMA - 1996.

SANTOS, Roberto. Araújo. Sistema do “aviamento” e Formação do excedente na economia gomífera. In: **História Econômica da Amazônia: 1800 – 1920**. São Paulo, 1980, biblioteca básica de ciências sociais, série 1.

SENA, C. MELLO, C. F, FURTADO. L.G. Impactos Naturais e Antrópicos em Manguezais Nordeste do Pará. In: **Gente e Ambiente**. Orgs: Lourdes Gonçalves Furtado, MPEG, 2000.

SILVEIRA, I. M. **Formas de Aviamento Num Povoado Pesqueiro da Amazônia**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém - Pará, 1979.

SIMÕES, M. F. **Coletores e Pescadores Ceramistas do Litoral do Salgado (Pará)**. Nota preliminar: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, nova série antropologia, (78), 1981.

SOUSA, Isabel. S. **Aviamento e Reciprocidade**: estudo da vila de pescadores Apeú Salvador – Viseu, Dissertação de mestrado em Antropologia, UFPA, 2000.

SOUZA FILHO, Impactos Naturais e Antrópicos na Planície Costeira de Bragança (NE do Pará). In: **Ecosistemas Costeiros: Impactos e Gestão Ambiental**, organizado por Maria Thereza R.C. Prost e Amílcar Mendes, 2001, Museu Paraense Emílio Goeldi.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. A Aventura Sociológica na Contemporaneidade. In. ADORNO, Sérgio (Org). **A Sociologia entre a Modernidade e a Contemporaneidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Sociedade Brasileira de sociologia, 1995.

THOMPSON, E. P. **Tiempo, disciplina de trabajo y capitalismo industrial**. Barcelona: Editora Crítica, 1984.

TRAVASSOS, Sonia. D. Fotografia e construção etnográfica. In: **Cadernos de Antropologia e Imagem** numero 3. construção e análise de imagens. Rio de Janeiro, UERJ, 1996.

VANDENBERGHE, Frédéric. **As Sociologias de Georg Simmel**, Bauru, SP: EDUSC: Belém: EDUPFA, 2005. Coleção Ciências Sociais.

VANUCCI, M. **Os Manguezais e Nós**: São Paulo, Edusp / CNPq, 1999.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar: In. **Individualismo e Cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 7ª ed. Rio de Janeiro, 2004: Jorge Zahar, p. 123 – 132.

VELHO, O. G. **Frentes de Expansão e Estrutura Agrária**: estudo do processo de Penetração numa Área da Transamazônica, 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

WEINSTEIN, Bárbara. Seringueiros e Comerciantes: In **A Borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850 – 1920)**, São Paulo, Hucitec – Edusp, 1993.

GLOSSÁRIO

Atilho – Fios de nylon usado pelos tiradores para amarrar os caranguejos em duas fileiras de sete para cada lado que eles denominam de cambada.

Ave de Arribação – Comerciante que compra caranguejo eventualmente, voador não é fixo. Neste caso específico, o comerciante compra caranguejo quando viaja para o Maranhão.

Barraqueiros – Comerciantes da praia de Ajuruteua.

Barco – Embarcação a motor de pequeno porte.

Bote – Embarcação a motor de médio porte.

Canoa – Embarcação a remo.

Conferência – Contar as cambadas de caranguejo que se constitui de 14 unidades amarradas em fios de nylon.

Despesa – O mesmo que peixe, farinha, arroz e café, ou o mesmo que refeição.

Despesinha – O que o organizador da turma fornece para o tirador de caranguejo (um pedaço de tabaco, meio kg de farinha, uma caixa com fósforo e duas folhas de papel para embrulho).

Espalhar o sangue – Casar com pessoas de fora da Vila do Acarajó ou não casar com parente.

Esquema – Fornecimento de caranguejo entre os comerciantes que fretam caminho.

Friadagem – O ambiente manguezal que é sempre frio devido à ausência da luz do sol, característicos do ecossistema manguezal.

Galinha de Quintal – Galinha criada nos quintais da residência, que não são compradas.

Galinha de Granja – Galinha branca, criadas em granjas e compradas nos comércios locais.

Ganho – O valor que o tirador recebe em dinheiro pela venda do caranguejo.

Homem forte do caranguejo – Comerciante que compra em grande quantidade de caranguejo e comercializa fora da região de Bragança.

Intermediário – O mesmo que atravessador, pequeno comerciante ou marreteiro.

Mangal – Ecossistema manguezal ou manguê.

Manipulador – Quando o comerciante se refere à pessoa que organiza os tiradores de caranguejos em turmas nos fins de semana.

Marejada – Avanço das águas, enchente da maré

Marreta – O mesmo que negociar, comprar e vender

Marreteiro particular ou desguiado – Marreteiro ou comerciante (concorrente) que compra caranguejo do tirador que viaja no caminhão.

Marreteiro Avulso – Comerciante (concorrente) que compra em pequenas quantidades de caranguejos e que são em número expressivo.

Mariscar – Pescar de linha, tirar caranguejo próximo à residência, pescar amoré e camarão.

Miudinho – Caranguejo pequeno.

Mizura – Barulho que a visagem faz no manguezal para que o tirador fique com medo.

Mucado – Muito, grande quantidade

Mucuí – O mesmo que maruí, mosquito minúsculo que compõe a cadeia produtiva dos manguezais.

Mundiar - Quando a visagem faz o tirador perder completamente a noção de rumo e não encontra a saída do manguezal.

Organizador da turma – Quando os tiradores se referem à pessoa que os “contrata” para tirar caranguejo nos fins de semana.

Paneiro – Cesto vazado trançado de tala.

Parentagem – Reunião de parentes consangüíneos e afins.

Particular – Comerciante e tirador de caranguejo que não viajam no caminhão fretado.

Pavulagem – Pessoas da Vila do Acarajó com comportamento que foge o padrão da maioria, como por exemplo, não gostar de farinha ou peixe que seria até absurdo. Ou pessoas de fora que não aceitam, por exemplo, um cafezinho coado na hora.

Peão – Tirador de caranguejo que gasta o que ganha, não pensa em guardar dinheiro, irresponsável, é comparado muitas vezes ao garimpeiro.

Pente – Baixo ventre.

Pintainho - Linguagem local quando se refere ao pintinho.

Puxar - Comercializar as cambadas de caranguejo fora da região de Bragança.

Ponto – Lugar do manguezal que tem bastante caranguejo.

Porto – Furos de rio, lugar de embarque e desembarque dos tiradores de caranguejo nas canoas para viajar até os pontos de tiração.

Se abancar – Entrar na residência de alguém da Vila do Acarajó e se sentir a vontade.

Siribeira - Vegetação do manguezal, o mesmo que siriúba.

Trecho – Rodovia PA 458, estrada que liga a cidade de Bragança a praia de Ajuruteua.